



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

*REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E  
INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Serviço Social

por

Cátia de Assis Carvalho Serrano

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2012



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

*REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E  
INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Serviço Social

por

Cátia de Assis Carvalho Serrano

Sob orientação do Professor Doutor Henrique Joaquim

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2012

## RESUMO

O envelhecimento demográfico é uma realidade que todos reconhecemos e temos que encarar. Os desafios face a esta realidade são muitos, e exigem de todos nós um novo olhar devido ao seu impacto a nível social. Sendo uma meta das sociedades procurar prolongar a vida dos seus cidadãos, não seria coerente não procurar também, uma melhoria da sua qualidade de vida. Além disso, os constrangimentos da população idosa são muitos, e por vezes torna-se necessário, por diversos factores, a institucionalização do idoso. As conotações, na maior parte das vezes negativas, associadas às instituições, são um considerável factor para se recusar o internamento. Contudo, essas percepções podem não estar adequadas à realidade que tem sofrido alterações ao longo dos tempos.

Neste sentido, esta dissertação tem como temática as representações sociais e a institucionalização de pessoas idosas, e como objecto empírico de investigação a imagem que as pessoas idosas têm sobre a institucionalização que já vivem, ou que possam vir a viver.

Relativamente aos procedimentos metodológicos, a orientação adoptada enquadra-se na abordagem qualitativa, apresentando-se fundamentalmente como um estudo comparativo. Assim, numa perspectiva compreensiva dos fenómenos sociais, optou-se por imergir na realidade de um serviço de apoio domiciliário, de um centro de convívio, e de um Lar, na freguesia de Benfica, três respostas sociais diferentes e destinadas a pessoas idosas, de modo a obter um conhecimento da vida social em estudo e apreendendo o significado dado pelos sujeitos aos seus próprios contextos. Desta forma, realizaram-se cinco entrevistas semi-directivas a cinco pessoas de quatro grupos distintos: o grupo do apoio domiciliário, o grupo do centro de convívio, o grupo do Lar, e o grupo dos potenciais utilizadores de respostas sociais. De referir que foi desenvolvido um trabalho de campo através das entrevistas semi-directivas às pessoas de cada um dos grupos e da pesquisa documental. Posteriormente, toda a informação recolhida foi alvo de tratamento qualitativo através da análise de conteúdo.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Institucionalização; Representações Sociais.

## ABSTRACT

Demographic aging is a reality that we all recognize and we have to face. The challenges faced with this reality are many and require a new look due to its impact on social level. Being a target of society seek to prolong the life of its citizens, it would not be consistent not to try also, improve their quality of life. In addition, the constraints of the elderly population are many, and sometimes it becomes necessary, due to various factors, the institutionalization of the elderly. The connotations, in most often negative, associated with institutions, are a major factor to refuse the internment. However, these perceptions may not be adequate to reality because of the changes that have occurred in recent times.

Thus, this thesis has as theme, the social representations and the institutionalization of older people, and as subject of empirical research, the image that older people have on the institutionalization, that already live in a real-life situation, or who may be experiencing.

With respect to the methodological procedures, the guideline adopted fits in the qualitative approach, presenting primarily as a comparative study. Thus, in a comprehensive perspective of social phenomenon, we chose to immerse in the reality of a service of home care, a recreation center, and a nursing home, in the parish of Benfica, three different social responses, in order to obtain a knowledge of social life in study and apprehending the meaning given by the subjects to their own contexts. This way, there have been five semi-directive interviews to five people of four distinct groups: the group of the home care, the group of the recreation center, the group of the nursing home, and the group of potential users of social responses. To say that it has been developed a field work through the semi-directive interviews to people from each of the groups and through the documentary research. Subsequently, all the information gathered will be the target of qualitative treatment through content analysis.

**Keywords:** Aging; Institutionalization; Social Representations.

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus agradecimentos são dirigidos a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização da presente dissertação.

Ao Doutor Henrique Joaquim, orientador da tese, agradeço os ensinamentos, o interesse, o incentivo, a disciplina, a paciência, a confiança depositada em mim e também a oportunidade dada para pensar sobre as presentes temáticas.

À Doutora Isabel Vieira, pela disponibilização de recursos, pela experiência e sabedoria, imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Ao Doutor Francisco Branco, pelos conhecimentos e disponibilidade cedida para o esclarecimento de dúvidas.

À Doutora Paula e à Paróquia de Benfica, pela disponibilidade, incentivo, aprendizagem e confiança depositada em mim.

Ao GApA, pelo apoio dado, pela oportunidade de estudo e aprendizagem e pela influência positiva em todo o meu percurso, a minha sincera e profunda gratidão.

À Universidade Católica Portuguesa e todos os seus docentes, pelos seus ensinamentos, profissionalismo e vasta experiência, por possibilitarem ainda mais o meu crescimento pessoal e profissional.

Um especial agradecimento a todos os meus Amigos, que me apoiaram na execução desta dissertação, através do incentivo, da partilha e da crítica. O vosso apoio encheu sempre o meu coração de alegria e esperança.

O meu sincero agradecimento, aos participantes desta investigação, pelas histórias, opiniões e expectativas que partilharam comigo e pela confiança em mim depositada.

Aos meus Pais, pelo apoio puro e incondicional, fundamental em todos os momentos do meu percurso, essencial ao meu crescimento, formação e realização pessoal, e pela fé

que colocam em mim. Aos meus Avós, pelo exemplo vivo de um envelhecimento digno, bem-sucedido e activo. Obrigada do fundo da minha alma e do coração por fazerem parte da minha Vida.

E, por fim, a:

*“Todos nós, seres humanos, instrumentos de Deus, que acreditamos  
no domínio da Sua Paz e Amor, ponhamos mãos à Obra.”*

(São Francisco de Assis)

## ÍNDICE

Índice.....	vii
Índice de Siglas .....	ix
Introdução .....	1
1. A Arte de Saber Envelhecer.....	7
1.1 Breve Abordagem ao Envelhecimento Demográfico.....	7
1.2 Envelhecimento, Velhice, Pessoa Idosa.....	11
1.3 Consequências do processo de Envelhecimento .....	13
2. A Institucionalização: um Desafio para Todos.....	23
2.1 O Conceito de Institucionalização: Causas e Consequências .....	23
2.2 Redes de Suporte Social .....	28
2.3 Políticas e Respostas Sociais.....	30
2.4 Integração no Espaço Institucional .....	38
3. Um Olhar sobre o conceito de Representação Social .....	42
3.1 Representações Sociais: uma forma de conhecimento? .....	42
3.2 Mecanismos de formação das representações sociais .....	45
3.3 Elementos constitutivos das representações.....	49
3.4 Dimensões funcionais das representações.....	51
3.5 Representações Sociais face à Pessoa Idosa e à Velhice .....	52
Esquema Síntese do Quadro Conceptual .....	58
1. Considerações Metodológicas .....	61
1.1 Percurso Metodológico .....	61
1.2 Técnicas de Recolha da Informação .....	64
1.3 Técnicas de Análise da Informação .....	67
2. Análise e Interpretação dos Dados.....	69
2.1 Percepções sobre o processo de envelhecimento .....	71
2.2 Percepções sobre as instituições e serviços de apoio a pessoas idosas ..	76
2.3 Percepções sobre o papel da sociedade civil.....	79
2.4 Percepções sobre os lares de idosos .....	83
Considerações Finais.....	91
Bibliografia .....	101
Anexos .....	110
Anexo A: Esquema Conceptual do Quadro Teórico.....	111

Anexo B: Grelha/Guião da Entrevista Exploratória.....	113
Anexo C: Transcrição das Entrevistas Semi-Directivas .....	117
Anexo D: Quadro de Caracterização das Pessoas Entrevistadas .....	155
Anexo E: Análise de Conteúdo das Entrevistas Semi-Directivas .....	160



## ÍNDICE DE SIGLAS

ABVD – Actividades Básicas da Vida Diária  
APP – Associação Portuguesa de Psicogerontologia  
CAD – Centro de Apoio a Dependentes  
CC – Centro de Convívio  
CD – Centro de Dia  
CE – Comunidade Europeia  
CN – Centro de Noite  
CSPB – Centro Social Paroquial de Benfica  
DGAS – Direcção Geral da Acção Social  
DGS – Direcção Geral de Saúde  
INATEL – Instituto Nacional de Aproveitamento dos Tempos Livres  
INE – Instituto Nacional de Estatística  
IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social  
MSST – Ministério da Segurança Social e do Trabalho  
OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico  
OMS – Organização Mundial de Saúde  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PAII – Programa de Apoio Integrado a Idosos  
PILAR – Programa Idosos em Lar  
SAD – Serviço de Apoio Domiciliário  
UAI – Unidade de Apoio Integrado  
UE – União Europeia

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi realizada no âmbito do Mestrado em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, apresentando como temática as representações sociais sobre a institucionalização de pessoas idosas.

Torna-se fundamental reflectir sobre as alterações demográficas desencadeadas pelo envelhecimento populacional das sociedades contemporâneas, sendo preponderante descortinar novas formas de equacionar o envelhecimento, e tendo sempre em atenção as reais necessidades e expectativas das pessoas idosas. Considerando também a estrutura familiar moderna, o estado de saúde e grau de dependência e as novas exigências sociais, a pessoa idosa pode ser sujeita a um processo de decisão de entrada numa instituição. Nesta perspectiva, e face à metodologia qualitativa escolhida, definiram-se como objectivos específicos: apurar as representações sociais de cada grupo entrevistado, conhecer e comparar as representações sociais dos diferentes grupos e a razão de ser das mesmas, sobre o fenómeno da institucionalização, e ainda compreender o impacto que estas possam ter ou não na vivência quotidiana das pessoas entrevistadas.

Neste sentido, e face ao exposto, a pesquisa que se apresentará, tem por suporte as seguintes questões orientadoras:

- Como é que as pessoas idosas se percebem a si mesmas?
- Como é que as pessoas idosas percebem a institucionalização em lares?
- Quais os principais factores acerca da representação sobre a institucionalização?

Parte-se pois de um quadro de referência sobre o envelhecimento para sustentar a necessidade de compreender o conceito de institucionalização, relacionando-o com alguns equipamentos sociais e os serviços de resposta às pessoas idosas, nomeadamente os lares, o serviço de apoio domiciliário e o centro de convívio, e articulando-os com o conceito das representações sociais, de forma a perceber as percepções das pessoas idosas a respeito do fenómeno da institucionalização.

Muitos idosos, menos jovens... Como se vê a Pessoa Idosa? Numa posição de privilégio como tinha no passado devido à sua experiência de vida? Maior longevidade devido aos progressos da medicina e das condições económico-sociais trazendo um maior bem-estar durante muito mais tempo? Ou pelo contrário, numa posição socialmente menos valorizada, sobretudo quando a dependência aumenta e a saúde falta? E que possibilidades tem hoje a família para ter em casa uma pessoa que precisa de cuidados constantes?

Para Polit, a revisão da literatura “proporciona os antecedentes para a compreensão do conhecimento actual sobre um tópico, assumindo uma função integradora e facilitadora de acumulação de conhecimentos” (Polit, 2004:25). Assim, o objectivo é apresentar um enquadramento das questões teóricas centrais que concorrem para a compreensão do processo de envelhecimento e de institucionalização, e das representações sociais existentes a respeito da mesma.

Na sociedade pós-moderna e tecnológica, onde cada vez mais se constata uma complexidade inerente às mudanças sociais e familiares, as pessoas idosas tendem a ser esquecidas, perdendo o prestígio e notoriedade de outros tempos. De facto, a inevitabilidade do envelhecimento apresenta um inegável impacto não só no mercado de trabalho, como também nos sistemas de protecção social, organização familiar e societária, e de um modo geral, a sociedade está a adaptar-se ao desafio do envelhecimento, assistindo-se assim, nos últimos anos, a uma proliferação de dispositivos de apoio social. O envelhecimento humano não é só um problema demográfico, mas um fenómeno complexo que envolve aspectos sócio-culturais, políticos e económicos em interacção dinâmica com a dimensão biológica e subjectiva dos indivíduos. Por isso, a reestruturação dos sistemas de reforma, os regimes de previdência social e o aumento das instituições de apoio são indicadores da preocupação e adaptação social ao fenómeno do envelhecimento. Há, no entanto, necessidade de definições e conceptualizações para um maior entendimento destas matérias. Outro aspecto é que a ausência de uma estável rede de apoio familiar capaz de responder às necessidades de autonomia e bem-estar dos mais idosos conduziu ao aparecimento de instituições e de novos processos de adaptação (Lima, 1988:156). Por conseguinte, a institucionalização de idosos, que é por vezes um tabu, envolve valores, responsabilidades, crenças e necessidades, e portanto torna-se uma problemática social e

familiar de difícil gestão. Daí o propósito central desta dissertação ser, em termos globais, o estudo da forma como as pessoas idosas se vêem a si próprias, como encaram um possível e, se necessário, processo de institucionalização num lar, e o que as faz pensar dessa forma.

Neste sentido, as investigações realizadas em Portugal sobre o conceito do envelhecimento centram-se sobretudo nos domínios da Demografia, Gerontologia e Geriatria. Encontraram-se estudos que salientam conteúdos mais específicos tais como: os aspectos psicossociais (Neto, 1999; Paúl & Fonseca (1999) e as análises demográficas (Nazareth, 1994; Martins 2006; Carrilho & Patrício, 2008). Outras referências teóricas de suporte basearam-se também nas consistentes contribuições de diversos autores, tais como: António Fonseca (2006), Barros de Oliveira (2010), Louise Berger (1995), Ana Fernandes (2002), Sousa e Figueiredo (2004), Zimmerman (2000), entre outros. Em relação ao conceito de institucionalização, privilegiaram-se autores de referência como Goffman (1974), Zimmerman (2000), Paúl (1997) e Born & Boechat (2006). E, no que diz respeito ao conceito das representações sociais utilizou-se Moscovici (1976), Jodelet (1989), Vala (1996) e Neto (1998). Pensa-se que esta aproximação teórica das representações sociais pode contribuir para a compreensão dos fenómenos supracitados uma vez que permite identificar os modos de pensar (Poeschl, 2003), ou seja, permite caracterizar os conhecimentos e crenças de diferentes indivíduos face, neste caso, ao fenómeno da institucionalização e do próprio envelhecimento.

Em termos da pertinência social, o envelhecimento é considerado um tema mais que actual, pois tendo em conta o aumento da população idosa, considera-se que hoje em dia, os problemas sociais das pessoas idosas deixaram de ser uma questão que diga apenas respeito a elas próprios, pois o aumento deste grupo é um factor que afecta e deve preocupar toda a sociedade. Assim, se por um lado, a sociedade actual se confronta com um crescimento massivo da população idosa, por outro lado, revela por vezes atitudes preconceituosas sobre a velhice, retardando assim uma efectiva adopção de medidas que visem minorar e prevenir situações de dependência. No entanto, parece ser evidente que a decisão de institucionalização não é fácil de tomar, seja por parte dos familiares seja por parte dos idosos, e tem na sua base um conjunto de factores bastante diversos, motivo pelo qual se torna importante efectuar esta investigação. É desta forma que o conhecimento sobre as representações sociais da velhice e da institucionalização

são um passo fundamental para o dimensionamento de políticas de valorização e dignificação da velhice, em termos institucionais, da sua preparação e vivência, e da melhoria das relações entre as gerações.

Por outro lado, os lares de idosos foram, durante muitos anos, a única resposta social dirigida à população idosa. No entanto, numa perspectiva de mudança de actuação, começou a manifestar-se uma preocupação crescente com a manutenção das pessoas idosas no seu quadro habitual de vida, com vista à promoção do seu bem-estar físico, psíquico e social. Neste sentido, regista-se uma preocupação em evitar o recurso à institucionalização, numa lógica de apoio por parte da família e/ou comunidade e por parte dos serviços locais que assegurem a satisfação das necessidades das pessoas idosas. Mas como pode a pessoa idosa aceder a uma vida com qualidade quando é segregada no contexto social, tornando-se uma carga para a família, sendo por vezes institucionalizada em lares geradores de perda de auto-estima e isolamento? De facto, este é um de muitos aspectos negativos que ilustram apenas certas dimensões do envelhecimento, conduzindo a atitudes discriminatórias que estão essencialmente ligadas a ideias preconcebidas, a mitos e a estereótipos.

É neste quadro que assume particular significado a responsabilidade e o papel das ciências sociais e humanas no estudo do envelhecimento e no suporte à criação de medidas e implementação de serviços que se destinam à promoção do bem-estar da população idosa (cf. Paúl, 1997). O Serviço Social insere-se neste campo destinado a intervir na realidade humana e social, e apoiando-se num quadro teórico de referência que, tem na sua origem, inúmeras posições e visões em relação ao mundo, ou seja, vivências e experiências pessoais, sociais e ideológicas. E na sua singular contribuição, o presente trabalho pretende também resgatar a contribuição das ciências sociais e humanas para o conhecimento do envelhecimento humano, das respostas sociais existentes e para uma melhor compreensão da importância das representações sociais das pessoas a respeito do fenómeno da institucionalização e do próprio envelhecimento.

Para além das justificações de ordem social e académica, a escolha desta temática resulta igualmente do gosto e interesse pessoal, pelo facto de a velhice ser uma experiência gratificante que deve ser valorizada, e por ser um tema caro ao ser humano e inevitável a todos, e que portanto faz suscitar inúmeras interrogações.

Esta dissertação está dividida em duas partes, sendo que a primeira parte se dedica às perspectivas teóricas e a segunda parte aos dados empíricos e respectiva análise.

De seguida, num primeiro capítulo é apresentado o referencial teórico desenvolvido em torno de três grandes temáticas. Abordar-se-á numa primeira parte questões de carácter mais geral sobre o envelhecimento, tais como o fenómeno do envelhecimento demográfico da população, os conceitos de envelhecimento, velhice e terceira idade, e respectivas consequências fisiológicas, psicológicas e sociais. Posteriormente, procedeu-se ao aprofundamento do conceito de institucionalização, fazendo-se referência às redes de suporte social e respectivas políticas e respostas sociais. E por fim, uma abordagem ao conceito de representação social, pois torna-se importante perceber o processo de construção e formação das percepções dos entrevistados, sobretudo a partir da sua experiência social e do seu universo subjectivo.

Num outro capítulo surge a apresentação e justificação das orientações metodológicas adoptadas, sendo igualmente explicitadas as técnicas de recolha e de análise da informação e esclarecidos os objectivos da presente investigação.

Numa última parte, procede-se à análise e interpretação dos dados recolhidos, sendo estes interpretados com base no referencial teórico apresentado e devidamente conceptualizado que fundamenta as temáticas em estudo, e procurando-se fazer um confronto das várias abordagens dos autores e respectivas percepções das pessoas entrevistadas, detectando-se semelhanças ou oposições.

Por fim, apontam-se as considerações finais desta investigação, pretendendo-se não só uma avaliação do trabalho realizado, como também deixar um conjunto de hipóteses explicativas e de propostas consideradas pertinentes para a prossecução de um futuro estudo.

*“A expressão do envelhecer não é um problema. É uma das maiores conquistas da humanidade. O que é necessário é traçarem-se políticas ajustadas para envelhecer são, autónomo, activo e plenamente integrado.”*  
Kofi Annan (2002)

## **1. A ARTE DE SABER ENVELHECER**

Na sociedade actual, onde se constata uma complexidade inerente às mudanças sociais e familiares, as pessoas idosas tendem a ser esquecidas, perdendo a notoriedade de outros tempos. De facto, a inevitabilidade do envelhecimento apresenta um inegável impacto não só no mercado de trabalho, como também nos sistemas de protecção social, organização familiar e societária. E de um modo geral, a sociedade está a adaptar-se ao desafio do envelhecimento, desenvolvendo-se assim uma proliferação de dispositivos de apoio social. Neste sentido, o envelhecimento não é só um problema demográfico, mas é sobretudo um fenómeno mais complexo que envolve aspectos sócio-culturais, políticos e económicos, em interacção dinâmica e permanente com a dimensão biológica e subjectiva dos indivíduos. Por isso, a reestruturação dos sistemas de reforma, os regimes de previdência social e o aumento das instituições de apoio são indicadores da preocupação e adaptação social ao fenómeno do envelhecimento.

### **1.1 Breve Abordagem ao Envelhecimento Demográfico**

Falar de envelhecimento implica falar no envelhecimento populacional, um fenómeno irreversível, que tem vindo a assumir especial importância, pois é uma realidade contemporânea que surge como factor relevante na sociedade, traduzindo-se pelo aumento da importância das pessoas idosas. A tomada de consciência desta situação motivou a sociedade para a implementação de acções, sustentadas em políticas e programas sociais na área da saúde e da acção social, de forma a proporcionar uma vivência positiva da terceira idade. Assim, “aquilo em que consiste a terceira idade, as oportunidades que proporciona e os fardos que implica, está de facto a mudar drasticamente” (Giddens, 2007:164).

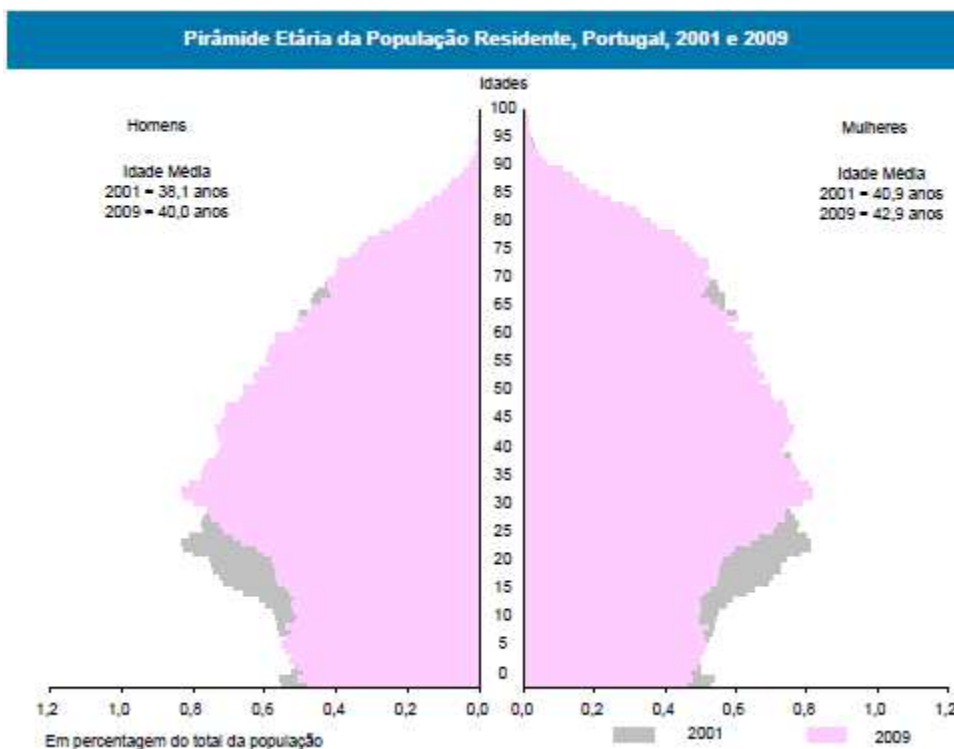
Segundo a Organização Mundial de Saúde, ser idoso consiste em “qualquer indivíduo com 65 e mais anos, independentemente do sexo e estado de saúde” (cf. OMS, Carta de Ottawa para a Promoção da Saúde, Genève, 1986). E, muito embora, o indivíduo seja considerado idoso quando atinge a etapa dos 65 anos, é nesta fase da vida que se



verificam “(...) maiores riscos, porque é rica em transformações nos planos físico, psíquico e social, de origem interna ou externa” (Fernandes, 2002:35). Todavia, apesar de se tratar de uma nova fase do ciclo de vida, as pessoas idosas não são associadas à inutilidade devido à idade, se bem que na sociedade “(...) predomina uma noção de velhice baseada em critérios de estatuto e idade” (Fernandes, 2002:30). Contudo, falar de pessoas idosas é também uma questão demográfica, sendo de referir que este facto se deve ao “declínio da natalidade a partir dos anos setenta e à dificuldade verificada em vários países em renovar gerações” (Oliveira, 2010:14). Este aspecto está directamente relacionado com o crescente número de idosos face ao de jovens e é sustentado por uma esperança média de vida elevada e por níveis baixos de fecundidade, também dificilmente alteráveis. A este respeito, Patrício e Carrilho (2002), referem que

“(...) o progresso no campo da mortalidade, sobretudo na mortalidade infantil, o retardar da idade média da mulher ao primeiro casamento e ao nascimento do primeiro filho, e o conseqüente reflexo no encurtar do período de procriação, a difusão dos métodos modernos de contracepção, a dificuldade dos jovens no acesso à habitação e ao primeiro emprego, e o conseqüente adiamento da saída de casa dos pais, o prolongamento da escolaridade obrigatória, o aumento do nível de instrução e da actividade profissional da mulher, a afirmação social e profissional do casal, a dificuldade em conciliar a vida profissional, familiar e pessoal, o processo de urbanização e as correntes migratórias, são alguns dos factores normalmente apontados para explicar a baixa fecundidade” (Patrício e Carrilho, 2002:157).

Para Fernandes, o envelhecimento demográfico é uma realidade nova na história das populações e das sociedades industrializadas, sendo que as projecções indicam que a tendência para o envelhecimento é acentuada (cf. Fernandes, 1997). Em Portugal e de acordo com os dados disponibilizados pelo INE, o cenário não é muito diferente dos restantes países desenvolvidos, sendo que as alterações na estrutura demográfica estão bem explícitas nas pirâmides etárias de 2001 e 2009.

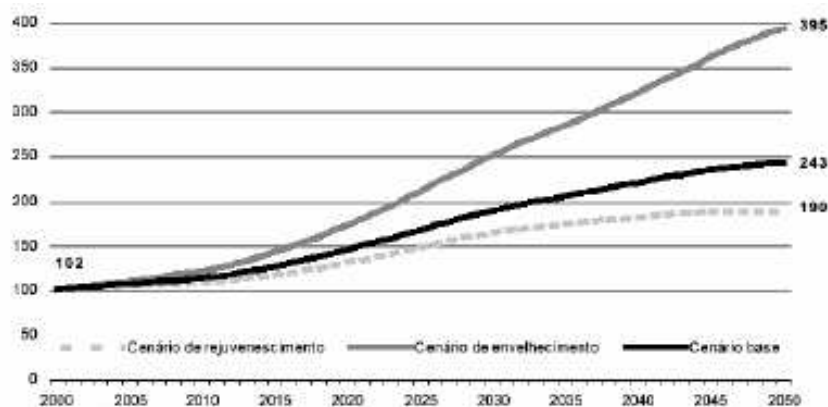


**Figura 1** – Pirâmide Etária da População Residente, Portugal, 2001 e 2009

Fonte: INE/ DECP, Estimativas da população residente em Portugal

A população idosa, ou seja, igual ou superior a 65 anos, representava em 2001, cerca de 16,5%, reforçou essa posição aumentando continuamente até atingir os 17,9% em 2009 (cf. Carrilho e Patrício, 2009). Dentro da população idosa, o crescimento é mais forte nos idosos mais velhos, estando bem visível na evolução do peso relativo da população com 75 ou mais anos, que subiu 6,9% em 2001 para 8,4% em 2009, sendo a tendência mais acentuada entre as mulheres (8,3% em 2001 e 10,0% em 2009) (Carrilho e Patrício, 2009:130). Nas palavras de Rosa, e reflectido nos dados demográficos apresentados, a população portuguesa conheceu “(...) uma modificação do seu perfil etário que se traduz por uma alteração da configuração geral da pirâmide, a qual perde a forma inicialmente marcadamente triangular, passando a apresentar uma forma tipo urna”, e verificando-se um duplo envelhecimento da população portuguesa, com a redução da população jovem e o aumento da população idosa (ver figura 1) (Rosa, 1999:9). Os resultados provisórios dos Censos 2011, referenciados ao dia 21 de Março de 2011, indicam que 15% da população residente em Portugal se encontra no grupo etário mais jovem (0-14 anos) e cerca de 19% pertence ao grupo dos mais idosos, com 65 ou mais anos de idade.

O Departamento de Estatística da União Europeia, o Eurostat, traça um cenário em que a percentagem de idosos portugueses praticamente duplicará entre 2004 e 2050, e em que chegarão aos 31,9%, sendo que Portugal será o quarto país da União Europeia com maior percentagem de idosos.



**Figura 2** – Índice de envelhecimento, INE (2003), Projeções da população residente em Portugal, 2000-2050, pág. 4

Como se pode constatar na figura 2, o contínuo afastamento entre a percentagem de jovens e idosos traduz-se naturalmente no aumento do índice de envelhecimento que poderá atingir, em 2050, os 395 ou 190, dependendo do cenário considerado. Portanto, à medida que a sociedade está a envelhecer, fruto de um aumento da esperança de vida, de uma melhoria das condições de vida e de notáveis progressos tecnológicos da medicina, os dados estatísticos apresentados confirmam a importância que o universo da população idosa ocupa na estrutura demográfica. E subscrevendo as palavras de Natário

“(…) se o envelhecimento da população é uma aspiração natural de qualquer sociedade e, apesar de esta continuamente desenvolver esforços no sentido de prolongar a vida humana, então oferecer as condições adequadas aos idosos para viver com bem-estar é um importante desafio que se coloca (…)” (Natário, 1992:55).

Neste contexto, as questões inerentes ao envelhecimento demográfico proporcionaram um facto social, ou seja, o ser idoso não é visto como um problema, mas como uma necessidade de resposta social, que mobiliza o Estado, pessoas, meios e esforços no sentido de resolver problemas para os quais era necessário encontrar diferentes respostas. Está-se a caminhar para uma sociedade onde os padrões institucionais de actuação terão que se adequar às mudanças proporcionadas pela revolução silenciosa do

sistema demográfico, e tal pode-se justificar pelas repercussões sociais, económicas, políticas e culturais que derivam da alteração do conjunto destes factores demográficos (cf. Osório, 2007). Assim, começaram a emergir um conjunto de conceitos, políticas, respostas e serviços, os quais se foram pensando, trabalhando e estudando, para se poder chegar a um nível mais global, e melhorando a intervenção junto dos mesmos.

## **1.2 Envelhecimento, Velhice, Pessoa Idosa**

Desde sempre, o Homem se preocupou com o envelhecimento, abordando-o de diversas formas. Todavia se se quiser apresentar uma definição geral e concreta, não é propriamente fácil, pois trata-se de um conceito multidimensional e bastante complexo, onde prevalecem diversas divergências, resultado de uma sociedade repleta de conceitos alterados de acordo com os contextos político, económico e cultural. Alguns caracterizam-no como uma diminuição das capacidades, outros consideram-no como um período de crescente vulnerabilidade e maior dependência, enquanto outros o vêem como o pico da sabedoria, do bom senso e da maturidade. No entanto, o envelhecimento nem sempre foi visto e tratado da mesma forma. Expressões como terceira idade, envelhecimento e velhice são usadas, indiferentemente, sem se dar conta, muitas vezes, do que cada uma significa, que processos e construções conduziram ao aparecimento das mesmas e que representações estão subentendidas em cada uma delas.

Segundo Netto, citado por Freitas et al., “(...) o envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o idoso (resultado final), constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados (...)” (Freitas, 2002:10).

A Organização Mundial de Saúde define idoso como “qualquer indivíduo com 65 ou mais anos, independentemente do sexo e estado de saúde” (cf. OMS, Carta de Otawa para a Promoção da Saúde, Genève, 1986). Por sua vez, Fernandes afirma que embora o indivíduo seja considerado idoso quando atinge os 65 anos, “(...) esta fase da vida é rica em transformações nos planos físico, psíquico e social, de origem interna ou externa (...)” (Fernandes, 2002:35). Assim, referimo-nos a uma pessoa idosa para designar os indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos, e “(...) quando começam a acentuar-

se as alterações físicas, psicológicas e sociais mais significativas” (Cabete, 2002:11). Quanto ao conceito de envelhecimento, e apesar de estar directamente ligado com o anterior, trata-se de um acontecimento natural comum a todos os indivíduos e que segundo Vieira, “(...) não é um acidente de percurso, mas a continuação de um determinado programa de crescimento e maturação em várias dimensões” (Vieira, 1996:52). É importante referir que o organismo humano passa por diversas fases desde a sua concepção até à morte: a infância, a puberdade, a maturidade ou fase de estabilização, e o envelhecimento. Assim, para Berger e Mailloux-Poirier, o ser humano envelhece de uma forma gradual, sendo um processo multidimensional que comporta momentos e ritmos diferentes para cada ser humano (cf. Berger e Mailloux-Poirier, 2003), e para Zimmerman, “envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo, de forma natural e gradativa, sendo em maior ou menor grau, de acordo com as características genéticas e, principalmente, com o modo de vida de cada indivíduo” (Zimmerman, 2000:21). Pode, portanto, ser definido como um processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de acidente ou doença, e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo (cf. Sousa e Figueiredo, 2004). Significa isto que o envelhecimento não é em si mesmo uma doença, embora possa ser acelerado ou agravado pela doença. É um processo que acompanha toda a vida humana, “(...) de deterioração endógena e irreversível da estrutura e funcionalidade de vários órgãos e tecidos” (Sousa & Figueiredo, 2004:23). É, igualmente, reconhecido o papel de factores extrínsecos para o envelhecimento e para a forma como se envelhece (cf. Paúl, 1997). Trata-se de um fenómeno inevitável, inerente à própria vida, e traduz-se no declínio de capacidade e funções. Neste sentido, se o envelhecimento é um processo que se vai desenvolvendo ao longo da vida, implica aprendizagens, adaptações, participação e até mesmo ajudas, pelo que é necessário as pessoas encararem a vida de um modo positivo, tentando sempre resolver os problemas que vão surgindo, preservando a sua própria autonomia e minimizando os aspectos menos bons e valorizando os mais positivos.

Assim, e na óptica de Costa (1998:49), o conceito de envelhecimento pode ser analisado à luz de quatro perspectivas. Primeiro, a idade cronológica determinada pelo calendário, pelo passar do tempo decorrido desde o nascimento. Depois, a idade biológica definida como a posição do indivíduo no seu ciclo de vida, sendo que o aparecimento de patologias poderá condicionar a vulnerabilidade do mesmo. De seguida, a idade social que se refere aos papéis sociais, comportamentos e hábitos desempenhados pelo

indivíduo no seio do seu grupo social. E por fim, a idade psicológica relacionada com as capacidades de adaptação dos indivíduos ao meio ambiente, nomeadamente, o uso da memória, aprendizagem e sentimentos, que se poderão cruzar com factores de ordem cultural e social, influenciando a forma como cada um envelhece (cf. Costa, 1998).

Relativamente à velhice, o termo não designa uma idade específica, mas refere-se a um processo evolutivo natural da vida do ser humano. E portanto, só poderá ser melhor compreendida na sua totalidade, à luz dos valores criados pela sociedade, através de quem envelhece, de como se vêem a si próprias as pessoas com idade mais avançada, como vêem a sua vida e como sentem a velhice a partir da sua experiência pessoal, pois para além de ser um facto biológico, é também um facto cultural.

Em suma, envelhecer não é ser velho, é ir sendo mais velho dentro de um processo complexo de desenvolvimento entre o nascimento e a morte, inerente a todos os seres vivos (cf. Marques, 2011). Ser mais velho implica, nesta perspectiva, a passagem do tempo e a quantidade de anos que se vive. Por esta razão, compreende-se que todo o ser humano cresce e evolui, logo, envelhece. Ou seja, concebe-se o envelhecimento como um processo que não se reduz a perdas, mas antes, como uma interacção contínua entre fenómenos biológicos, psicológicos e sociais, que provoca alterações no organismo à medida que a idade cronológica aumenta. Assim, do ponto de vista biopsicossocial, pode dizer-se que não se envelhece da mesma forma, no mesmo ritmo e na mesma época cronológica. O que significa que, embora o envelhecimento seja comum a todas as pessoas, revela características próprias de cada um, consoante a constituição biológica e a estrutura da personalidade, em estreita interacção com o meio (cf. Fontaine, 2000). Infere-se, então, que envelhecimento e velhice não são conceitos sinónimos.

### **1.3 Consequências do processo de Envelhecimento**

Neste ponto pretende-se compreender algumas das possíveis consequências que podem advir de um processo de envelhecimento, no desenrolar da vida das pessoas idosas, sendo de destacar as consequências biofisiológicas, as psicológicas e as sociais.

Relativamente às consequências biofisiológicas, e de acordo com as definições dadas anteriormente, o processo de envelhecimento biológico diz respeito às transformações físicas que reduzem a eficiência dos sistemas funcionais do organismo. Quando esse declínio é muito expressivo, dá-se uma diminuição da reserva funcional, colocando o idoso mais vulnerável ao aparecimento de doenças crônicas, que podem levar a modificações da capacidade funcional, ameaçando a sua autonomia e dependência. São transversais a todos os seres humanos e, não sendo resultantes de processos patológicos, revelam simplesmente o passar dos anos. A este conjunto de manifestações dá-se o nome de senescência. E no fundo, senescer não é velhice, é sim envelhecer, o processo que se inicia desde o momento da concepção.

<b>Figura 3 – Modificações Fisiológicas do Envelhecimento</b>	
<b>Alterações Estruturais</b>	Células e tecidos
	Composição global do corpo e peso
	Músculos, ossos e articulações
	Pele e tecido subcutâneo
	Tegumento
<b>Alterações Funcionais</b>	Sistema cardiovascular
	Sistema respiratório
	Sistema renal e urinário
	Sistema gastrointestinal
	Sistema nervoso e sensorial
	Sistema endócrino e metabólico
	Sistema reprodutor
	Sistema imunitário
	Ritmos biológicos e sono

**Fonte:** Berger, L. (1995), *Aspectos fisiológicos do envelhecimento*, pág. 127

Segundo Carvalho (2009), os problemas de saúde na velhice são diversos, sendo os principais: os problemas cardíacos e cérebro-vasculares, a hipertensão arterial, as doenças reumáticas e articulares, a diabetes, as anemias e as perturbações visuais, auditivas e dentárias. Também estão associados à velhice problemas de afecções do sistema respiratório e os problemas mentais como a depressão, a confusão e as insónias.

É também de salientar os tumores do estômago, intestino, rins e úlceras gástricas assim como tumores da próstata e da pele. Independentemente de tudo, o mais importante é ajudar e elucidar a pessoa idosa que as doenças não devem impedi-la de alterar o seu modo de vida de forma a conservar e a manter a autonomia, nem a depreciar-se. Ou seja, a forma pela qual as pessoas encaram e vivem as características do seu envelhecimento é que as classifica como “velhas”.

Neste sentido, é igualmente importante distinguir o envelhecimento primário do secundário (cf. Carvalho, 2009). Enquanto o primeiro, dito envelhecimento normal, reflecte o limite intrínseco de longevidade celular, o envelhecimento secundário, também designado de patológico, ocorre devido aos efeitos acumulados das agressões ambientais, traumatismos e doenças. E para além do envelhecimento normal e patológico, Birren e Schroots (1996) propuseram o conceito de envelhecimento terciário, também intitulado de padrão de declínio terminal, caracterizado por mudanças súbitas em diversas capacidades cognitivas e funcionais, ou seja, uma deterioração dos níveis prévios de capacidade diferente das modificações normais associadas à idade.

Assim, e como foi referido anteriormente, nem todas as pessoas envelhecem da mesma forma, e portanto também nem todas as pessoas apresentam o mesmo grau de autonomia, independência e dependência, sendo portanto fundamental a definição e contextualização destes conceitos. Na diversa literatura denotou-se que existe alguma confusão entre os conceitos de independência e autonomia, todavia, “independência e autonomia são termos que apesar de definirem situações complementares, não são idênticos” (Sequeira, 2007:28). Por isso, tal como Sousa e Figueiredo afirmam “(...) a independência é definida como condição de quem recorre aos seus próprios meios para a satisfação das suas necessidades, a realização das suas actividades de vida diária, (...) a dependência é encarada enquanto incapacidade do indivíduo para se bastar a si próprio, necessitando da ajuda de outro(s), (...) e a autonomia será um comportamento do indivíduo em relação a si mesmo, como autor das suas decisões, regras e escolhas” (Sousa & Figueiredo, 2004:49). A dependência nos idosos resulta tanto de alterações biológicas (deficiências ou incapacidades) como de mudanças nas exigências sociais e, frequentemente, as últimas parecem determinar as primeiras. Desta forma, a qualidade de vida pode ser, muitas vezes, associada a questões de dependência/independência. No entanto, actualmente, fala-se bastante em promover um envelhecimento activo, tentando



assim minimizar ou retardar as situações de dependência, através de actividades que podem tanto ser económicas, como sociais ou até mesmo de lazer. Contudo, ao falar de qualidade de vida deve-se ter em conta os seguintes aspectos: a saúde e capacidade funcional das pessoas idosas, a relação interpessoal que desenvolvem e que os faz sentir acompanhados, a sua independência e autonomia e a sua convicção de utilidade.

Em relação às consequências psicológicas, durante a velhice assiste-se a algumas alterações do foro psicológico devido às mudanças que as pessoas idosas vivenciam no seu dia-a-dia, obrigando-os a desempenhar novos papéis e a enfrentar novos problemas. Com o decorrer dos anos, e devido à falta de vitalidade do organismo, vão preferindo actividades menos exigentes em termos de esforço, dando prioridade a actividades que se desenvolvam em grupo e contacto com outras pessoas. E vão acabando por criar uma imagem de si que tem a ver com a estrutura social em que se encontram inseridos, criando limites para si próprios, que podem ficar muito aquém das suas reais capacidades, podendo originar frustrações.

Desta forma, as fases tardias do ciclo de vida podem ser vividas como um tempo em que as perdas inerentes ao envelhecimento são elaboradas, e em que as energias são direccionadas para o progresso e para novas aquisições. Assim, as perdas podem ser de três ordens, estando estreitamente interligadas: biológicas, como a perda ou limitação da energia física, de mobilidade; psicológicas, como as alterações cognitivas e emocionais; e sociais, como a perda de papéis e de estatutos, a perda de suporte social (cf. Fernandes, 2002).

Para além da perda de utilidade, destaca-se ainda o sentimento de perda de si, como uma das formas de a pessoa idosa se confrontar com a perda do cônjuge ou de outros entes queridos com quem viveu durante muitos anos. Ora, o desinteresse ou apatia pelo mundo externo, incluindo o vínculo aos outros, constitui-se como factor de desmotivação. Subvalorizando o seu potencial, a pessoa acaba por isolar-se e sentir-se só.

Neste sentido, Zimmerman refere como possíveis consequências, “(...) a dificuldade de adaptação a novos papéis e mudanças, a falta de motivação e dificuldade em planear o futuro, a necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afectivas e sociais, e a baixa

auto-estima e auto-imagem (...)”, daí se verificarem casos de depressão e suicídio, e até sentimentos de isolamento e solidão (Zimmerman, 2000:25). No entanto, estas alterações também estão dependentes de outros factores, pois como refere Zimmerman

“(...) assim como as características físicas do envelhecimento, as de carácter psicológico também estão relacionadas com a hereditariedade, com a história e com a atitude de cada indivíduo. As pessoas mais saudáveis e optimistas têm condições de se adaptarem às transformações trazidas pelo envelhecimento, estando mais propensas a verem a velhice como um tempo de experiência acumulada, de maturidade, de liberdade para assumir novas concepções e até mesmo de libertação de certas responsabilidades” (Zimmerman, 2000:25).

Deste modo, as alterações psicológicas devem ser compreendidas e trabalhadas através de um estilo de vida mais saudável e adequado, que englobe uma preparação prévia e atempada a respeito das consequências que podem advir do processo em si, de forma a que o processo de envelhecimento seja o mais natural possível.

Por fim, no que diz respeito às consequências sociais, e paralelamente às alterações biológicas e psicológicas que ocorrem com o envelhecimento, dão-se alterações do foro social, associadas a transformações em termos dos papéis sociais, exigindo uma capacidade de ajustamento às novas condições, nomeadamente ao nível das relações sociais e das actividades sociais (a sua frequência e o seu contexto), dos recursos sociais (condições ambientais, habitação e rendimentos), do suporte social (que tipo de ajuda se pode esperar em caso de necessidade), e do aspecto familiar (a “sobrecarga” que recai sobre a família, sobretudo quando se tem a cargo idosos fragilizados e dependentes) (cf. Sousa e Figueiredo, 2004).

Todavia, ter todos estes aspectos em consideração não é fácil, uma vez que envolvem todas as actividades das relações humanas, as quais são influenciáveis por diferentes perspectivas de ver e de encarar o mundo. No entanto, esta realidade é, em muitos casos, vista como “(...) um declínio do padrão de vida, acompanhado, por vezes, de muitas privações, após a ruptura, muitas vezes drástica, com a actividade laboral” (Levet, 1998:8). Então, é como se o desaparecimento da função de produção marcasse uma perda de utilidade social, sentida pelo idoso reformado e confirmada pela sociedade que “prescinde” destas pessoas, independentemente da sua competência para o trabalho, estabelecendo assim a sua entrada “oficial” na velhice. A pessoa idosa é

rapidamente excluída do trabalho, das suas funções de aquisição e de produção, de manutenção e transmissão de conhecimentos, sem haver uma preparação antecipada para entrar na reforma. É neste sentido que a reforma favorece, negativamente, o isolamento social, a inactividade e a depressão, uma vez que a saída do mundo do trabalho, independentemente da sua vontade, gera no indivíduo um sentimento de falta de importância, utilidade e auto-estima, sobretudo numa sociedade onde o estatuto da pessoa idosa está ligado ao trabalho e à rentabilidade (cf. Fernandes, 2002).

No entanto, se se considerar que cada indivíduo é uma realidade em si mesmo, a idade da reforma, entendida no sentido de “deixar de trabalhar”, tem repercussões diferentes em cada um, o que quer dizer que, se por um lado existem idosos que após a reforma continuam a ter uma vida social activa, por outro lado, a realidade mostra-nos que a maioria acaba por “cair” na inactividade. Para evitar isto, será necessário uma preparação antes da reforma, de modo a que, quando tal venha a acontecer, a pessoa já se encontre preparada psicologicamente para encarar essas mudanças e tenha planeado devidamente a sua nova fase da vida.

A reforma não deve ser confundida com o envelhecimento, mas considerada como um direito que visa garantir a conservação digna do nível de vida da pessoa. A pessoa não está interdita de continuar a desenvolver capacidades de apreender e intervir, e portanto a sua experiência de vida, as suas capacidades e conhecimentos apreendidos e a dedicação a actividades de lazer e de desporto, faz também parte do novo projecto de vida favorecendo novos espaços de socialização e de participação na vida social, política, económica e cultural (cf. Ferrari, 2002). Acima de tudo, trata-se de um apelo à mobilização, ao continuar a fazer, a descobrir, e enfim, a viver, reformulando rotinas e objectivos.

Outro aspecto a ter em conta é o tipo de comportamento que a sociedade e a família esperam que a pessoa idosa tenha, ou seja, que se enquadre dentro dos padrões considerados ajustados à sua idade, definindo o lugar e o papel que deve assumir (cf. Sousa e Figueiredo, 2004). Assim, um envelhecimento poderá ser encarado de uma forma mais ou menos positiva, consoante o sucesso que essa pessoa teve no passado e na forma como viveu todas as outras fases da sua vida. Consequentemente, se a pessoa viveu sempre dedicada ao trabalho alheando-se da sua vida familiar, é natural que nesta

fase da sua vida surjam alguns problemas, até pelo facto de a família não estar habituada a ter a pessoa presente no quotidiano familiar (cf. Sousa e Figueiredo, 2004:37). Podem, deste modo, surgir conflitos de gerações, a não aprovação do comportamento do idoso, entre outros aspectos. De referir ainda que a morte de um dos cônjuges marca profundamente a vida familiar das pessoas idosas, pois à adaptação a esta perda junta-se a necessidade de aprender a viver sozinho (cf. Sousa e Figueiredo, 2004). Todavia, em muitos casos, são os netos que trazem uma grande alegria e significado à vida dos idosos.

A industrialização da sociedade e a crescente complexidade do dia-a-dia, implicaram que a família se adaptasse a novas formas de vida, correspondendo a grandes mudanças no seio familiar (cf. Giddens, 2007). E apesar de, ao longo dos anos, se ter passado de uma família extensa para uma família nuclear, a sua função protectora continua a ser uma das mais importantes, sendo que a família deveria ser entendida como o maior suporte para o idoso. “É a primeira unidade social onde a pessoa se insere e, também, a primeira instituição que contribui para o seu desenvolvimento e socialização, sendo uma realidade de chegada, permanência e partida do ser humano” (Araújo, 2010:47).

Embora, seja cada vez mais difícil conciliar o factor família com o factor trabalho, uma vez que a falta de tempo faz com que se tenha, conseqüentemente, menos tempo para cuidar dos que nos são próximos, esta relação deve ser continuamente preservada, valorizada e enriquecida (cf. Correia, José e Wall, 2002). Verificam-se ainda outras alterações na estrutura familiar, como a entrada da mulher no mercado de trabalho o que dificulta a conciliação com as responsabilidades familiares, e que resulta numa sobrecarga para as mesmas. E os filhos já adultos, abandonam o lar paterno cada vez mais tarde e exigem outro tipo de atenção e apoio, como cuidar dos netos, ajuda económica e/ou doméstica.

Contudo, a situação nacional para resposta nestes domínios continua a caracterizar-se, “(...) apesar das medidas que têm sido implementadas nos últimos anos, por uma insuficiência de apoios (ao nível de equipamentos e serviços, bem como ao nível de benefícios sociais como os subsídios, as licenças, os benefícios fiscais, etc.)” (Correia, José e Wall, 2002:8). Deste modo, a insuficiência de apoios destinados às pessoas que cuidam dos seus familiares idosos encontra-se no cerne dos seus problemas, sendo a

principal razão pela qual as famílias, muitas vezes, são obrigadas a recorrer às instituições de apoio aos idosos. Na verdade, são três as soluções que se oferecem em caso de perda de autonomia dos idosos:

- a família, ou seja, a prestação de cuidados por parte do cônjuge, descendentes ou parentes colaterais, ou por parte de uma intervenção conjunta de vários membros da família;
- os serviços ao domicílio, uma resposta institucional que consiste na prestação de serviços diversificados (alimentação, higiene, tratamento de roupa, entre outros), por parte de profissionais ou voluntários especializados, na habitação da própria pessoa;
- e as instituições, que visam a prestação de serviços de acolhimento e/ou tratamento em instituições especializadas, sendo que estes serviços podem ser prestados de forma permanente (em lares e residências) ou de forma parcial (em centros de dia, centros de convívio, universidades para a terceira idade).

“E apesar de a oferta de equipamentos e serviços (lares, centros de dia, apoio domiciliário...) ter vindo a aumentar durante as últimas décadas, muito à custa das iniciativas do chamado terceiro sector (privado não lucrativo), a procura continua a exceder a oferta” (Correia, José e Wall, 2002:9).

O ideal seria que os três domínios supracitados coexistissem simultaneamente, mas na realidade nacional, funcionam isoladamente, no que resulta que a resposta que o idoso tem não é a ideal. E neste sentido, o desafio crucial que se coloca é saber como as famílias podem conciliar o seu trabalho profissional com os cuidados aos seus familiares idosos, num contexto, como já foi referido, pouco favorável a essa conciliação, e sobretudo quando cuidar de uma pessoa idosa traduz-se num trabalho árduo e exigente, tanto do ponto de vista físico como afectivo, requerendo uma energia e disponibilidade considerável.

Outra consequência a nível social, e tal como sustenta Berger (1995), é também a religiosidade e a espiritualidade, as quais assumem um papel importante na vida das pessoas idosas, estando, na maioria dos casos, relacionadas com o bem-estar psicológico e com a necessidade de lhes propiciar um ponto de apoio, sobretudo aquando do falecimento dos cônjuges ou de amigos, permitindo-lhes encontrar respostas

para certas questões sobre o significado da vida e do destino, e até da própria morte. A prática de acções de cariz religioso, que proporcionem bem-estar ao indivíduo, tenderá a elevar a sua auto-estima, o que é factor de grande importância na obtenção e manutenção da qualidade de vida. Pode-se ainda dizer que através da religiosidade, da crença e da fé, é possível ter motivação para viver e enfrentar dificuldades, superar com mais facilidade os desafios que se apresentam e manter-se psicologicamente saudável.

Portanto, viver na sociedade actual e viver com qualidade implica que, do ponto de vista social, novas formas de actuação tenham que ser consideradas para promover a completa integração e dignificação das pessoas idosas. Numa sociedade tida como de consumo, preocupada com a novidade e a inovação, o conhecimento e a tecnologia, e onde se privilegiam indivíduos activos, muitas vezes, esquece todos os que não são capazes de enfrentar estes novos paradigmas e acompanhar a velocidade frenética dos novos acontecimentos, novos valores e novos modos de estar (cf. Giddens, 2007). Geram-se situações de fragilidade e insegurança perante o tradicional e o antigo, influenciando portanto também a forma como o idoso é visto e considerado.

Ser idoso não deveria ser considerado um facto negativo nem constituir preocupação, mas é importante não esquecer que o idoso pode encontrar-se entre os potenciais elos vulneráveis da sociedade, frequentemente quando fora do mercado de trabalho, quando excluído das funções de produção, manutenção e transmissão de conhecimentos, acabando por lhe potenciar um maior isolamento e uma maior probabilidade de cair numa situação de dependência (cf. Martins, s/d). No entanto, só porque se envelhece não se perdem necessariamente as qualidades, as capacidades e os saberes que, como refere Pimentel, “podem ser preciosas numa sociedade em transformação” (Pimentel, 2001:60). Saliente-se que a pessoa idosa é actor social, com direitos, sendo que este um tema bastante presente nas atenções dos discursos sociais e políticos, assistindo-se portanto, e segundo Martins (s/d:2), a uma cada vez maior “consciencialização social” do fenómeno do envelhecimento.

Neste sentido, e como já foi anteriormente explicado, o envelhecimento deve ser visto como um fenómeno natural e social, que se desenrola sobre o ser humano, único e indivisível, e que no decorrer da sua existência, se confronta com problemas e limitações de diversas naturezas, sejam biológicas, culturais, sociais ou económicas,

singularizando o processo de envelhecimento. Deste modo, apesar de as pessoas idosas assumirem um papel fundamental enquanto sujeitos com direitos sociais, acabam por ser socialmente desqualificadas, através de interpretações interiorizadas pela sociedade moderna e configuradas pelos valores e ideias específicas que a marcam significativamente, retratando uma imagem de velhice incapacitada, estigmatizada, e fragilizada. Ou seja, o processo de envelhecimento traz consigo uma relação entre perdas e ganhos que depende muito da história de vida de cada um, mas também depende das normas, dos costumes e dos hábitos, incrustados na sociedade moderna, e que influenciam a forma de ver e de lidar com a velhice.

“As formas de envelhecimento inserem-se num contexto cultural específico e são determinadas por este em parte, mas o mais importante é a forma como o idoso se percebe a si mesmo e ao mundo que o rodeia e como vive esta fase da vida”  
(Martins, 2003:25).

No último capítulo do presente trabalho, sobre as representações sociais, tomar-se-á conhecimento de algumas das principais representações sociais existentes face ao idoso e à velhice.

## **2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO: UM DESAFIO PARA TODOS**

A transição da fase de vida activa para a fase “inactiva” é, muitas vezes, vivida como uma perda pelas pessoas idosas. Por um lado, a idade deixa as pessoas mais expostas a vários riscos, a alguma dependência social ou económica, e também a ausência de apoio familiar, em alguns casos, pode contribuir para situações de isolamento e estigmatização social. Por outro lado, também as relações sócio-comunitárias são afectadas, e os problemas de saúde e ainda a perda de locomoção impedem que as pessoas idosas levem uma vida normal e ainda que os seus relacionamentos familiares e sociais sejam em parte afectados. Ou seja, o envelhecimento ganho em anos não traduz equidade de oportunidades perante a vida, obrigando a um esforço acrescido em termos de políticas e respostas sociais.

Assim, pretende-se uma maior compreensão do conceito, das causas e consequências da institucionalização, sendo que de acordo com Zimmerman (2000), as instituições da terceira idade são um “mal” necessário, tendo em conta o quadro actual do envelhecimento da população, e para além de outros motivos, nomeadamente, o estado de saúde e o grau de dependência do idoso, a falta de tempo, de condições de espaço físico e de preparação das famílias para tomarem conta dos seus familiares idosos, intensificando-se assim a necessidade de se recorrer a estas respostas e serviços.

### **2.1 O Conceito de Institucionalização: Causas e Consequências**

A institucionalização consiste no acto ou efeito de institucionalizar, e nos efeitos observados nas pessoas idosas que são integradas numa dada instituição (cf. Carvalho & Dias, 2011:166). Neste sentido, está-se perante o acto de institucionalizar, ou seja, de enquadrar alguém numa orgânica vigente ou existente, caracterizada por normas, princípios e valores, mas também por direitos, liberdades e garantias, e tendo-se em consideração que “(...) o espaço institucional é um xadrez de relações complexas, onde se movimentam diversos actores” (Pimentel, 2001:209).



Importa referir que, em Portugal, o contexto histórico da institucionalização tem início com a introdução das reformas, um dos passos mais importantes no que respeita às políticas de bem-estar na velhice. O surgimento daquelas, em 1962, foi numa altura em que Portugal se encontrava em processo de reorganização industrial, e onde o desemprego existente resultava em grande parte da industrialização, desfavorecendo assim a maioria dos portugueses que, sem habilitações adequadas, se viam confrontados com o desemprego.<sup>1</sup> Todavia, só nos finais do século XIX, num contexto de regime de previdência social, é que “(...) a velhice começou a ser objecto de discurso e a dar lugar à criação de instituições específicas” (idem), de modo a assegurar que os idosos, já fora da esfera profissional e afastados das famílias pudessem ser remetidos, ao fim de uma vida, para instituições de beneficência, asilos e hospitais. Neste sentido, Pimentel (2001) considera que a institucionalização se constitui como “(...) uma nova forma de cuidar, caracterizada pela mediação anónima entre gerações, por parte de instâncias que se impõem com uma lógica própria, implicando a criação de instituições e de agentes treinados e especializados no tratamento da velhice” (Pimentel, 2001:65).

Verifica-se que o recurso às instituições está relacionado com a vida quotidiana, sobretudo, nas grandes cidades, onde o ritmo de vida é de tal modo acelerado, que o tempo é escasso. Assim, as alterações do mundo moderno e as exigências com as quais as famílias se deparam, muitas vezes, levam a que estas deixem de poder assistir permanentemente os seus familiares idosos. E como afirma Pimentel, “a institucionalização surge normalmente, como a última alternativa, quando todas as outras são inevitáveis” (Pimentel, 2001:73). Não obstante, é importante deixar claro que “(...) a família está em primeira linha em relação às instituições (...)” (Lesemann e Martin, 1995:127), pois considera-se que o ideal é que o idoso permaneça em casa. Assim, uma questão que se coloca é “que impacto é que uma instituição com as suas regras e normas de funcionamento, o clima relacional que propicia e produz, os espaços que oferece e as oportunidades, actividades e serviços que proporciona, pode ter na vida das pessoas (...)” (cf. Guedes, 2008:4). Torna-se então importante analisar o mundo construído pelo indivíduo a partir da sua experiência social e das suas representações subjectivas.

---

<sup>1</sup> Ver <http://www.iefp.pt/iefp/sobre/instituicao/Historia/Paginas/Anos1960.aspx>

O autor Goffman define instituição total como “um lugar de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos, colocados numa mesma situação, cortados do mundo exterior por um período relativamente longo, levam em conjunto, uma vida reclusa segundo modalidades explícita e minuciosamente regulamentadas” (Goffman, 1968:41). E ainda segundo Goffman, um dos cinco tipos de instituições, são os organismos que acolhem pessoas inofensivas, mas incapazes de garantir as suas próprias necessidades, dependendo da ajuda de terceiros, designadamente, os lares, para idosos, órfãos e indigentes. Porém, e como sustenta Pimentel (2001), a decisão de institucionalização não é fácil de tomar por parte dos familiares, sendo, na maioria das vezes, procurada como forma de tentar proporcionar um maior suporte e garantir que o idoso é bem cuidado e tem um final de vida digno, protegendo-os do isolamento e lutando contra o risco de exclusão.

Todavia, a mesma autora aponta que muitas instituições são meras prestadoras de cuidados, descurando a parte social e humanizante, e muitas vezes, não apresentam as mínimas condições para a dignidade humana. No entanto, hoje em dia, as pessoas idosas, bem como os respectivos familiares, começam a ser mais exigentes aquando da procura deste tipo de instituições, e as que estiverem melhor preparadas para oferecer serviços de qualidade poderão ser as mais procuradas. Aliás, estas instituições podem ser certificadas através do Instituto Português de Qualidade, o que de certa forma, pode diferenciar os lares oferecendo garantias acrescidas para quem deles vier a necessitar, sejam públicos ou privados, e devem ter como centro da sua atenção a pessoa idosa.

“A pessoa idosa vê-se frequentemente confrontada com problemas de facetas múltiplas, que afectam em diversos graus a sua autonomia funcional e as capacidades do meio para os superar. À medida que as incapacidades físicas e psicológicas da pessoa idosa aumentam e as capacidades do meio ambiente diminuem, torna-se portanto necessário, encarar uma hipótese de internamento numa instituição” (Berger, 1995:96).

Os factores que potenciam a institucionalização podem ser diversos, sendo que os principais apontados pela Carta Social de 2010 são de ordem familiar, habitacional, dos recursos económicos e sociais, e de entre os quais se destacam, a solidão e o isolamento, a precariedade das condições económicas e habitacionais e a ausência de redes de solidariedade, e que aparecem habitualmente a par com a dependência física. Em caso

de dependência, deve-se realizar a avaliação adequada das necessidades em que o indivíduo necessita de ajuda, objectivando-se a sua autonomia e a sua independência.

Neste sentido, a falta de disponibilidade da família seguida do isolamento, surgem como principais causas preocupantes, uma vez que Pimentel considera que na origem do isolamento está “(...) a inexistência de uma rede de interações que facilite a integração social e familiar do idoso” (Pimentel, 2001:73). Prosseguindo esta ordem de ideias, aponta-se também o progressivo envelhecimento da população, as alterações na estrutura familiar, a mobilidade geográfica, a degradação das condições de habitação, e o facto de os serviços alternativos continuarem a ser insuficientes, como factores determinantes para “o aumento da procura dos lares de terceira idade” (Pimentel, 2001:71).

Como factores negativos da institucionalização podem-se apontar os seguintes: a despersonalização e pouca privacidade; a desinserção familiar; o tratamento massificado e a vida rotineira, semelhante para todos, limitando a sua liberdade para decisões pessoais (cf. Sousa & Figueiredo, 2004). Saliente-se que a saída da pessoa idosa do seu meio familiar trouxe novos processos de adaptação, que levam a um maior ou menor sofrimento, surgindo como fundamental a questão da relação do idoso com o espaço (Imagário, 2004:76). Viver na própria casa é “uma dimensão integral de independência, pois simboliza a salvaguarda do seu sentido de integridade pessoal, mas cuja ruptura implica alterações nos estilos de vida e uma re-adaptação num período em que as capacidades estão diminuídas” (Sousa & Figueiredo, 2004:129), e a pessoa idosa terá que se familiarizar com um conjunto de situações completamente novas, tais como, um novo espaço, novas rotinas, pessoas que não conhece e com quem vai ter que partilhar a sua vida. Assim, e segundo Quintela (2001), face à heterogeneidade que constitui o grupo das pessoas idosas, surge como fundamental, conciliar a colectivização com a individualidade, e satisfazer, tanto quanto possível, a população e a insuficiência de recursos.

“Poder-se-á considerar que a institucionalização tem os seus riscos e perigos, podendo causar regressão e desintegração social, falta de privacidade, perda de responsabilidade por decisões pessoais, rotinas rígidas, ausência de estimulação intelectual e privação espiritual. Tudo isto pode levar à perda de interesses, a respostas emocionais diminuídas, dependência excessiva, e comportamentos automáticos” (Santos, 2002:48).

Salvo situações excepcionais, é importante perceber que uma pessoa passa uma vida inteira independente e ao entrar numa instituição, passa a um estado de dependência pela vida institucional. Esta situação leva a pessoa a manifestar geralmente no seu quotidiano, uma mistura de sentimentos, tais como, gratidão, ressentimento, resignação, impotência, aceitação, dependência, entre outros. Então torna-se necessário que a instituição tenha em consideração o seu contexto social, as suas histórias de vida e os seus hábitos de vida.

A adaptação da pessoa idosa à realidade institucional depende em grande parte do significado social que esta lhe atribui, assumindo-se como um processo complexo e heterogéneo, que varia de indivíduo para indivíduo, sendo “o processo de adaptação definido como o estado de equilíbrio do indivíduo com o meio e consigo próprio, em determinado momento” (Barreto cit. in Fernandes, 2000:39). E o acompanhamento deve ser personalizado e individual, com cada idoso e respectivos familiares, se houver, tendo sempre em consideração as necessidades do mesmo. Neste sentido, os objectivos específicos das instituições passam fundamentalmente por proporcionar serviços adequados às pessoas idosas, e desenvolver os apoios necessários às famílias das mesmas, de forma a estimular e a fortalecer a relação interfamiliar, assim como, promover uma integração adequada destes equipamentos e serviços na comunidade (cf. Manual de Boas Práticas, ISS, 2005).

Mais do que proporcionar um espaço e conforto, espera-se que todas as pessoas que trabalham nas instituições, proporcionem um ambiente de segurança e confiança, que permita a manutenção da dignidade individual e a promoção da participação de todos os idosos, de modo a que se sintam respeitados e livres, objectivando-se o seu bem-estar social, físico e psíquico.

E, sem se pretender abordar situações em que o internamento se torna inevitável, como por exemplo, quando o estado de saúde é muito debilitado e não existem familiares ou pessoas mais próximas que se responsabilizem por cuidar dos idosos, será que para algumas pessoas idosas que foram capazes de fazer esta sua transição de vida de uma forma natural (tendo efectuado visitas à instituição, tendo conhecimento de que, inclusive, existem pessoas suas conhecidas que também optaram por esta solução, sabendo que a instituição é capaz de providenciar, além do essencial para levar uma

vida digna, um leque de soluções que lhes permita manter uma vida saudável), esta opção não se tornará uma viável solução para viverem o resto da sua vida com qualidade? E no caso de pessoas idosas dependentes, cujos familiares optam por esta solução, será que esta alternativa não se lhes revela a mais equilibrada? Pois como sustenta Vendeuvre (1999), cit. por Bernardino, “(...) muitas vezes os laços familiares fortalecem-se e a qualidade relacional melhora com a institucionalização do idoso, talvez porque a carga, por vezes excessiva de olhar por um idoso dependente, que a família sentia, ficou resolvida, deixando lugar à expressão do afecto e do amor (...)” (Bernardino, 2005:39). E não serão também as práticas de apoio domiciliário uma forma de institucionalização e dependência? Pois como refere Quintela,

“(...) todos os serviços que se regulam por ópticas institucionais, têm de evoluir, face às novas realidades demográficas e sociais, numa atitude proactiva, produzindo cuidados competentes nesta matéria, e tendo em conta os constrangimentos ainda existentes, mas intransigentes na promoção da qualidade de vida das pessoas idosas” (Quintela, 2001:38).

## **2.2 Redes de Suporte Social**

A sociedade tem sofrido alterações nas suas estruturas populacionais e nos padrões de interacção social, em conjunto com a consequente modernização e industrialização das estruturas económicas. E apesar das transformações existentes, a família continua a ser a célula da sociedade, a principal fonte de apoio. No entanto, muitas vezes, as respostas da família são condicionadas por diferentes factores como o grau de dependência do idoso, as suas experiências individuais e os recursos formais e informais de que dispõe, sendo que os recursos resultam do apoio social e das redes de suporte social (cf. Araújo, 2010). O “apoio” refere-se às actividades dos domínios instrumental, material e físico, enquanto o “social” reflecte o vínculo da pessoa ao meio social (cf. Martins, 2001:129). Assim, e segundo esta autora, o apoio social deve ser um processo dinâmico, que “(...) envolve transacções entre indivíduos e as suas redes sociais, no sentido de satisfazer necessidades sociais, promovendo e completando os recursos pessoais que possuem, para enfrentarem as novas exigências e atingirem novos objectivos” (Martins, 2001:129).

Quanto às redes de suporte social definem-se como “(...) a existência ou disponibilidade de recursos e pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós” (Ribeiro, 1999:547). E segundo Dunst e Trivette (1990), distinguem-se duas fontes de suporte social, o informal e o formal. É considerado apoio informal quando advém de membros familiares, próximos ou distantes, de amigos, vizinhos ou grupos sociais de ajuda, passíveis de prestar apoio nas actividades do dia-a-dia. E considera-se apoio formal, quando prestado por profissionais com formação adequada, e abrangem tanto as organizações sociais formais (hospitais, programas governamentais, serviços de saúde) como outros profissionais (médicos, assistentes sociais, psicólogos, etc.), os quais estão organizados para dar assistência ou ajuda às pessoas necessitadas. Aqui incluem-se também os serviços estatais, de segurança social e os organizados pelo poder local, designadamente os lares para a terceira idade, os serviços de apoio domiciliário e os centros de dia, “(...) destacando-se também as Instituições Privadas de Solidariedade Social, as instituições com e sem fins lucrativos” (Mestre, 2003:87). Paúl (2000) refere ainda que o apoio prestado por estas redes de suporte actua essencialmente ao nível de duas vertentes. O apoio psicológico relacionado com a satisfação da vida e bem-estar psicológico e o apoio instrumental, relacionado com a ajuda física em situação de dificuldade das capacidades funcionais dos idosos.

Assim, a sustentabilidade da pessoa idosa em contexto familiar é assegurada pela rede social e pelo apoio social, que se interligam e cooperam num trabalho de parceria (cf. Barron, 1996). E deve haver uma preocupação constante por parte das entidades competentes, em reforçar o papel das redes informais do idoso, particularmente das redes familiares.

De acordo com Cadete (1993), são três os princípios que devem ser orientadores do apoio às pessoas idosas: manter no domicílio durante o máximo tempo; institucionalizar o mínimo possível e o mais tarde possível; e humanizar os serviços. Ou seja, exige-se uma organização de respostas de qualidade que tenham em conta cada pessoa na sua individualidade, nos seus costumes, nas suas crenças, nos seus desejos e nas suas expectativas, respeitando os seus direitos, as suas decisões e as suas reais necessidades.

## 2.3 Políticas e Respostas Sociais

O envelhecimento da população está a criar uma complexa problemática política, económica e social que apela à urgente definição e consciencialização de políticas sociais adequadas às reais incidências. O aumento do número de pessoas com idade avançada, as transformações familiares e o impacto do processo de desenvolvimento têm constituído factores determinantes para uma evolução da protecção social, que engloba não só os direitos jurídicos, mas também medidas de política no âmbito da acção social<sup>2</sup>, fazendo com que haja necessidade de a sociedade civil se organizar, de modo a apresentar respostas mais eficazes perante as situações diagnosticadas. “A responsabilidade dos idosos, ainda que com grandes variantes sociais deixa de ser um encargo individualizado de cada família, passando gradualmente para a responsabilidade da sociedade em geral (...)” (Fernandes, 1997:10).

A política social traduz a consciência das preocupações do ser humano, e tem de ser coerente, o que só é possível através de um adequado planeamento, que pressupõe uma definição rigorosa dos objectivos, uma ordem de prioridades a que essa realização deve obedecer e um conhecimento preciso dos meios disponíveis ou mobilizáveis (cf. Faleiros, 2007). E de acordo com Medeiros (2000), o conceito de política social engloba um conjunto de programas e medidas que têm por finalidade assegurar o bem-estar, sendo que por sistema de bem-estar se entende as “(...) organizações e mecanismos relacionados primariamente com o assegurar ou garantir o bem-estar social dos cidadãos” (Domingues, 2005:16).

Neste sentido, as políticas sociais na velhice podem ser definidas como “o conjunto das intervenções públicas, ou acções colectivas, que estruturam, de forma explícita ou implícita, as relações entre a velhice e a sociedade” (Fernandes, 1997:8). Dentro desta

---

<sup>2</sup> A *acção social* é um sistema que tem como objectivos fundamentais: a prevenção e reparação de situações de carência e desigualdade sócio-económica, de dependência, de disfunção, exclusão ou vulnerabilidade sociais, bem como a integração e promoção comunitárias das pessoas e o desenvolvimento das respectivas capacidades. E também destina-se a assegurar especial protecção aos grupos mais vulneráveis, nomeadamente, crianças, jovens, pessoas com deficiência e idosos, bem como a outras pessoas em situação de carência económica ou social, disfunção ou marginalização social. A protecção da acção social realiza-se através da concessão de: a) Prestações pecuniárias, de carácter eventual e em condições de excepionalidade; b) Prestações em espécie; c) Acesso à rede nacional de serviços e equipamentos sociais e; d) Apoio a programas de combate à pobreza, disfunção, marginalização e exclusão sociais. (ver <http://www2.seg-social.pt/left.asp?03.06>)

definição, pode ser tido em conta o apoio prestado por organizações, em diferentes sectores, tanto de cariz lucrativo como não-lucrativo. Assim, por exemplo, nas intervenções de carácter explícito, encontram-se as medidas de política que visam atingir fins específicos, tais como as pensões (pensões de velhice, pensões de sobrevivência, pensões de invalidez e pensões de viuvez)<sup>3</sup> e os complementos por dependência<sup>4</sup> e o solidário para idosos<sup>5</sup>. As pensões podem ser do regime contributivo ou não contributivo, consoante os idosos tenham feito ou não descontos para a Segurança Social. Assim, a nível contributivo poderão ter direito à pensão de velhice ou à pensão por invalidez. Já quanto ao regime não contributivo, os idosos poderão beneficiar de pensões sociais e de viuvez.

Portanto, partir da diversidade das realidades sociais e invocar as questões características do envelhecimento deverá ser o pressuposto das políticas de velhice, uma vez que “(...) poderá proporcionar as correcções necessárias para que as futuras gerações de idosos possam vir a viver melhor do que as que antecederam” (Fernandes, 2001:39).

Deste modo, é importante salientar que as políticas de apoio às pessoas idosas, que visam proporcionar uma melhoria da sua qualidade de vida aos mais variados níveis (económico, social ou de saúde), se encontram devidamente aplicadas de acordo com a sua escala, quer mundial, quer europeia, quer nacional.

A nível mundial, em 1982, foi criado o Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento<sup>6</sup>, aprovado na I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que orientou o pensamento e a acção sobre este fenómeno durante os últimos 20 anos, na formulação de iniciativas e políticas de elevada importância. Em 1991, com os Princípios das Nações Unidas, é de destacar como principais direitos dos idosos, a autonomia, a participação, o acesso aos cuidados, o desenvolvimento pessoal e a dignidade. No ano de 2002, o Plano de Acção Internacional sobre Envelhecimento exigiu mudanças nas políticas e nas práticas a todos os níveis, sendo que os seus principais objectivos consistiam em garantir que a população possa envelhecer em

---

<sup>3</sup> As pensões supracitadas encontram-se regulamentadas no Decreto-Lei n.º 187/2007, de 10 de Maio

<sup>4</sup> Decreto-Lei n.º 265/99, de 14 de Julho e Decreto-Lei n.º 309-A/2000, de 30 de Novembro

<sup>5</sup> Decreto-Lei n.º 232/2005, de 29 de Dezembro e Decreto-Lei n.º 236/2006 de 11 de Dezembro

<sup>6</sup> Plano de Acção Internacional para o Idoso, 2003, Brasília



segurança e dignidade e que os idosos possam continuar a participar nas sociedades como autênticos cidadãos de direitos. E apesar de o fenómeno do envelhecimento ser um processo de cariz mundial, transversal a todos, surge em 2000, o Parlamento Europeu que, de forma a reforçar a protecção dos Direitos Fundamentais, cria a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, e a partir da qual reconhece e respeita o direito das pessoas idosas a uma existência condigna e independente e à sua participação na vida social e cultural.

A nível nacional, em 1971 foi criado o primeiro serviço de Reabilitação e Protecção aos Diminuídos e aos Idosos, no âmbito do Instituto da Família e Acção Social inserido na Direcção Geral da Assistência Social, e com o objectivo de estudar e promover soluções para os problemas da população idosa. Porém, em 1976, com as mudanças políticas que se estavam a verificar, foi proclamado na nova Constituição da República Portuguesa, o direito à Segurança Social, que aliás se mantém, como é verificável através do artigo 72.º da actual Constituição da República Portuguesa. No entanto, é fundamental indicar, tal como afirma Fernandes, que “(...) a instauração do direito à reforma e dos sistemas de segurança social resultou da profunda transformação das relações de força entre patrões e empregados (...)” (Fernandes, 1997:24) .

A necessidade de promover respostas ajustadas à melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas e à evolução dos seus problemas conduziu ao incremento de medidas em parceria com outros Ministérios e Instituições. No âmbito do Ministério da Saúde e do Ministério do Trabalho e da Solidariedade e Segurança Social, podemos identificar o Programa de Apoio Integrado a Idosos (PAII), criado em 1994. Apresenta como principais objectivos, assegurar uma oferta de cuidados com carácter urgente e permanente, que vise promover a autonomia da pessoa idosa no domicílio e no seu ambiente habitual de vida; estabelecer medidas destinadas a assegurar a mobilidade das pessoas idosas e a acessibilidade a benefícios e serviços; implementar respostas de apoio às famílias que tenham de assegurar cuidados e acompanhamento adequados a familiares idosos que se encontrem em situação de dependência; promover e apoiar iniciativas destinadas à formação de profissionais, familiares, voluntários e outras pessoas da comunidade; promover atitudes e medidas preventivas do isolamento, da exclusão e da dependência; contribuir para a solidariedade entre as gerações e contribuir para a criação de postos de trabalho (cf. PAII, Manual de Procedimentos, ISS, I.P.). Este

desenvolve-se através de projectos de promoção local e central, que incluem segundo Pimentel (2001): os Serviços de Apoio Domiciliário (SAD), os Centros de Apoio a Dependentes (CAD) e Centros de Recursos Locais, o Serviço Telealarme, e os Passes Terceira Idade.

Em 1997, é criado o Programa Idosos em Lar (PILAR), tendo como objectivo o realojamento de idosos oriundos de lares lucrativos sem condições de funcionamento e a satisfação de necessidades nas zonas não cobertas pela Rede de Serviços e Equipamentos Sociais. Contudo, esta política de protecção social só se tornou visível em 1999, após a celebração do Ano Internacional das Pessoas Idosas, com a divisão Por uma Sociedade Para Todas as Idades.

Também é de destacar o Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas, que pretende contribuir para a promoção de um envelhecimento activo e saudável e para a criação de respostas adequadas às necessidades específicas da população idosa. Pretende, ainda, que sejam estimuladas as capacidades das pessoas idosas, assim como a sua participação na promoção da sua própria saúde e autonomia. Dentro deste plano encontram-se ainda enquadradas outras políticas, tais como a Rede de Cuidados Continuados de Saúde); o Serviço de Apoio Domiciliário Integrado (ADI); e a Unidade de Apoio Integrado (UAI).

O Plano Nacional de Acção para a Inclusão 2006-2008 (PNAI)<sup>7</sup>, é um programa governamental que apresenta propostas particularmente ao nível da prevenção da reprodução de desigualdades sociais e situações de exclusão e pobreza. Pretende garantir a todos os idosos, com 65 ou mais anos e com baixos recursos, uma prestação monetária complementar a fim de aumentar os seus rendimentos globais, e ainda, reforçar a rede de equipamentos e serviços no sentido de dar resposta às suas necessidades, e tendo especial atenção às situações de dependência. Dentro deste, salientam-se então: a Rede de Cuidados Continuados Integrados (que promove serviços alternativos ao internamento hospitalar), o Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES), a criação de uma Rede Nacional de Voluntariado, um Projecto de Requalificação Habitacional da Pessoa Idosa, o Complemento por

---

<sup>7</sup> Plano Nacional de Acção para a Inclusão 2006-2008, Governo, 2006

Dependência, o Complemento Solidário para Idosos (CSI) e, ainda, embora tratando de uma medida transversal a toda a população, mas que beneficia também as pessoas idosas, o Rendimento Social de Inserção (RSI).

O programa PARES visa, prioritariamente, o reforço da protecção social de combate à pobreza e protecção da família, integrando uma maior consolidação e reforço dos equipamentos sociais, sejam Creches, Centros de Actividades Ocupacionais e Lares de Idosos. E focando-nos no alvo das pessoas idosas, a implementação deste programa recai: no reforço dos Serviços de Apoio Domiciliário e dos Centros de Dia, promovendo melhores condições de autonomia e qualidade de vida das pessoas idosas, ao permanecer nas suas casas; e melhorar a resposta para situações de dependência, através do aumento do número de lugares em Lares de Idosos.

No âmbito da cooperação com outras entidades foram criadas medidas de responsabilidade nas áreas da Saúde, Transportes, Comunicação, Cultura e Lazer. Do extenso leque, sobressaem: o acesso de ajudas técnicas; a isenção do pagamento de taxas moderadoras, no âmbito do Serviço Nacional de Saúde; a bonificação na comparticipação para a aquisição de medicamentos; a facilidade de acesso a transportes públicos e privados (passes sociais) no território nacional e o acesso, com desconto, aos caminhos de ferro portugueses; a bonificação no âmbito das telecomunicações; e a facilidade de acesso a actividades culturais e recreativas; as Colónias de Férias; o Turismo Sénior; o Instituto Nacional de Aproveitamento do Tempo Livre dos Trabalhadores (INATEL); o Termalismo; e as Universidades Séniores (cf. Martins, 2008:5).

Apesar desta diversidade de respostas sociais, conforme acima se expôs, é fundamental procurar adequar as respostas existentes às reais necessidades das pessoas idosas, de modo a poder verificar-se com maior realismo que tipo de respostas é necessário criar para responder a necessidades ainda não satisfeitas. Nesta sequência, torna-se importante enunciar, de seguida, os equipamentos sociais existentes, a forma como se estruturam e as suas características mais específicas.

Ao longo do século XIX, a velhice começou a ser objecto de discurso e a dar lugar à criação de instituições específicas, orientadas pelos princípios da prevenção de situações de dependência e da integração das pessoas idosas na comunidade (cf. Fernandes, 1997).

Assim, a Acção Social, maioritariamente exercida por Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), ou por outros organismos privados, apoiados pelo Estado, mediante acordos de cooperação, estimulou a criação e remodelação de serviços e equipamentos que correspondessem às necessidades específicas dos idosos (cf. Ramos, 2011:82). Além dos apoios financeiros previstos nestes acordos, que proporcionam a manutenção e funcionamento dos equipamentos sociais, ainda são concedidos apoios técnicos específicos e outros apoios destinados a investimentos na criação ou remodelação desses mesmos equipamentos. Saliente-se que o conceito de equipamento social engloba todas as estruturas físicas onde se desenvolvem diferentes respostas sociais ou onde estão instalados serviços de acompanhamento aos utentes, e segundo a Carta Social de 2010, em termos percentuais, verifica-se que 81,7% do universo em 2010 é constituído por equipamentos não lucrativos, contra 18,3% que representam os equipamentos lucrativos<sup>8</sup>. Freitas do Amaral (cit. in Barros e Santos, 1997:127) defende mesmo que as IPSS atingiram uma elevada importância não só pela amplitude de respostas que assumem, como também pelo número de instituições existentes, pelo número de utilizadores dos serviços que prestam, pelo volume de emprego que criam e também pela massa financeira que movimentam. E para reforçar, Rui Cunha (cit. in Barros e Santos, 1997:9) afirma ainda que a Acção Social em Portugal, embora sendo da responsabilidade do Estado, é exercida maioritariamente pelas IPSS, o que se tem constituído como uma mais-valia no aumento do bem-estar das pessoas e das comunidades. Efectivamente,

“(...) com o objectivo de melhorar as condições de vida das pessoas idosas, especialmente daquelas cujas redes de solidariedade primária são inexistentes ou ineficientes, surgiu um conjunto de serviços e equipamentos diversificados, de modo a abranger diferentes necessidades e diferentes níveis de carência (...)” (Pimentel, 2001:65).

---

<sup>8</sup> DGEOP/MTSS, Carta Social, Rede de Serviços e Equipamentos Sociais, 2010

Neste sentido, das respostas sociais existentes direccionadas para as pessoas idosas podem destacar-se: os Centros de Dia, os Centros de Convívio, os Centros de Noite, os Serviços de Apoio Domiciliário, as Residências para Idosos, o Centro de Acolhimento Temporário de Emergência para Idosos, os Lares para Idosos, e ainda, o Acolhimento Familiar de Idosos.

O Centro de Dia<sup>9</sup> é uma resposta que desenvolve a sua actividade no seio de um espaço físico concreto e garante a prestação de um conjunto de serviços (refeições, convívio, festas, passeios) que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio sócio-familiar, apresentando como principal objectivo a ocupação do tempo do idoso, através de actividades, realizadas em conjunto com outros idosos, e incentivando à sua participação.

O Centro de Convívio<sup>10</sup> é igualmente desenvolvido no seio de um espaço físico, mas apresenta como principal objectivo, a promoção de actividades sócio-recreativas e culturais direccionadas para a população idosa que usufrui deste mesmo espaço.

O Centro de Noite<sup>11</sup> consiste numa resposta social, desenvolvida num equipamento preexistente, que tem como intuito o acolhimento nocturno, prioritariamente para pessoas idosas que desenvolvam as suas actividades de vida diária de modo autónomo, mas necessitam de suporte nocturno, uma vez que por razões de isolamento e solidão não podem permanecer no seu domicílio.

O Serviço de Apoio Domiciliário<sup>12</sup>, é uma resposta social que consiste “(...) na prestação de cuidados individualizados e personalizados no domicílio a indivíduos e famílias quando, por motivo de doença, deficiência ou outro impedimento, não possam assegurar temporária ou permanentemente, a satisfação das necessidades básicas e/ou as actividades da vida diária”. Apresenta como principais objectivos, assegurar de forma personalizada, a satisfação das necessidades das pessoas idosas, contribuindo para a sua manutenção no meio habitual, e retardando assim a institucionalização.

---

<sup>9</sup> Idem, 2010:36

<sup>10</sup> Idem, 2010:37

<sup>11</sup> Idem, 2010:36

<sup>12</sup> Idem

As Residências<sup>13</sup>, são conjuntos de apartamentos, “(...) com espaços e/ou serviços de utilização comum, para pessoas idosas, ou outras, com autonomia total ou parcial”, sendo um tipo de equipamento ainda pouco desenvolvido em Portugal.

O Centro de Acolhimento Temporário de Emergência para Idosos<sup>14</sup>, visa acolher temporariamente idosos em situação de emergência social, com vista ao encaminhamento para a família ou para outra resposta social de carácter permanente.

O Acolhimento Familiar para Pessoas Idosas<sup>15</sup>, é uma resposta mais recente, “(...) que consiste em integrar, temporária ou permanentemente, em famílias consideradas idóneas, pessoas idosas quando, por ausência ou falta de condições de familiares e/ou inexistência ou insuficiência de respostas sociais, não possam permanecer no seu domicílio”, retardando assim igualmente um processo de institucionalização.

Já os Lares são:

“(...) uma resposta que desenvolve actividades de apoio social a pessoas idosas, em situações de maior risco de perda de independência e/ou autonomia, através do alojamento colectivo de utilização temporária ou permanente, fornecimento de alimentação, cuidados de saúde, higiene, conforto, fomentando o convívio e proporcionando a animação social e a ocupação dos tempos livres das mesmas”<sup>16</sup>.

É da responsabilidade e competência dos profissionais a promoção de serviços, a pensar no envolvimento familiar, e que garantam que as relações familiares continuam a ser estabelecidas e que possam perdurar. A característica diferenciadora deste tipo de equipamento consiste no carácter da sua utilização que tanto pode ser temporário como permanente, sendo que visa sobretudo proporcionar um serviço adaptado e adequado às necessidades e problemas dos seus utentes, tendo em vista a manutenção da autonomia e da independência, num ambiente de convívio e de participação gerador de bem-estar social e de uma vivência saudável (cf. Manual de Boas Práticas, ISS, 2005). Também é da responsabilidade do equipamento assegurar assistência religiosa, sempre que a pessoa idosa a solicite, ou na incapacidade desta, a pedido dos seus familiares. Acima de tudo, as respostas devem ser desenvolvidas tendo em conta as necessidades de ajuda,

---

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> Despacho normativo n.º12/98 de 5 de Março

de diferentes níveis, que as pessoas apresentam, cabendo assim à instituição, a articulação de um conjunto de factores organizacionais e relacionais que tenha por finalidade a minimização dos impactos negativos e a maximização do bem-estar e qualidade de vida das pessoas, na perspectiva do reconhecimento e respeito dos seus direitos, da promoção da sua dignidade, e não esquecendo a natureza individual de cada pessoa, dos seus valores e crenças.

Saliente-se que segundo a Carta Social de 2010, “o Centro de Dia (47,1 %), o Lar de Idosos (56,6 %), e sobretudo o Serviço de Apoio Domiciliário (92,9 %) apresentam crescimentos significativos, (...) tendo em vista o aumento da capacidade instalada, e no caso do SAD, a manutenção do idoso no seu meio habitual de vida”<sup>17</sup>.

“Mas pese embora o conjunto de esforços, recomendações e medidas que visam a promoção de todas as formas de apoio social, anteriormente referidas, e que de certa forma, procuram evitar o internamento definitivo em lares, não podemos esquecer que continuam a ser muitos os idosos submetidos a essa realidade e muitos mais os que se encontram em lista de espera” (Martins, 2008:6-7).

No fundo, pretende-se dar à velhice um novo olhar, uma nova relação com a sociedade, de forma a promover a manutenção no meio sócio-familiar o máximo de tempo possível, minimizar o risco de exclusão social e maximizar a qualidade de vida.

## **2.4 Integração no Espaço Institucional**

Independentemente dos motivos que levam à institucionalização, considera-se fundamental compreender a importância de uma adequada integração no seio de uma instituição.

De acordo com Martins (2008), entre as múltiplas recomendações apresentadas pela Assembleia Mundial sobre o envelhecimento, evidencia-se que as instituições devem ser adequadas, apresentar uma boa estrutura arquitectónica e, acima de tudo, propiciar conforto e bem-estar. Acrescenta-se ainda a necessidade de estabelecer normas mínimas de funcionamento para estas, e uma optimização da prestação de cuidados e

---

<sup>17</sup> DGEEP/MTSS, Carta Social, Rede de Serviços e Equipamentos Sociais, 2010:18

acompanhamento que os responsáveis por estes serviços proporcionam aos idosos, realçando a importância de existir pessoal habilitado e qualificado.

É frequente a entrada para uma instituição estar associada a representações negativas, onde a imagem e valor simbólico da velhice têm uma conotação geralmente negativa, devido aos estereótipos da sociedade. No entanto, a decisão de entrar numa instituição, quer seja por iniciativa do próprio ou por decisão da família da pessoa idosa, nunca é fácil e transforma todo o seu quotidiano. Neste sentido, sabe-se que a institucionalização tem os seus riscos, os quais podem intervir de modo negativo na vivência social da pessoa idosa, e como exemplifica Fernandes (2000), vários são os factores que contribuem para esse impacto negativo, nomeadamente, a falta de privacidade, o tratamento massificado e de forma igualitária para todos, a rigidez das rotinas, a perda de responsabilidade para a tomada de decisões pessoais, a desvinculação do núcleo familiar e da comunidade, entre outros aspectos. Já Pimentel (2001) sustenta que a maioria dos equipamentos destinados a pessoas idosas não têm em consideração as motivações das mesmas, limitando-se a dar resposta às necessidades fisiológicas, e esquecendo as do nível social e afectivo. Afirma ainda que os cuidadores têm falta de sensibilidade e não proporcionam serviços individualizados, “forçando” os utentes a viverem de acordo com as normas restritivas, impostas pela instalação. Paralelamente à anterior autora, Sousa (2006) declara que os seus desejos e direitos são desvalorizados, e o que é essencial para os cuidadores formais da instituição é assegurar somente as necessidades físicas da pessoa, gerindo a sua vida de forma sistemática. Porém, como Zimmerman (2000) refere, normalmente, as instituições para os idosos geram sempre alguma polémica. A própria autora adianta que muitos criticam as instituições porque as consideram verdadeiros “depósitos” de idosos onde são enviados para morrer, sendo mal alimentados, mal tratados e recebendo pouco carinho e atenção. Contudo, “(...) as instituições são uma resposta à sociedade, a qual precisa de desenvolver mais mecanismos para lidar com os problemas e estereótipos criados por ela própria (...)” (Zimmerman, 2000:94). Ou seja, é substancialmente relevante haver uma mudança de mentalidade por parte da sociedade, das pessoas responsáveis pelas instituições, bem como das pessoas que nelas trabalham, colocando-se no lugar do idoso, e fazendo com que a pessoa idosa seja compreendida e respeitada nas suas necessidades. A mesma autora (2000) afirma que nem todas as instituições correspondem à imagem pejorativa



que existe, sendo que ainda há instituições bastante boas, tanto do ponto de vista do conforto físico como da parte afectiva.

Portanto, a saída de casa para uma instituição põe em causa a questão da integridade, privacidade e independência do idoso, bem como a sua ligação entre o passado e o presente (cf. Sousa e Figueiredo, 2004). Altera todo um conjunto de rotinas e interações que modificam o seu próprio estilo de vida, e muitas adaptações que os idosos têm que experimentar representam verdadeiras crises, que acabam por perturbar o seu estilo de vida e a sua integridade física e psicológica. É uma mudança que origina, muitas vezes, a separação com o meio familiar, uma ruptura em relação à vida e aos hábitos, e uma adaptação a um novo ambiente, gerando um forte impacto emocional. Todavia, e como refere Pimentel,

“(...) se houver a preocupação de criar equipamentos estruturados de acordo com as necessidades dos seus utentes, que respeitem a sua forma de estar na vida, a sua personalidade e individualidade e lhes proporcionem espaços de realização pessoal, então talvez, a institucionalização se torne menos penosa e angustiante” (Pimentel, 2001:234).

De acordo com Sousa Santos (2006) citando o estudo que Grogger (1995) efectuou, aquele refere que o idoso só se sente plenamente integrado se se tiver em consideração três factores. Primeiro factor, são as razões que o levaram à institucionalização, pois se tiver sido por vontade própria, ou num estado passivo de demência, a sua adaptação será mais facilitada, do que se for por pressão ou resignação. Outro factor apontado para uma melhor inclusão do idoso está relacionado com a opinião do próprio relativamente ao equipamento, se é uma boa instituição, se corresponde às expectativas e desejos da própria pessoa. O último factor determinante é o da continuidade alcançada após a mudança para a instituição, ou seja, se esta garante e oferece os princípios e valores como a dignidade, a autonomia, o respeito, a privacidade e o direito de escolha. Também a família desempenha um papel imprescindível na integração do idoso, na manutenção dos vínculos afectivos, e nos contactos com o exterior. Assim, e como afirma Sousa Santos, “(...) as estruturas e redes formais visam garantir a satisfação de tarefas de cariz técnico, ao passo que as estruturas e redes informais suprem necessidades a nível emocional”, facilitando assim, em larga medida, o processo de integração (Sousa Santos, 2006:133).

Por fim, e como já foi anteriormente referido, é essencial definir a pessoa idosa como o centro da intervenção, pois ela é o emissor e o receptor de todo o processo. É essencial que a equipa profissional tenha em conta e respeite a individualidade, singularidade e identidade de cada pessoa. É de elevada importância uma análise e avaliação de todos os aspectos físicos, sociais, emocionais, comportamentais, cognitivos, e de saúde, e mesmo profissionais, com a finalidade de elaborar, simultaneamente com a pessoa idosa, um projecto de vida que potencie e valorize as suas capacidades.

Este projecto de vida deve ser reavaliado periodicamente, tendo sempre em conta as necessidades físicas, emocionais, as motivações e capacidades de cada pessoa. Para tal, os equipamentos têm que corresponder com instalações e recursos materiais adequados, e recursos humanos com formação específica e de diferentes áreas profissionais, para ajudarem a construir e darem continuidade ao projecto de vida de cada pessoa.

### **3. UM OLHAR SOBRE O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

Uma vez que o presente trabalho pretende conhecer as percepções e representações subjectivas que as pessoas idosas apresentam sobre o seu processo de envelhecimento e sobre o fenómeno da institucionalização, torna-se importante perceber o “mundo” construído pelas pessoas idosas a partir da sua experiência social e das suas representações individuais e subjectivas. E na sua grande maioria, estes processos de construção não são o resultado de uma análise racional e objectiva, mas o resultado de um saber comum, acumulado na vivência quotidiana de cada indivíduo, de uma forma em que os dados objectivos se cruzam com a experiência subjectiva de cada um. Objectividade e subjectividade constituem-se numa totalidade complexa que tende a acomodar-se sob a forma de pensamentos e a funcionar como matriz fundamental na interacção dos indivíduos com o mundo que os rodeia. É este saber do senso comum, ou seja, o universo das representações sociais, processos de construção e formação, papel e modos de funcionamento que interessa compreender, particularmente no campo específico da velhice e da institucionalização.

#### **3.1 Representações Sociais: uma forma de conhecimento?**

O conceito de representação social tem sido alvo de estudo por diversas ciências e autores, devido à complexidade da sua constituição. Mas, foi em 1961 que, recuperando o “conceito perdido” de Durkheim segundo Duveen (2005:10), Moscovici parte da hipótese que as representações sociais se formam no decorrer das interacções comunicativas e que diferentes relações comunicacionais fazem emergir diferentes representações. Refere ainda que são referentes ao universo interior de cada indivíduo, mas com características peculiarmente sociais. Neste sentido, é fácil verificar a presença de uma indissociabilidade entre o indivíduo e a sociedade, o interno e o externo, “(...) através da importância do pensamento científico fundamentado no senso comum, e onde é efectuada a interpretação dos factos sociais e a transformação da realidade” (Moscovici, 1976:74-75).

Como afirma Denise Jodelet, no mundo que nos rodeia “(...) é preciso ajustar-se bem a ele, orientar-se nele, controlá-lo psiquicamente ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que ele põe. É por esta razão que fabricamos as representações (...)” (Jodelet, 1989:31). Ainda segundo a mesma autora, as representações são uma forma de conhecimento de carácter abrangente, e que assumem uma dupla função, constituindo-se tanto como instrumentos de identificação, explicação e apropriação da realidade em que vivemos, mas também como instrumentos activos na resolução dos problemas que o mundo material e social vão colocando. Neste contexto, é de salientar a grande importância da comunicação, enquanto fenómeno que permite convergir os indivíduos numa rede de interacções, onde se geram e se adquirem as representações sociais.

Na perspectiva de Vala,

“(...) as representações são sociais (...) porque emergem num dado contexto social; porque são elaboradas a partir de quadros de apreensão que fornecem os valores, as ideologias e os sistemas de categorização social partilhados pelos diferentes grupos sociais; porque se constituem e circulam através da comunicação social; e porque, simultaneamente, reflectem as relações sociais e contribuem para a sua produção (...)” (Vala, 1996:20).

Ou seja, apresentam-se como resultado de uma comunicação, não se limitando, portanto, a condicionar e a reflectir a forma como os indivíduos se apercebem da realidade envolvente (cf. Jodelet, 1989). Abdelmalek e Gérard (1995) referem ainda que:

“(...) enquanto fenómenos, as representações sociais apresentam-se sob variadas formas, mais ou menos complexas; imagens que condensam um conjunto de significados; sistemas de referência que ajudam a interpretar o que nos acontece (...); categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenómenos, os indivíduos com quem lidamos; (...) e muitas vezes, todo este conjunto, quando as apreendemos na realidade concreta da nossa vida (...)” (Abdelmalek e Gérard, 1995:206).

Como forma de conhecimento, as representações pressupõem uma relação sujeito-objecto, pois o acto de representar reporta-se sempre a um objecto. Ou seja, e de acordo com Neto (1998), existe sempre uma referência a um dado objecto, uma representação de algo. E os objectos do pensamento podem ser de natureza variada, quer sejam coisas, pessoas, ideias, ou acontecimentos,. No entanto, o sujeito não é apenas um espelho, pois ao representar representa-se, integrando o objecto no seu próprio mundo subjectivo, de

acordo com categorias, valores e desejos já interiorizados, e que não são exclusivamente individuais, mas resultam da sua história pessoal, da sua experiência, da sua interacção com os outros, constituindo também um processo colectivo (cf. Santos, 1994). Neste sentido, além das características intelectuais e afectivas do sujeito, o processo de produção das representações engloba igualmente práticas, experiências, valores, condutas e normas sociais interiorizadas, o que só vem enfatizar o carácter social das representações. Assim, se por um lado, uma representação social é um produto de uma realidade exterior (informações, imagens, opiniões, valores, atitudes) relativamente a um determinado objecto, pois não há representação sem objecto, por outro lado, é um processo, ou seja, a representação social depende de cada sujeito (cf. Santos, 1994).

É ainda Denise Jodelet quem afirma que as representações sociais são:

“(...) uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma finalidade prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (...) e são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma actividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e como elaboração social dessa realidade” (Jodelet, 1989:36-37).

É nesta linha de pensamento que se reconhece que as representações sociais, enquanto sistemas de interpretação, regem a relação das pessoas com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Constituem assim uma sequência dinâmica de interacções entre indivíduo e sociedade, entre a realidade objectiva e o mundo subjectivo, integrando diversos aspectos que não devem ser abordados e compreendidos por uma ciência social isoladamente, mas sim por diversas disciplinas convergindo para um conhecimento geral, pois segundo Wagner, “as representações sociais são construções histórica e socialmente determinadas, que cavalgam na interface entre muitas ciências sociais (...)” (cf. Lopes, 1998). Apresentam-se como um campo que apela à interdisciplinaridade, com um estatuto próprio designado por saber do senso comum, e distinto, portanto, do saber científico. Para Nóbrega, as representações sociais surgem como detentoras de uma dupla tendência:

“(...) antes de tudo, instaurar uma ordem que permite aos indivíduos a possibilidade de se orientar no meio ambiente social, e em seguida, de assegurar a comunicação entre os membros propondo-lhes um código para as suas trocas, para classificar as partes do seu mundo, da sua história individual ou colectiva (...)” (Nóbrega, 2003:63).

Em suma, como processo de produção o que as caracteriza é a capacidade de pôr em interacção factores individuais e sociais, de pôr em jogo juízos de valor, sentimentos, opiniões, atitudes, trocas de informação, relações intersubjectivas, normas sociais, valores, ideias, crenças, e expectativas. Como matéria-prima, recorrem a imagens e a símbolos para interpretar e atribuir significado aos objectos e situações. Assim, e nas palavras de Jodelet, pode-se dizer que, enquanto processo assente num modelo interactivo da relação sujeito-objecto, as representações sociais são “(...) uma construção e uma expressão do sujeito (...)” (Jodelet, 1989:43).

O que se tentará perceber de seguida são os processos de construção e reconstrução das representações sociais em articulação com as funções que desempenham na interacção social.

### **3.2 Mecanismos de formação das representações sociais**

Como já foi anteriormente mencionado, para Moscovici as representações são concebidas como um processo interactivo entre a realidade objectiva e a realidade construída, ou seja, “(...) o reflexo do objecto e o produto da actividade do sujeito individual ou social, sendo que as imagens construídas são condicionadas pelo contexto social e pessoal dos sujeitos” (Moscovici, 1960:303). Ora, desta permanente interacção entre o meio social e o indivíduo, das opiniões e das atitudes socialmente produzidas, necessariamente condicionadas pela quantidade e pela qualidade da informação disponível, resultam actos de selecção e interpretação que valorizam certos factores e desvalorizam outros (cf. Moscovici, 1960). Neste sentido, as representações sociais ultrapassam o mero reflexo, e vão além da objectividade da realidade, para se constituírem como leituras subjectivadas da mesma por cada indivíduo.

Assim sendo, a questão que se coloca é a de saber que factores condicionam a formação das representações sociais. Moscovici (1976) aponta três mecanismos necessários para a produção das representações sociais, nomeadamente, o desfasamento e dispersão da informação, a pressão para a inferência, e a focalização do indivíduo ou do grupo.

A dispersão da informação consiste no desfasamento entre a informação efectivamente presente e a informação necessária, tanto quantitativa como qualitativa, tendo como pressuposto que a informação veiculada é diversificada, ambígua, por vezes contraditória, escassa ou existe em superabundância (cf. Moscovici, 1976). Segundo o mesmo autor, a dispersão pode decorrer de alguns aspectos, designadamente, a multiplicidade e credibilidade das fontes de informação, a complexidade do próprio objecto social, entre outros aspectos.

A pressão para a inferência resulta da necessidade de respostas rápidas decorrentes do quotidiano e da exigência que as relações sociais colocam para agir, de modo a se estar em condições de responder a um determinado objecto social (cf. Moscovici, 1976). Essa pressão leva a antecipações que seleccionam rapidamente as informações que permitem respostas consideradas socialmente aceitáveis. Deste modo, escolhem-se alternativas e tornam-se permanentes opiniões com elevado grau de incerteza, verificando-se uma ruptura entre a acumulação de conhecimentos e a reflexão (cf. Moscovici, 1976).

A focalização remete para a atenção ou interesse que indivíduos ou grupos atribuem a determinados objectos, visando pôr em relevo “(...) perspectivas conformes com as preocupações do indivíduo marcadas pelos valores, afectos, posição social, hábitos e tradição histórica” (Moscovici, 1960:360-362). Corresponde, então, à posição específica de cada um face ao objecto da representação, de forma a realçar os aspectos que estão de acordo com os seus interesses.

A desigual distribuição da informação e a variabilidade da focalização induzem também à multiplicidade das representações sociais, e como refere Moscovici, “a representação social não é unitária senão no limite (...) e traduz o estado da sociedade que a produziu” (Moscovici, 1960:310).

Descritos sucintamente os modos de produção das representações sociais, torna-se agora necessário decompor um pouco mais os seus processos de construção. Neste seguimento, e de acordo com Moscovici (1976), são dois os processos, encadeados e indissociáveis, em que assenta a elaboração das representações sociais, designadamente, a objectivação e a ancoragem (cf. Moscovici, 1976:107).

A objectivação é um processo que diz respeito “à forma como se organizam os elementos constituintes de uma representação e ao percurso através do qual tais elementos formam expressões de uma realidade vista como natural” (Vala, 1996:360). Conduz à transformação de algo abstracto, “um esquema conceptual” (Moscovici, 1976:107), em algo concreto, criando uma imagem que corresponde à materialização da palavra, como “(...) uma operação imagética e estruturante” (Jodelet, 1984:367), reflectindo acerca dos conhecimentos e de um dado objecto de uma representação, sendo que este percurso passa por várias etapas.

De acordo com Jodelet (1984), a objectivação comporta três fases: a construção selectiva; a esquematização estruturante ou esquema figurativo; e a naturalização.

Numa primeira fase, passa por um processo de selecção condicionado por diversos factores, sejam regras, valores ou crenças, em que os indivíduos se apropriam apenas de uma parte da informação disponível, e como nas palavras de Moscovici, “(...) o essencial é ver que se retém de uma maneira selectiva uma parte da informação que circula na sociedade” (Moscovici, 1960:312). Deste modo, esta primeira fase do processo de objectivação surge a partir de um conjunto de ideias científicas, onde são seleccionados os elementos que circulam sobre o objecto da representação, sendo posteriormente transformados em ideias pertencentes ao universo do senso comum (Santos, 1994:136). O princípio organizador desse processo de selecção é constituído por um “verdadeiro núcleo de base” (cf. Gilly, 1980), o qual permite, ao mesmo tempo, integrar as novas informações e torná-las compatíveis com o sistema de representações já consolidado. Todavia, este “núcleo de base” está igualmente presente numa segunda etapa do processo denominada esquematização. Aqui a sua função resulta num processo de organização de pontos comuns entre o objecto e a sua representação social, excluindo os que estiverem em contradição com as normas sociais.

À medida que os processos de selecção e esquematização vão transpondo o meio social, é o seu carácter social que se vai perdendo na consciência de cada indivíduo, gerando um processo designado por naturalização, o qual “(...) assume toda a sua significação na medida em que confere uma realidade plena ao que era uma abstracção (...)” (Moscovici, 1960:315). Esta fase permite conferir uma realidade aos factos que até



então eram uma abstracção, deixando o conceito de ser apenas uma ideia ou uma simbolização da imagem, e torna-se uma entidade autónoma (Santos, 1994:136).

Em suma, a objectivação consiste na apropriação social do real, utilizando os mecanismos de selecção e estruturação esquemática, e tornando as entidades autónomas e evidentes. Basicamente, elas tornam-se a realidade sobre a qual e a partir da qual se age e comunica.

Outro elemento essencial no processo de formação das representações sociais, é a ancoragem, que nas palavras de Jodelet se caracteriza como um “(...) enraizamento social das representações e do seu objecto ou uma integração cognitiva do objecto representado num sistema de pensamento pré-existente” (Jodelet, 1984:371). A ancoragem permite classificar e nomear algo, conferindo-lhe um sentido, integrando-a numa rede de significações, numa hierarquia marcada por normas e valores. Por isso, e tal como Moscovici (1976) refere, ancorar significa inserir um objecto desconhecido, mas socialmente valorizado, numa hierarquia de valores e relações sociais. Deste modo, o objecto sai do mundo da incerteza, tornando-se comunicável, sendo aqui que o não familiar se torna familiar. Assim, é de salientar as três funções essenciais nestes processos de construção, nomeadamente, “(...) a função cognitiva de integração do que é novo, a função de interpretação da realidade, e a função de orientação das condutas e das relações sociais (...)” (Jodelet, 1984:372). Neste sentido, a relação que o indivíduo estabelece com o seu meio é mediatizado pelo sistema de interpretação, através do qual, um novo objecto é transformado, ajudando a compreender a realidade do mundo que o rodeia (Santos, 1994:136). Portanto, a ancoragem é o lugar de sedimentação da interpretação, dos códigos, das classificações e dos valores, que releva o que é preexistente, mas não deixa de ser um reflexo da dinâmica social.

Em suma, e sublinhando as palavras de Neto (1998), objectivação e ancoragem “(...) combinam-se para tornar inteligível a realidade (...)”, e a partir dessa inteligibilidade “(...) resulta um conhecimento social que nos permite evoluir na complexidade das situações do quotidiano (...)” (Neto, 1998:461).

### 3.3 Elementos constitutivos das representações

As representações surgem como “(...) um universo de opiniões ou de crenças organizadas em torno de uma significação central (...)” (Gilly, 1980:30), configurando-se em torno de três elementos constitutivos, integrados entre si, nomeadamente, “(...) uma dimensão informativa, de atitude e o campo de representação (...)” (Gilly, 1980:31). A informação “remete para a organização dos conhecimentos que um grupo possui acerca do objecto social”, a atitude reveste-se de um carácter mais complexo, acabando por “focalizar a orientação em relação ao objecto da representação social”, e o campo de representação remete para a “ideia de imagem, conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de um aspecto preciso do objecto da representação” (cf. Moscovici, 1976).

A informação consiste no conjunto e na organização dos conhecimentos sobre o objecto da representação, ou seja, a quantidade e a qualidade de conhecimentos (Santos, 1994:135). No entanto, como já foi referido, a informação é muitas vezes dispersa, imprecisa e ambígua, e por outro lado, a distribuição e o acesso, quer num sentido objectivo quer num sentido subjectivo, sofre os efeitos das clivagens sócio-culturais, uma vez que “(...) não só a informação não circula da mesma forma, como não circula o mesmo tipo de informação em todos os grupos sociais (...)” (Vala, 1996:364). E embora se considere que as representações sociais surgem associadas à apropriação do conhecimento científico pelo senso comum, elas também surgem não só a partir desse conhecimento, mas também dos aspectos culturais e ideológicos, das experiências dos indivíduos num contexto específico e das interações comunicativas do quotidiano, tornando a realidade apreendida e comunicável (cf. Moscovici, 1976). Assim, uma dada realidade é elaborada colectivamente, sendo influenciada pela herança cultural e pelas alterações das relações intergrupais.

As atitudes remetem para o carácter avaliativo das representações, sendo definidas como uma orientação positiva ou negativa para com o objecto (Santos, 1994:135). Estão relacionadas com as preferências e as tomadas de posição, que englobam não apenas aspectos de natureza intelectual, como também aspectos de carácter emocional na relação do sujeito com o objecto de representação. Assim, posicionamo-nos face a um objecto e é em função desse posicionamento que recolhemos informação e formamos a

representação (cf. Moscovici, 1976). Moscovici torna ainda mais preciso o conceito, ao distingui-lo de opinião e estereótipo, ambos sistemas de tomada de posição dos indivíduos face aos objectos. A opinião é considerada uma asserção avaliativa sobre um objecto e assume, por vezes, um carácter contraditório devido à plasticidade, instabilidade e especificidade das mesmas. E as opiniões são geralmente respostas simples e manifestas, ao passo que as atitudes são mais organizadas, complexas e latentes, “(...) actualizando e sustentando o comportamento que lhe corresponde (...)” (Moscovici, 1960:270). Deste modo, Moscovici define-a ainda como “(...) um meio de expressão e de troca entre os indivíduos, sobre uma questão controversa, relativamente específica, e socialmente significativa” (Moscovici, 1960:262). Já o estereótipo exprime frequentemente generalizações de opiniões, de aceitação ou rejeição, de uma representação, de um grupo ou de uma pessoa.

Por fim, por campo de representação, Moscovici (1976) entende como “(...) a existência de uma realidade complexa (...), uma construção significativa (...) do objecto integrando e interpretando as informações de que o sujeito dispõe com a ideia de uma organização (...)”, e que regula o conhecimento sobre o objecto de representação (Santos, 1994:136). A esta ideia de totalidade organizada e hierarquizada, cujo conteúdo é essencialmente composto por um conjunto de informações, as possíveis ou as seleccionadas, e pelas interpretações ou leituras dessa informação disponível, acrescenta Abric o conceito de “núcleo central” que tem um papel organizador e estabilizador da representação, “(...) o que quer dizer que é por relação com ele que os elementos presentes no campo representacional são interpretados, ponderados, avaliados positiva ou negativamente (...)” (Abric, 1984:861).

Como produto construído na interacção social, as representações reflectem e incorporam informações, opiniões, atitudes, normas, estereótipos, valores e mitos, circulantes na comunicação social, fazendo destes a sua própria matéria-prima (cf. Jodelet, 1984). Conhecimento prático ou do senso comum, constitui-se essencialmente “(...) a partir das nossas experiências, mas também das informações, conhecimentos, modelos de pensamento que recebemos e transmitimos pela tradição, pela educação, pela comunicação social (...)” (Jodelet, 1984:360). As representações interiorizam e reflectem subjectivamente a realidade objectiva e exprimem objectivamente a subjectividade dos sujeitos e dos grupos sociais de pertença (cf. Jodelet, 1984). Por

outro lado, as representações sociais, tanto como processo de construção como objecto construído, não são compreensíveis senão como elemento que é parte integrante da dinâmica social, pois “(...) se queremos compreender a evolução, a organização do conteúdo, e a extensão de uma representação, é preciso reintegrá-la como elemento da dinâmica social (...)” (Moscovici, 1960:337).

### **3.4 Dimensões funcionais das representações**

Quanto a este último aspecto, é possível referir que de acordo com Moscovici (1976), esta dimensão das representações está intimamente ligada não apenas à assimilação da informação, mas também a uma dimensão interpretativa e avaliativa. Pressupõe opiniões e atitudes, prepara as escolhas e as decisões que caracterizam os comportamentos. Ou seja, considera que no dia-a-dia, as representações sociais, para além de funcionarem como fio condutor, ao permitirem interpretar diferentes aspectos da realidade, contribuem para tomar posição face à mesma. Dito de outro modo, as representações sociais, enquanto “teorias sociais práticas” (Vala, 1996:358) assumem “(...) um papel de interpretação do real e de fundamento e orientação da acção (...)”. Neste sentido, Jodelet identifica três funções nas fundamentais: a função cognitiva de integração de novos elementos, a função de interpretação da realidade, e a função de orientação das condutas e das relações sociais (Jodelet, 1984:372).

A função de conhecimento corresponde ao que Jodelet designa por “função cognitiva essencial da representação”, e a qual destina-se a “(...) transformar e integrar os elementos novos num universo de pensamento pré-existente, permitindo compreender e explicar a realidade e estabelecer um quadro de referência comum para as trocas comunicacionais” (Jodelet, 1997:68).

A função identitária confere às representações sociais um papel fundamental na socialização, permitindo a “(...) elaboração de uma identidade social e pessoal compatível com os sistemas de normas e de valores socialmente e historicamente determinados” (Mugny & Carugati, 1985:183). Salvaguarda e respeita os sistemas de

valores e permite situar no campo social indivíduos e grupos, “(...) contribuindo para a manutenção do equilíbrio sócio-cognitivo (...)” (Jodelet, 1997:68).

Quanto à função orientadora, esta permite uma orientação das atitudes, dos comportamentos e das relações através de um “guião” para a acção que define o que é lícito, tolerável ou inaceitável, num determinado contexto social, filtrando e interpretando informações que tornam a realidade conforme à representação (cf. Jodelet, 1997).

Em síntese, a representação social revela-se como um elemento primordial no processo de comunicação e interacção social, e enquanto sistema de interpretação e orientação. Pensa-se também ser possível considerar que as representações são transmitidas, decretam o que deve ser pensado, trazem respostas prontas compartilhadas por diferentes indivíduos e grupos. São o produto de uma sequência de elaborações, que ocorrem ao longo do tempo, resultante de diferentes gerações, e “(...) controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe (...)”, contribuindo substancialmente para a compreensão da dinâmica social, e da construção da identidade social e das práticas sociais de cada indivíduo (Moscovici, 2005:38).

### **3.5 Representações Sociais face à Pessoa Idosa e à Velhice**

Numa sociedade em que “se é cada vez mais velho” torna-se cada vez mais possível afirmar que longe vão os tempos em que o envelhecimento era sinónimo de sabedoria e encarado de forma mais natural (cf. Giddens, 2007). Os indivíduos inserem-se numa pluralidade de relações interpessoais no seu meio social, gerando diferentes visões do mundo, ideologias, crenças, representações e atitudes. De acordo com Hummel e Lalive d’Epinay, o modo como se vive e entende a velhice, assim como as atitudes por ela suscitadas “(...) são organizadas pelo significado de modelos culturais, imagens, estereótipos e outro tipo de representações” (Hummel e Lalive d’Epinay, 1995:9). Assim, as representações face ao envelhecimento têm vindo a ser afectadas por essa relação de pluralidade, pelas diferentes visões acerca da velhice, bem como por ideias pré-concebidas relativamente às pessoas idosas.

“As atitudes da sociedade para com as pessoas mais velhas determinam, em grande medida, o grau de auto-estima dos idosos: quando estes se sentem respeitados e considerados como membros de pleno direito da sociedade, capazes e competentes, a sua auto-estima vê-se reforçada. Pelo contrário, como é natural, o idoso responde com um comportamento mais defensivo, céptico e desconfiado, quando a sociedade lhe induz uma auto-estima negativa” (Cordo, 1999:12)

Ser idoso aos olhos da sociedade actual é estar-se condicionado a inúmeros mitos e estereótipos, frequentemente depreciativos, e cujas “(...) imagens negativistas que se têm construído desvalorizam o estatuto social do idoso e condicionam as suas oportunidades de realização e auto-valorização (...)” (Pimentel, 1995:6). Muitas vezes, os idosos são encarados como um peso, um encargo financeiro e um problema não só para a sua família como também para a sociedade em geral. Isto deve-se, particularmente, à elevada industrialização desta sociedade que atribui primazia à força física, ao culto do corpo, à juventude e ao domínio das novas tecnologias, conduzindo a um inevitável desprestígio das pessoas idosas com tudo o que daí advém. Por sua vez, a nível psicológico, a velhice é negada e escondida, pois não traz vantagens, convertendo-se num tabu e procurando sob o termo terceira idade “(...) a dignidade e a honra, a fecunda maturidade do idoso” (Cabrillo, 1990:59).

As atitudes sociais face à pessoa idosa eram outrora caracterizadas pelo respeito e obediência, mas com o decorrer do tempo, a situação de inactividade produzida leva a um afastamento gradual do idoso perante a sociedade, cortando relações com os novos costumes e valores das sociedades modernas, o que torna a velhice um período geralmente marcado pela ansiedade, solidão, fragilidade e dependência (cf. Kaufman, in Fontaine). Do ponto de vista económico, um trabalhador chega a velho quando passa a viver da reforma, que é considerada, normalmente, como a entrada oficial na velhice. Do ponto de vista social, o idoso vive a sua velhice conforme o ambiente onde se insere. Se se sente respeitado, querido, integrado na sua família e útil, não perde a auto-confiança e não se sente um fardo. Porém, e segundo a OMS, apesar do acentuado envelhecimento populacional, ainda se verifica que:

“(...) a maioria das pessoas idosas continua a ser autónoma até idades bastante avançadas, não necessitando de ajuda para realizar as actividades de vida diárias, e comunicando sem dificuldades importantes com os seus semelhantes, e participando na vida social e económica dos seus países (...)” (cit. in Cabete, 2005:10).

As próprias emoções relacionam-se, por diversas vezes, com um conjunto de imagens pouco satisfatórias, pois existem determinados factores ligados a perdas ao nível físico, social e emotivo, que dificultam a vida afectiva, tais como o próprio estado de saúde, a situação económica, os contactos interpessoais, a personalidade, o suporte familiar e o estatuto marital. Qualquer alteração menos positiva nestas situações, pode condicionar seriamente as capacidades da pessoa idosa, aumentando a sua insegurança.

Como já foi anteriormente dito, o envelhecimento resulta de um conjunto de factores biológicos, psicológicos e sociológicos. E estes factores incluem tanto as pessoas, como as atitudes que cercam o indivíduo e as próprias condições físicas do ambiente. Logo, o aspecto fundamental que distingue os indivíduos num processo de envelhecimento, é a atitude de cada um face ao seu próprio envelhecer. Neste sentido, viver num ambiente favorável e positivo beneficia o indivíduo, modificando-lhe a auto-imagem e determinando o seu ajustamento ao meio envolvente. E a preservação da identidade é essencial, na medida em que ajuda a pessoa a adaptar-se às agressões do meio e a enfrentar com passividade a perda gradual da capacidade física. Além disso, também o amor e o respeito do mundo do indivíduo são factores vitais para a preservação da sua identidade psicológica, passando a dar mais valor ao “ser” do que ao “ter” (cf. Carvalho, 2009).

“O cariz inevitável do ser velho, essa maturidade a que não é possível escapar, implica o assumir de estilos de vida saudáveis que resultem num envelhecimento bem sucedido e na construção colectiva de uma atitude favorável à realização do ser humano idoso” (Paúl, 2000:56).

De acordo com Brewer et al. (1981), é possível identificar na velhice três imagens. Primeiro, a imagem de uma pessoa cuidadora, objectivada na figura dos avós, que surge como calma, serena, amiga e confiável. Segundo, a figura do velho com *status*, que se configura como competitivo, inteligente, agressivo e intolerante, e que por último, contrasta com a figura do velho idoso, configurada na fragilidade pessoal, na solidão e na preocupação. Já Hummel (1995) também identifica três imagens da velhice: a velhice ingrata, com uma conotação claramente negativa que apela às dificuldades e perdas associadas à velhice; a velhice bem sucedida, com uma conotação positiva que apela a uma forma mais gratificante de ver a velhice; e uma imagem de velhice, também positiva, mas que remete para o desempenho de um papel específico, o papel de avós.

Porém, muitos mitos e estereótipos acerca dos idosos continuam a subsistir, estendendo-se a toda a sociedade, umas vezes através de preconceitos, outras vezes através de práticas discriminatórias. Ou seja, os estereótipos relacionados com as pessoas e com as suas capacidades conduzem muitas vezes a atitudes discriminatórias, as quais estão essencialmente ligadas a ideias preconcebidas, tendo adjacentes atitudes positivas ou negativas (cf. Marques, 2011).

As ideias preconcebidas acerca da velhice, transmitidas através do meio social e cultural dos indivíduos, dizem essencialmente respeito às capacidades das pessoas idosas, traduzindo-se vulgarmente na ideia de que estas, mesmo não estando doentes, encontram-se incapazes de realizarem algumas tarefas que outrora fizeram, ou que são incapazes de aprender e de se adaptar ao meio que as rodeia. Com efeito, quando se tem em consideração tais ideias, está-se a transformar a velhice numa etapa sombria, sujeitando os idosos, muitas vezes, a práticas discriminatórias, e importa referir que “(...) este idadismo que actualmente se constata não é apenas uma atitude negativa e individualizada em relação às pessoas idosas, mas espelha os valores culturais mais profundos e as práticas institucionais negativas da nossa sociedade (...)” (Marques, 2011:19). De facto, Berger e Mailloux-Poirier, numa tentativa de contrariar a estereotipia supracitada, referem que “(...) o principal obstáculo está ligado ao facto de se achar que os idosos são um grupo de pessoas homogéneas tendo todas as mesmas necessidades (...) quando na realidade, não são todos semelhantes e os seus problemas são muito diferentes e diversos (...)” (Berger e Mailloux-Poirier, 1995:64).

Quanto aos mitos, estes são definidos como “(...) uma construção do espírito que não se baseia na realidade, assumindo-se apenas como uma representação simbólica, uma imagem simplificada e frequentemente ilusória (...)”, que os indivíduos passivamente elaboram ou aceitam (Berger e Poirier, 1995:64). Assim, e para além das atitudes e estereótipos, estudos realizados por Simões (1985), e Ebersole (1985) citados por Berger (1995:67), evidenciam ainda alguns mitos generalistas associados à velhice:

- Um grande número de idosos é confuso e desinteressado relativamente ao mundo à sua volta – Apesar de algumas pessoas idosas terem a sua capacidade cognitiva debilitada ou reduzida, cabe aos profissionais, de todas as áreas, implementar estratégias de actuação de forma a estimular essa área. E de facto,



na realidade o que se verifica é que a maioria dos idosos revela um enorme interesse pelo que os rodeia, querendo sempre manter-se actualizados.

- Muitas pessoas idosas são doentes e têm necessidade de ajuda para as suas necessidades quotidianas – Note-se que a dependência não é sinónimo de terceira idade, e pelo contrário, pode ocorrer em qualquer altura, acabando por fazer parte das diversas etapas da vida de cada indivíduo. E apesar de poderem sofrer de alguma doença crónica, na grande maioria das vezes, as pessoas idosas conseguem ultrapassar os obstáculos que acompanham a doença e viver a sua vida plenamente. Fora as doenças, muitas pessoas idosas cuidam de si, de forma autónoma, levando um estilo de vida activo e saudável.

- As pessoas idosas vivem sós e na infelicidade – Se houver um equilíbrio entre todos os factores inerentes ao processo de envelhecimento, sejam intrínsecos e extrínsecos, constata-se que um elevado número de pessoas idosas mantém elos e laços sociais, estando em contacto estreito com a família e participando regularmente em actividades sociais, como por exemplo, actividades de lazer e voluntariado. Mas basta uma alteração ao nível, por exemplo, do suporte familiar ou económico, ou até mesmo do estatuto marital, para se verificar o oposto da situação anterior.

- Muitas pessoas idosas estão institucionalizadas – O que se verifica é que as pessoas idosas ou estão em casa ao cuidado da família, ou de si mesmos, e/ou de instituições de apoio. Mas na verdade, quando a família não apresenta disponibilidade para manter as pessoas idosas no seu domicílio, quer devido ao grau de dependência dos mesmos ou por quaisquer outras razões, surge como alternativa a institucionalização. E muitas vezes, a mudança de local envolve uma readaptação quase instantânea num período em que as capacidades estão diminuídas, podendo mesmo constituir uma vulnerabilidade (cf. Sousa e Figueiredo, 2004). Ora para prevenir esta situação, as instituições devem organizar a vida das pessoas idosas, de forma a aproximar o ambiente institucional ao familiar, com o menor dos impactos, sem esquecer as necessidades de cada um, e solicitando-se um maior apoio familiar e social.

- As pessoas idosas são um segmento inútil para a sociedade e menos produtivas que os jovens – De facto, o que há de melhor na actual sociedade é em grande parte devido às substanciais contribuições das pessoas idosas. O autor refere mesmo que os trabalhadores idosos são mais assíduos e apresentam um rendimento mais constante quando comparados com trabalhadores mais jovens.

- As pessoas idosas mantêm obstinadamente os seus hábitos de vida, são conservadoras e incapazes de mudar – É normal que as pessoas quando envelhecem sejam mais estáveis, mantendo alguns dos seus hábitos e rotinas, mas não recusam totalmente a mudança, sendo capazes de se adaptar a elas, caso vá ao encontro das suas convicções e não haja nenhuma patologia (cf. Sousa e Figueiredo, 2004).

- Todas as pessoas idosas se assemelham – À medida que o ser humano envelhece, diferencia-se dos outros sob diversos aspectos, seja o humor, o modo de vida, a personalidade, a filosofia pessoal, entre muitos outros.

Ao se identificarem estes aspectos, surge como desafio preponderante repensar uma mudança ao nível da mentalidade das sociedades modernas.

“É necessário que, quer os idosos, quer a sociedade, aprendam a envelhecer criativamente e sabiamente, não apenas desmistificando os diversos mitos ou estereótipos (de improdutividade, de incapacidade, de degenerescência, de amargura, etc.), mas promovendo, de todos os modos possíveis, as suas capacidades e criando uma cultura de respeito pela ancianidade” (Oliveira, 2008:31).

## ESQUEMA SÍNTESE DO QUADRO CONCEPTUAL

O enquadramento da presente investigação apresenta como temáticas centrais, o envelhecimento da população, a institucionalização e as representações sociais existentes à volta desta. A articulação destes três temas, no quadro teórico apresentado, originou a procura de um processo de investigação que possibilitasse o encontro de linhas orientadoras para um possível entendimento sobre a imagem que as pessoas idosas têm sobre a institucionalização que já vivem ou que possam vir a viver.

O ponto de partida situou-se na busca exploratória dos grandes temas em questão, tentando perceber a concepção actual dos conceitos em estudo articulando-os à realidade social subjacente. A perspectiva adoptada de concepção compreensiva do contexto envolvente permitiu a construção do objecto científico, que fosse ao encontro das temáticas em questão. Assim, o objecto científico construído foi: *As Representações Sociais sobre a Institucionalização de Pessoas Idosas*.

Ou seja, através das representações dos entrevistados, procurou-se conhecer as opiniões, expectativas, crenças e práticas dos mesmos, tanto sobre a temática da institucionalização como sobre a fase da vida em que se encontram. E também perceberá a razão de ser daquelas, de forma a se perceber o impacto que podem ter na sua vivência quotidiana.

Desta forma, a partir do quadro teórico apresentado e tendo em conta os conceitos que anteriormente se problematizaram, foi construída uma proposta de modelização que permitiu a sua sistematização de forma mais gráfica (ver Anexo A).

Neste sentido, e tendo em conta o modelo conceptual em anexo, foi-se construindo uma grelha de análise das entrevistas.

E com base no objecto construído, tornou-se fundamental a criação de objectivos orientadores, através dos conceitos presentes no esquema, de forma a balizar o roteiro metodológico desenvolvido, nomeadamente:

- Conhecer a perspectiva dos entrevistados sobre a fase de vida em que se encontram;
- Aferir a perspectiva dos mesmos a respeito do papel da sociedade civil em termos de apoios e de preocupação relativamente aos mais idosos;
- Conhecer as representações dos diferentes grupos sobre a institucionalização, possível ou já vivida, e perceber a sua razão de ser, e o porquê de pensarem de determinada forma.

Assim, no capítulo seguinte, passar-se-á à descrição pormenorizada dos passos metodológicos adoptados ao longo do processo, estando os mesmos devidamente fundamentados.

*“(...) As pessoas idosas são verdadeiros «arquivos vivos» e são também as nossas raízes, os alicerces da nossa identidade, num mundo em constante procura de si mesmo.” UNESCO*

## **1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

Tendo em conta que o ponto de partida deste trabalho se situou numa pesquisa exploratória dos grandes temas em questão, tentando compreender o estado actual dos conceitos em estudo e articulando-os à realidade social, o objecto de estudo definido foi as representações sociais das pessoas idosas sobre o seu processo de envelhecimento e a respeito do fenómeno da institucionalização. Assim, com base neste objecto de investigação e a partir das questões iniciais de investigação, definiram-se como objectivos específicos deste estudo: apurar as representações sociais de cada grupo entrevistado, conhecer e comparar as representações sociais dos diferentes grupos e a razão de ser das mesmas, sobre o fenómeno da institucionalização, e ainda compreender os principais factores acerca das representações sobre a institucionalização.

Neste sentido, e como se apresenta de seguida, a segunda parte do presente trabalho debruça-se sobre as opções metodológicas adoptadas neste estudo e os instrumentos de recolha e análise de dados, bem como a apresentação e interpretação dos dados e a apresentação das considerações finais.

### **1.1 Percurso Metodológico**

A metodologia é definida por Pires de Lima como a “(...) análise sistemática e crítica dos pressupostos, princípios e procedimentos lógicos que moldam a investigação dos determinados problemas sociológicos (...)” (Lima, 1995:11). Assim, para a realização de um trabalho de investigação, torna-se indispensável a utilização de métodos e técnicas que permitam alcançar aquilo a que o investigador se propõe, da forma mais objectiva e com rigor científico.

Neste sentido e tendo em conta a natureza do objecto supracitado, optou-se por uma estratégia qualitativa, que devido às suas características e finalidades para a interpretação de um determinado fenómeno, permitirá compreender, descrever e interpretar as representações sociais das pessoas idosas seleccionadas para amostra, não

se tratando de uma amostra estatística, mas representativa do ponto de vista qualitativo e social (Guerra, 2006:40). Privilegiam-se, pois, os factos que estão próximos do sujeito, ou seja, a realidade do sujeito é conhecida a partir dos significados que por ele lhe são atribuídos, privilegiando-se deste modo a narrativa oral. Para tal, deve ter-se em atenção a singularidade de cada indivíduo, bem como a sua experiência social, de forma a perceber o que está por trás de determinada percepção, situação, atitude ou comportamento, pois a metodologia qualitativa encontra-se “(...) vocacionada para a análise de casos concretos, nas suas particularidades de tempo e de espaço, partindo das manifestações e actividades das pessoas nos seus contextos próprios (...)” (Flick, 2005:13).

“É em direcção a essa experiência social que as pesquisas qualitativas, que se valem da experiência oral, se encaminham; é na busca dos significados de vivências para os sujeitos que se concentram os esforços do pesquisador” (Martinelli, 1999:23).

A representatividade social, há pouco mencionada, procurou ser garantida através de dois princípios fundamentais, designadamente, a diversidade e a saturação. Por um lado, procurou-se portanto assegurar a presença da diversidade dos sujeitos e das situações em estudo. E por outro lado, também se procurou alcançar uma saturação empírica, no sentido em que se pretendeu uma recolha até que dos dados obtidos não surgissem mais informações novas ou diferentes, que justificassem um aumento dessa recolha de material empírico.

Considera-se assim que a compreensão do objecto em estudo só foi possível devido à participação das pessoas, e à preocupação em retratar a perspectiva das mesmas, com o intuito de perceber as suas percepções e diferentes formas de interpretar as situações e fenómenos. Deste modo, e entre as diversas abordagens que uma investigação qualitativa pode assumir, optou-se por uma investigação do tipo comparativo, uma vez que permite, portanto, aprofundar casos específicos, com vista ao estudo da comparação dos diversos casos, e tendo como propósito fundamental descobrir convergências ou divergências entre os mesmos (cf. Coutinho & Chaves, 2002:226).

Desta forma, para que de uma investigação se possa obter resultados é necessário ter presente o campo de análise na sua totalidade, tendo em conta o tempo e o espaço onde

se insere. O campo ou unidade de análise é a realidade que se pretende observar, e como tal, “(...) constitui o objecto de estudo na investigação, e através dela é possível obter-se os dados empíricos necessários (...)” (Bravo, 1994:96). Assim, e tendo em conta os objectivos do presente estudo, a definição do campo empírico e universo de análise resultou na selecção de um conjunto de casos, em diferentes respostas sociais, de forma a que seja possível a sua comparação em termos de semelhanças e diferenças, não tendo sido portanto feita ao acaso a escolha dos entrevistados. Neste estudo foram utilizados três critérios para a delimitação e construção do universo de análise. Por um lado, o critério espaço-temporal, tendo sido escolhido o distrito de Lisboa, por razões de proximidade física, e a freguesia de Benfica, por razões de ordem profissional. Por outro lado, o critério institucional, tendo sido escolhido o local onde a discente se encontra a desempenhar as suas funções profissionais. E por fim, o critério baseado no perfil pessoal das pessoas entrevistadas. Portanto, o universo de análise não foi definido aleatoriamente, mas sim, tendo em consideração as capacidades físicas e mentais dos entrevistados, de modo a recolher uma informação credível e permitir conhecer não só a situação sócio-familiar e de saúde da pessoa, bem como, as respectivas expectativas sentidas e perspectivas relativamente ao apoio recebido nas respectivas instituições. Sendo assim, definiu-se um total de vinte entrevistas, agrupadas em quatro grupos distintos de diferentes respostas e com cinco pessoas cada, nomeadamente, o grupo dos potenciais utilizadores de respostas sociais, o grupo do centro de convívio, o grupo do serviço de apoio domiciliário, e o grupo do lar. Tendo ambas as instituições, tanto a paróquia de Benfica como o lar, manifestado interesse e colaboração, para a realização do presente estudo, o trabalho de campo teve início no dia 4 de Maio de 2012.

Relativamente às estratégias de investigação, optou-se por recorrer a duas. Por um lado, a estratégia de investigação indutiva uma vez que a lógica de investigação parte da acumulação de dados, seguindo um percurso bottom-up, e para além de existirem propósitos descritivos. Por outro lado, face aos objectivos do estudo, a estratégia de investigação abductiva também estará presente pois pretende-se apurar as significações e atribuições de sentido que os entrevistados conferem à sua experiência de envelhecimento e da institucionalização. Deste modo, existe uma orientação ou inspiração interpretativista e fenomenológica que estão exactamente na base da estratégia de investigação abductiva, a qual é ainda caracterizada por propósitos compreensivos. Neste sentido,



“(...) a realidade social é encarada enquanto produto de processos, através dos quais os actores sociais, mutuamente, negociam significados para acções e situações (...) E estes significados facilitam e estruturam as relações sociais, sendo a realidade social o mundo simbólico de significados e interpretações (...)” (Blaikie, 2000:20).

O que quer dizer que permite descrever e compreender a vida social a partir das percepções e motivações dos actores sociais implicados. Assim, face ao quadro teórico apresentado e à informação que se pretende recolher, deve ter-se em atenção a singularidade de cada pessoa bem como a sua experiência e história de vida, pois procuram-se significados, comportamentos e interpretações a partir de um determinado “caso” para a explicação de um determinado fenómeno, se se considerar cada sujeito implicado como uma “síntese activa” do todo social (Guerra, 2005:31).

## **1.2 Técnicas de Recolha da Informação**

Na tentativa de recolher informação o mais significativa possível face ao objecto de estudo, foi seleccionado um conjunto de técnicas qualitativas, adaptadas às questões que se pretende investigar e aos objectivos que se pretende atingir, nomeadamente, a observação directa, as entrevistas semi-estruturadas, e a pesquisa documental. A recolha da informação, consoante cada um dos grupos, foi efectuada nas instalações da Paróquia, no domicílio das pessoas idosas utilizadoras do serviço de apoio domiciliário e nas próprias instalações do lar, uma vez que se pretendeu recolher as “(...) percepções e manifestações das pessoas entrevistadas no seio dos seus próprios contextos (...)” (Flick, 2005:13).

A observação é uma metodologia particularmente adequada para a análise do não verbal, sendo que “(...) o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador e os principais procedimentos são a presença no contexto social em estudo e o contacto directo, em primeira mão, com as pessoas e as situações” (Costa in Silva & Pinto, 2009:137). Nesta fase, o principal tipo de registo e gravação dos dados utilizado foi o sistema narrativo que se baseia “(...) na elaboração de um registo escrito dos dados numa linguagem corrente do quotidiano e que se pode fazer no momento da observação de um acontecimento (...)” (cf. Carmo & Ferreira, 1998). Além disso, este tipo de

registo pode surgir em complementaridade com o registo de tipo tecnológico, cuja principal vantagem é a de garantir a conservação intacta da informação.

Na observação participante, o próprio investigador, principal instrumento de pesquisa, integra o meio a investigar, “veste” o papel de actor social, podendo assim ter acesso às perspectivas das outras pessoas ao viver os mesmos problemas e as mesmas situações que eles (cf. Carmo & Ferreira, 1998). Assim, a participação tem por objectivo recolher dados sobre acções, opiniões e perspectivas, aos quais um observador exterior não teria acesso. A este propósito Bogdan & Biklen (1994) referem que:

“Os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora (...) E como os investigadores qualitativos estão interessados no modo como as pessoas normalmente se comportam e pensam nos seus ambientes naturais, tentam agir de modo a que as actividades que ocorrem na sua presença não difiram significativamente daquilo que se passa na sua ausência (...)” (Bogdan & Biklen, 1994:68).

Assim, foi efectuada alguma observação na medida do possível, mas acabou por não se revelar muito adequada, pois o interesse prendia-se mais com as questões colocadas e com o discurso dos entrevistados.

Quanto aos métodos de entrevista, pelas suas características de proximidade entre entrevistado e investigador, permitem a obtenção de informações e elementos de reflexão muito mais ricos do que com o uso do método por questionário (cf. Quivy & Campenhoudt, 1998). Na recolha de informação pela via da entrevista:

“(...) tem de se ter sempre em conta que, mesmo nas questões ditas mais objectivas, tudo o que se obtém é uma declaração do sujeito sobre a observação que ele faz do seu próprio pensamento, comportamento ou situação (...) em sentido inverso, a observação directa, restritamente entendida, dá um acesso muito mais limitado à configuração das representações e práticas sociais (...)” (Sousa in Silva & Pinto, 2009:142).

O que quer dizer que se considera esta técnica como útil e um complemento à observação (cf. Coutinho, 2005).

Deste modo, a entrevista é uma técnica importante que possibilita um processo de recolha de informação pouco acessível e que dificilmente é possível de aceder através

da mera observação, ou seja através de sentimentos, dúvidas, desejos, receios, expectativas, opiniões, etc., acerca dos fenómenos que se pretende aprofundar. E portanto, o universo da subjectividade é um elemento objectivo fundamental da realidade social (cf. Sousa in Silva & Pinto, 2009).

Dentro dos três tipos principais de entrevistas e tendo em conta as características de cada um, para a realização do presente estudo optou-se pela utilização de entrevistas semi-directivas.

As entrevistas semi-directivas são orientadas por perguntas-guias, relativamente abertas, sobre as quais o investigador tenta receber uma informação por parte do entrevistado e são colocadas pela ordem que a conversa, entre ambos, encaminhar. E embora tendo um conjunto de questões menos rígidas, pode sempre introduzir-se novas questões de forma a obter-se mais informações, permitindo assim uma liberdade de respostas que sejam não só a expressão do seu pensamento, mas proporcionem novas pistas reflexivas acerca das temáticas. Pelas suas características de flexibilidade e abertura à valorização da experiência dos entrevistados, não se pode ignorar o contexto de interacção criado na própria entrevista (cf. Quivy & Campenhoudt, 1998).

Não existiu um conjunto de perguntas bem estruturadas, mas uma grelha que incluiu tópicos ou temas relacionados directamente com o objecto de estudo e tendo em conta a informação relevante que se pretendeu obter. Esta grelha incluiu sugestões de perguntas, que podiam ser formuladas de forma diferente no decorrer da entrevista, assumindo-se pois como um instrumento flexível e adaptável às circunstâncias da entrevista semi-directiva e ao nível de compreensão e receptividade dos entrevistados. Para explicitar o conteúdo de cada tópico foi necessário clarificar a informação que se pretendia obter em cada um. Este exercício facilitou a construção das perguntas de forma acessível aos entrevistados, e ao mesmo tempo, coerente com as linhas teóricas da pesquisa. Saliente-se que foi elaborado um guião (ver Anexo B), que teve como referência os objectivos e as questões que orientaram toda a investigação.

“A sua estrutura é constituída por perguntas relativamente abertas, de modo a deixar falar os entrevistados, ou seja, apesar de flexíveis são orientadas por um guião de tópicos de interesse para o desenvolvimento da mesma (...)” (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Assim, foram realizadas 20 entrevistas a pessoas com idades compreendidas entre os 65 e os 94 anos de idade, durante o mês de Maio e no início de Junho de 2012.

Realizaram-se 10 entrevistas nas instalações da paróquia de Benfica às pessoas com capacidade de autonomia e locomoção, nomeadamente no gabinete da Assistente Social, sem quaisquer interrupções ou limites de tempo. Realizaram-se mais 5 entrevistas no domicílio das pessoas idosas beneficiárias do serviço de apoio domiciliário, pois devido às dificuldades de locomoção o ambiente do domicílio surgiu como melhor opção. E realizaram-se outras 5 entrevistas nas instalações do lar, uma vez que as pessoas aqui entrevistadas encontravam-se mais confortáveis e à vontade no seu próprio espaço. Não houve qualquer tipo de preocupação com o tempo, sendo que cada entrevista teve a duração de cerca de meia hora a quarenta e cinco minutos.

Durante as entrevistas tentou-se utilizar uma linguagem acessível e todas as entrevistas foram iniciadas com a clarificação do que se pretendia com as mesmas. Também se solicitou a permissão para gravar as entrevistas, de modo a facilitar o registo e transcrição das mesmas, com as vantagens da fidelidade e qualidade de toda a informação. Todavia, só sete pessoas aceitaram a gravação das suas respostas, e as restantes pediram desculpa por não se sentirem suficientemente à vontade na presença do gravador. Posteriormente, fez-se uma transcrição fiel da linguagem usada pelas pessoas entrevistadas, resultado de todo um conjunto de padrões culturais e religiosos, e garantiu-se o seu anonimato através da atribuição de nomes fictícios (ver Anexo C).

### **1.3 Técnicas de Análise da Informação**

Depois de recolhidos os dados, estes foram trabalhados de forma a que deles se revele quais os factores de construção das representações sociais das pessoas entrevistadas.

Para a análise da informação recolhida utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que se considerou como a mais adequada e uma vez que é uma das técnicas mais utilizadas em investigação social, em especial em estudos qualitativos.

É definida por Berelson como sendo “(...) uma técnica de investigação que tem como finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação (...)” (Bardin, 1994:19). E para que seja objectiva, exige uma definição precisa das categorias de análise, de modo a permitir que diferentes pesquisadores possam utilizá-las. Para ser sistemática, é necessário que a totalidade de conteúdo relevante seja analisada com relação a todas as categorias significativas (cf. Coutinho, 2005).

A análise de conteúdo apresenta como suporte instrumental, mensagens e formas de expressão dos sujeitos sociais e, como produto, um conhecimento não linear que deriva da observação social do objecto. Esta técnica pretende ultrapassar as evidências imediatas e aprofundar, através de leituras sistemáticas, a pertinência e a estrutura das mensagens.

Após a realização das entrevistas, o processo de análise de conteúdo dos dados, começou pela audição e transcrição textual das entrevistas, sendo que o *corpus* de análise é constituído pela totalidade das entrevistas. O objectivo da investigação é transformar a informação obtida junto dos entrevistados em algo que seja interpretável, que tenha significado para o investigador: as chamadas categorias de análise (cf. Coutinho, 2005). As categorias foram escolhidas tendo por base os conceitos desenvolvidos no quadro teórico, em comparação com os conteúdos das entrevistas e os significados atribuídos pelos entrevistados. Neste sentido e tendo em conta que é um estudo comparativo, optou-se por uma codificação temática, e para classificar os elementos em categorias foi necessário “(...) procurar uma intersecção desses conjuntos, os pontos comuns, quer dizer, das proposições comuns a todas as entrevistas, essencialmente as relações entre elas (...)” (Flick, 2005:190).

Neste contexto, a análise de conteúdo foi efectuada através da sistematização das ideias principais retiradas das entrevistas, tendo como referência o quadro teórico e o modelo de análise, o que permitiu o cruzamento de dados e a elaboração das conclusões.

## 2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A apresentação e análise dos dados que se seguirá incidirá sobre o discurso dos actores e é com base nesse discurso, que se irá procurar compreender as suas representações acerca dos fenómenos em estudo. Funciona como uma exploração da diversidade de representações e opiniões, uma vez que cada entrevista transporta um novo cenário e, mesmo quando as pessoas entrevistadas manifestam opiniões semelhantes, estas reportam-se a contextos e trajectórias diferentes, sendo, por isso, sujeitas a interpretações diversas.

Portanto, cada entrevista tem em conta alguns momentos da história de vida da pessoa e as suas percepções, sendo que a narrativa de cada um é sempre articulada em função da sua vivência pessoal e quotidiana, e a pessoa pode incorporar ou não no seu discurso determinados factos ou condições que lhe tenham passado despercebidos ou que ele inconscientemente rejeite. Surge, no entanto, como mais importante, a significação atribuída pelo entrevistado às situações ou factos que vão ao encontro das temáticas presentes no guião. Tendo em conta que o percurso de vida das pessoas pode influenciar a forma como esta representa o seu estatuto social e familiar actual, consequentemente as suas narrativas, opiniões e expectativas também serão reflexo dessa influência.

A maioria das pessoas entrevistadas são pessoas física e mentalmente autónomas, apesar de em alguns casos se ter verificado dificuldades de memória, sobretudo no grupo dos entrevistados residentes em lar. E noutros casos, algumas pessoas deslocam-se com ajudas técnicas, nomeadamente bengalas e canadianas. Também é de referir que em certas situações, alguns entrevistados mostraram-se desconfortáveis em abordar determinados temas, e consequentemente alguma dificuldade em formular as suas respostas, tornando-se breves e não desenvolvendo muito o assunto, nomeadamente nos temas referentes à preocupação da sociedade civil e das famílias com os mais idosos. E daí o porquê de a maioria das entrevistas ser curta e pouco rica em termos de respostas.

Teria sido interessante entrevistar aqueles com quem os idosos interagem mais de perto. No entanto, além de problemas relacionados com a indisponibilidade de tempo e meios,

poderiam colocar-se, ainda, problemas na identificação e delimitação do universo, especialmente em casos em que as relações mais próximas não sejam mantidas com familiares, mas sim com amigos.

Os resultados apresentados derivam das grelhas de análise de conteúdo temática (ver Anexo E). E surgem apresentados através de uma narração descritiva de forma a fornecer uma lógica sintetizada dos dados fornecidos pelos entrevistados, e subdivididos pelas temáticas centrais.

## 2.1 Percepções sobre o processo de envelhecimento

A representação social de envelhecimento não convoca apenas aspectos negativos relacionados com o desgaste físico e mental e uma eventual dependência. Envelhecer é também “ter experiência”, “ter dignidade”, “uma sabedoria de vida”, ou seja, é notória uma visão positiva que associa o envelhecimento com uma acumulação de competências e amadurecimento progressivo ao longo da vida. Então, mas como sentem as pessoas entrevistadas esta nova fase da sua vida?

O que se verifica é que a noção de velhice que, numa abordagem imediata, faz alusão à dimensão fisiológica, nomeadamente, no que respeita às limitações que vai acumulando e ao estado de saúde das pessoas, não se sobrepõe à noção de envelhecimento como consequência natural da vida (cf. Sousa & Figueiredo, 2004). As pessoas têm consciência das suas limitações e da sua idade, mas também sabem que o envelhecimento é um processo natural inerente a todos (cf. Marques, 2011). Reconhece-se haver uma diminuição gradual das capacidades físicas, mas estas são encaradas como irrelevantes face à manutenção das capacidades intelectuais, verificando-se uma certa recusa em associar a velhice à idade cronológica.

“Tenho consciência que já não sou nova e tenho algumas limitações, mas não é algo que me preocupa. Adapto-me bem à minha idade e vivo o dia-a-dia naturalmente, a tratar da casa, dos netos, a dar apoio aqui na paróquia, na parte do banco alimentar, e sinto-me bem...” (D.<sup>a</sup> Maria)

“Encaro bem, é natural com um pouco de ajuda agora com a saúde debilitada. Mas reformei-me porque fui obrigado e já tinha os anos de serviço cumpridos apesar de, na altura, ainda me sentir com capacidades. E agora também tenho ajuda da minha esposa, e lá conseguimos dar a volta por cima.” (Sr. José)

Também é de salientar a percepção de que “só se envelhece se quisermos”, o que depende do “estado de espírito” das pessoas na convicção de que ele é determinante para as diferentes formas de encarar a velhice. Tal significa a importância da atitude individual de manter o interesse pela vida como forma de repudiar a velhice, “ter espírito jovem”, “manter contacto com os mais jovens”, “manter-se ocupado”.



“Não estou velha, nem me sinto velha (...) tenho um espírito muito jovem e sinto-me bem (...) E ocupo o meu tempo a organizar actividades na Paróquia...” (D.<sup>a</sup> Ana)

“Estou cá em Lisboa há 46 anos e sempre desempenhei muitas actividades aqui na paróquia, desde aulas de ginástica, passeios, pintura, trabalhos manuais e até catequese. Também tirei alguns cursos na FITI (Federação das Instituições da Terceira Idade). E portanto, sempre tive uma vida muito activa e o importante é saber envelhecer.” (D.<sup>a</sup> Graciete)

Pode-se salientar destas percepções, um aspecto interessante, nomeadamente, o aspecto de que o “sentir-se envelhecer” se pode combater, através de uma ocupação do tempo e de se manter em contacto com amigos, vizinhos, familiares, com gerações mais novas. E apesar de se perceber a influência da estrutura social no curso de vida do indivíduo, marcando a sua trajectória e história pessoal, encara-se como importante assumir preocupações com o que se passa em seu redor, “com o que se passa no mundo” nos vários domínios, com vista à remodelação do quotidiano na sua velhice (cf. Giddens, 1994).

“Sinto-me perfeitamente. Ainda mantenho algumas funções aqui na paróquia e sou colaborador externo da Rádio Renascença há 21 anos, por isso não me posso queixar, graças a Deus. Mas vejo, com alguma preocupação, o futuro das gerações mais novas, sobretudo dos meus netos.” (Sr. Duarte)

Também se tornou evidente que a saída do mercado de trabalho modificou radicalmente a vida destas pessoas uma vez que diminuem as obrigações laborais. A sua vida sempre foi centrada no trabalho e quando não existiam obrigações laborais estavam presentes as obrigações familiares. A dedicação ao trabalho absorve o quotidiano das pessoas, não deixando espaço para reflexões sobre o processo do seu envelhecimento. Assim, e através dos vários autores estudados, torna-se perceptível que a pessoa idosa pode perder, juntamente com o seu trabalho, a estruturação do seu tempo, contactos sociais, identidade, actividade regular e pertença a um grupo. Esta realidade é, em muitos casos, vista como “(...) um declínio do padrão de vida, acompanhado, por vezes, de muitas privações, após a ruptura, muitas vezes drástica, com a actividade laboral” (Levet, 1998:8).

No entanto, se se considerar que cada indivíduo é uma realidade em si mesmo, a idade da reforma, entendida no sentido de “deixar de trabalhar”, tem repercussões diferentes em cada um, o que quer dizer que, se por um lado alguns após a reforma continuam a ter

uma vida social activa, por outro lado, outros acabam por “cair” na inactividade. Para evitar isto, é necessário uma preparação antes da reforma, de modo a que, quando tal venha a acontecer, a pessoa já se encontre preparada psicologicamente para encarar essas mudanças e tenha planeado devidamente a sua nova fase da vida (cf. Ferrari, 2002).

“Estive 11 meses na pré-reforma, e preparei-me bastante bem, comecei a afastar-me aos poucos do trabalho, da vida activa (...) Desde então que sempre me mantive e ainda me mantenho ocupado, eu e a minha mulher, com actividades aqui na paróquia, com os tapetes de arraiolos, a pintura, os trabalhos manuais e em casa dedico-me à bricolage. Sempre me entretenho. E também costumo ir à missa, sempre fui católico praticante...” (Sr. Correia)

Na sociedade ocidental, onde impera uma valorização do trabalho, ser colocado à margem do processo das actividades remuneradas pode provocar grandes dificuldades individuais e sociais, exigindo a cada pessoa uma nova orientação de objectivos e energias. “O grande desafio é reorganizar o quotidiano, descentrar a profissão e encontrar um papel que garanta a manutenção do sentido de utilidade” (Sousa & Figueiredo, 2004:32).

Também as situações de perda são marcantes na trajectória das pessoas idosas, podendo ser sentidas a vários níveis. No caso particular desta investigação, os entrevistados dão uma certa relevância no seu discurso às perdas de nível interpessoal, especialmente à morte dos cônjuges. Estas são representadas com grande intensidade sentimental e condicionam todas as vivências posteriores. A morte de pessoas próximas, que eram os principais alvos da sua afectividade, cria sentimentos de solidão e sofrimento, podendo mesmo levar as pessoas a questionar a sua própria existência.

“Esta fase da viuvez está a ser difícil, não estava à espera... Pois mas com o tempo, com a ajuda das minhas amigas e com o trabalho e com o voluntariado acabo por dar a volta... É muito bom, e é uma óptima terapia para todas nós.” (D.<sup>a</sup> Fátima)

“Vejo de forma natural, o viver, o nascer e o morrer. E deve ser encarada com dignidade. Mas quando estamos sozinhas, torna-se mais penoso, sobretudo quando o marido parte. A minha única filha é diplomata e está nos Estados Unidos há 11 anos, e só costuma vir cá de 4 em 4 anos. Quem tem muitos filhos, é mais fácil (...)” (D.<sup>a</sup> Amélia)

“É muito triste, é uma fase muito triste sobretudo quando perdemos o marido, as noites são mais complicadas, sinto-me mais sozinha. Mas durante o dia tento

manter-me o mais ocupada possível. Os meus filhos telefonam-me todos os dias, graças a Deus. Vou às compras, ao médico, aqui ao convívio e à missa, todos os dias.” (D.<sup>a</sup> Fernanda)

“(…) Já estou há 40 anos em Lisboa e antes de o meu marido falecer não pensava nisso sequer. Mas agora passo noites horríveis, sem pregar olho, muito sozinha. E tenho bons vizinhos que me tratam bem e se preocupam comigo. Também tenho 2 filhos e 4 netos, que ajudei a criar, e com os quais tenho uma boa relação e me ajudaram sempre muito, sobretudo desde que o pai faleceu... E aqui o convívio ajuda bastante.” (D.<sup>a</sup> Lucinda)

“(…) Mais ou menos (...) Desde a morte do meu marido que as coisas são mais complicadas, tenho muitas saudades... Encaro de forma natural, faz parte da vida. Às vezes digo que já cá não estou a fazer nada, que só dou trabalho, mas não sei se o que estou a dizer é pecado ou não. Mas um dia vou partir e a minha filha não gosta que eu diga isto (...)” (D.<sup>a</sup> Isabel)

Percebe-se que as redes sociais, pessoais, mais amplas, são mais protectoras. Paralelamente, as relações com amigos mais próximos previnem mais a solidão do que as relações com familiares. Por exemplo, a falta de cônjuge e filhos pode levar a um maior sentimento de solidão, mas as amizades íntimas podem tomar o lugar da família. Portanto, a viuvez, o baixo estado de saúde e a inactividade podem fortalecer este sentimento, e deste modo, a espiritualidade e/ou religião tem-se revelado um factor protector, desempenhando um papel essencial. A viuvez, a morte dos amigos e entes queridos, a consciencialização da decadência das suas funções e a insegurança resultante destas múltiplas perdas pode levar a uma maior procura e refúgio espiritual. Segundo Berger (1995), a espiritualidade e a religiosidade são muito importantes para os idosos estando, muitas vezes, interligadas com o bem-estar psicológico, permitindo-lhes encontrar respostas para certas questões sobre o significado da vida e do destino. E a espiritualidade pode ou não estar vinculada a uma religião (Duarte, 2011:50). Mas de acordo com alguns entrevistados, através das crenças e, nomeadamente, da religiosidade, é possível ter motivação para viver e enfrentar dificuldades, superar com mais facilidade os desafios e manter-se emocionalmente mais estável.

“Não ligo nada a isso, sempre tive a genica que tenho agora. E tenho aqui o meu altar com todos os santinhos e tenho um quintal que me ajuda a ocupar o tempo. O próprio médico dá-me os parabéns porque com esta idade ainda tenho uma certa lucidez e falo muito bem. É pena é ter uma úlcera no estômago e alguma dificuldade em andar, mas se não fosse isso até ia para o centro de convívio.” (D.<sup>a</sup> Luísa)

“É muito triste, é mesmo a coisa mais triste que há! Estou cá há 2 anos e fui-me habituando... Mas custa muito... Eu tomei conta dos meus pais até à morte deles... Mas agora esta juventude nunca tem tempo para nada... Passo os dias a ver televisão e falo pouco com as pessoas, mas rezo muito aos meus santinhos e a Jesus Nosso Senhor... Ai, mas que dor de alma tão grande!” (D.<sup>a</sup> Laura)

Relativamente às percepções das pessoas residentes no Lar, o que se encontra é uma imagem negativa da velhice, pois acima de tudo, para os entrevistados viver na sua própria casa é a dimensão integral da sua independência e do seu bem-estar (cf. Sousa & Figueiredo, 2004). No entanto, devido às situações de doença de todos os entrevistados, a ponderação em conjunto com os seus familiares, indicou o lar como a opção viável. E nestas situações, a doença é como uma lembrança da velhice porque as pessoas “começam a ficar mais fracas, com menos força”.

“É triste quando se entra num lar, não me sinto propriamente feliz... Mas tenho tido visitas da minha filha e de pessoas amigas o que ainda me vai animando, e a televisão aqui também ajuda a passar o tempo.” (D.<sup>a</sup> Natália)

“Tenho vivido bem, gosto de cá estar, sinto-me acompanhada e tratam-me bem... Apesar de ter poucas visitas das minhas filhas, também sei que elas não me podiam ter em casa delas por causa do trabalho e da falta de tempo e essas coisas, mas fiz outras amizades aqui que ajudam a passar o tempo, e as funcionárias também são atenciosas.” (D.<sup>a</sup> Júlia)

“É muito triste, é mesmo a coisa mais triste que há! Estou cá há 2 anos e fui-me habituando... Mas custa muito... Eu tomei conta dos meus pais até à morte deles... Mas agora esta juventude nunca tem tempo para nada... Passo os dias a ver televisão e falo pouco com as pessoas, mas rezo muito aos meus santinhos e a Jesus Nosso Senhor... Ai, mas que dor de alma tão grande!” (D.<sup>a</sup> Laura)

Percebe-se pelo discurso dos mesmos que as actividades de ocupação são mais limitadas e escassas, uma vez que o espaço é partilhado e organizado segundo normas e esquemas de trabalho que nem sempre se compadecem com o ritmo, necessariamente mais lento, das pessoas idosas. Portanto, a maioria refere que passa o tempo a “ver televisão”. Quanto às suas famílias, transmitem, de um modo geral, uma imagem positiva, de respeito e reconhecimento mútuos, apesar de realçarem a descontinuidade existente ao nível dos estilos de vida de diferentes gerações, a sua e a dos seus filhos ou netos, ou mesmo outros familiares. E para além da família, os grupos primários, nomeadamente as amizades que fazem dentro da instituição, também desempenham um papel importante nas suas vivências do dia-a-dia.

Em síntese, e de uma forma geral, as pessoas entrevistadas não se sentem velhas e não pensam na velhice, adoptando determinadas atitudes de fuga ao pensamento sobre a sua própria velhice porque nela está a representação de eventual incapacidade. Assim, vencer a velhice é, a título mais afectivo, “estar aberto ao que é novo”, “conversar com os mais jovens”, “manter-se ocupado com actividades”, “preocupar-se com as gerações mais novas, com o que se passa em redor e no mundo” e “saber envelhecer”.

Face aos dados aqui analisados denota-se assim que existe na sociedade a necessidade de criar estratégias com o objectivo de melhor preparar as pessoas para a reforma. Uma vez que das pessoas entrevistadas, apenas uma se preparou atempadamente, levanta-se a questão da importância dos Centros de Convívio ou Centros de Dia para a estruturação de uma possível preparação.

## **2.2 Percepções sobre as instituições e serviços de apoio a pessoas idosas**

Hoje, Portugal é um país envelhecido e que caminha aceleradamente para se tornar ainda mais na medida em que de acordo com as últimas projecções está a verificar-se uma tendência para um aumento muito significativo do número de pessoas com mais de 85 anos. Os dados disponibilizados na Carta Social de 2010 mostram que todos os concelhos do continente apresentavam respostas sociais para as pessoas idosas, sobretudo na área metropolitana de Lisboa e do Porto e nos concelhos mais envelhecidos, sendo as três principais respostas sociais, o serviço de apoio domiciliário, as residências e/ou lares de idosos e os centros de dia. Estes serviços eram maioritariamente oferecidos por entidades não lucrativas, principalmente pelas instituições particulares de segurança social (IPSS) e pela Santa Casa da Misericórdia, embora ultimamente se tenha verificado um aumento da acção de entidades de carácter lucrativo.

Relativamente às percepções dos entrevistados, apesar de não conhecerem bem a “situação actual”, consideram que há mais equipamentos e serviços, mais melhorias e sensibilização junto das pessoas do que antigamente. Contudo, consideram que ainda persiste uma insuficiência de apoios, de recursos humanos com formação devida, e de

divulgação sobretudo junto de quem ou vive sozinho em suas casas, porque ou os filhos moram longe, ou não se dão bem, ou então devido às suas intensas vidas profissionais. Muitas pessoas preferem viver sozinhas ou residir no lar, para não serem “uma despesa acrescida”, ainda por cima nesta actual situação de crise económica, socorrendo-se de questões do género “por que razão havíamos de dificultar-lhes a vida?”

“Não conheço muito bem a situação actual das instituições, mas acho que já há grandes melhorias e a sensibilização (...) apesar de não ser perfeito. A ideia do apoio domiciliário é muito boa, porque acaba por retirar as pessoas dos lares e é um serviço muito bom (...) No entanto, as reformas são cada vez mais pequenas e gasta-se muito dinheiro com os medicamentos...” (D.<sup>a</sup> Ana)

“Cada vez são mais importantes, pois a idade quando avança pode trazer muitos problemas atrás e depois como é? Se a família não assumir o seu dever, é bom que haja instituições e serviços que dêem apoio e mantenha a Terceira Idade ocupada (...) O centro de dia, o apoio domiciliário, o centro de convívio, são tudo respostas necessárias.” (Sr. António)

“Acho que é importante, então agora cada vez mais, há muita gente sozinha em casa, e os filhos têm uma vida de trabalho muito preenchida e é complicado... Aqui no lar foi uma questão de integração e hábito... E que remédio estar aqui.” (Sr. Manuel)

Um dos aspectos a realçar é que a maioria dos entrevistados do serviço de apoio domiciliário e do lar, procura libertar os seus familiares da sobrecarga que constituiria a sua entrada no agregado doméstico e justificar a falta de disponibilidade dos mesmos, de modo a desculpabilizá-los. Essa atitude de desculpabilização é adoptada, de um modo geral, para justificar a ausência de contactos por parte de alguns familiares, caso existam, ou a escassez de tempo que é dedicado a esses momentos de interacção.

“Acho que são muito importantes, sobretudo quando se ouve nas notícias que as pessoas idosas são cada vez mais... E tem que haver coisas assim para nos ajudar (...) A vida dos filhos anda muito agitada e por que razão havíamos de dificultar-lhes ainda mais a vida? Se não houvesse estas ajudas e instituições, até se percebia... E eu falo pela vida das minhas filhas, ambas médicas e passam pouco tempo em casa devido aos horários... Mas se existem estas respostas, claro que são importantes.” (D.<sup>a</sup> Júlia)

“Acho muito importante, fazem muita falta... Já que não podemos contar com alguns filhos e familiares, ao menos que hajam instituições que prestem bons serviços e disponibilizem respostas tanto para mim como para pessoas com mais idade (...) Os tempos mudaram... Aliás, assim que as pessoas se reformam não podem estar paradas, devem continuar activas enquanto puderem, e enquanto houver respostas assim, é bom para o futuro.” (D.<sup>a</sup> Laura)

Mais uma vez se destaca que “as pessoas não podem estar paradas” e “devem continuar activas enquanto puderem”, sendo esta atitude reveladora da dificuldade em imaginar um estilo de vida com ausência de trabalho, relações sociais e actividades de lazer.

Também se constata que as respostas direccionadas às pessoas idosas não têm acompanhado as crescentes necessidades quer em termos qualitativos quer em termos de adequabilidade. Por exemplo, sabe-se e diz-se que as pessoas idosas preferem permanecer o maior tempo possível no seu contexto habitual de vida, mas continua a verificar-se um respectivo apoio à construção de respostas que visam o internamento definitivo com todos os custos sociais e pessoais que isso acarreta para a qualidade de vida das pessoas.

“Acho que é necessário e importante, muito principalmente nos dias de hoje, quando as famílias têm cada vez menos tempo para os seus, entre outras razões como a habitação ser pequena e um velho ser mais uma despesa acrescida (...) Mas, por exemplo, quanto ao apoio domiciliário, acho muito bom, mas pouco e devia ser incrementado com mais força, com mais elementos, mais voluntários porque há coisas difíceis de fazer para certas famílias. E há muita gente carenciada em casa e que está sozinha, e uma palavra de ânimo e esperança seria muito importante...”  
(Sr. Correia)

“Acho que ainda não há apoios suficientes ou então alguns idosos é que não querem. Assim que o meu marido faleceu, procurei logo de seguida algo para me distrair. Comecei hidroginástica, actividades aqui na Paróquia e o Centro de Convívio. Mas há mais apoios do que antigamente. Olhe uma coisa que gostei muito de saber foi que na minha terra há um Centro de Dia que funciona todo o dia, e serve pequenos-almoços, almoços e jantares (...) E é uma pena não termos aqui o Apoio Domiciliário 24 horas, sábados e feriados, mas é uma hipótese a ponderar.”  
(D.<sup>a</sup> Lucinda)

Tendo em conta as percepções manifestadas, uma das apostas em termos de respostas sociais que deve ser mais reforçada é o serviço de apoio domiciliário, uma vez que apresenta como mais-valia o facto de prolongar o período de permanência na própria habitação das pessoas que necessitam de algum tipo de ajuda mais particular. Todavia, a oferta é limitada, cingindo-se sobretudo aos serviços de higiene e alimentação. Ciente desta limitação, Gil (2009) apela à necessidade de se mudar para uma alternativa que permita maior independência e escolha dos utentes. Na própria opinião da autora, o serviço domiciliário deve ser mais do que o normal “banho ou marmita”, incluindo outras valências como, por exemplo, o transporte, o acompanhamento ao exterior, companhia, ida ao cabeleireiro, actividades ocupacionais e serviços de cariz mais

específico, como os cuidados médicos e de enfermagem. Esta alternativa poderia promover uma escolha mais alargada por um leque diferenciado de serviços. Por outro lado, também a aposta na qualidade dos serviços prestados está intimamente ligada à qualidade humana daqueles que o prestam, sendo os recursos humanos, quer os profissionais quer o apoio necessário dos voluntários,

“(...) um elemento fundamental para o sucesso ou insucesso de qualquer organização, independentemente de uma organização lucrativa ou não (...) o trabalho desenvolvido ultrapassa a mera obtenção do lucro ou a simples prestação de um serviço, na medida que implica afecto, respeito e empenho no bem-estar do outro.”<sup>18</sup>

### 2.3 Percepções sobre o papel da sociedade civil

Numa sociedade que valoriza a vitalidade e o dinamismo, os idosos tendem a ser esquecidos. No entanto, e de acordo com as perspectivas dos entrevistados, sendo transversal a praticamente todos os grupos, “ainda existe preocupação com as pessoas idosas, mas dantes havia mais respeito”, e o “espírito de solidariedade e generosidade continuam”, mas “são outros tempos” e “outra mentalidade”, e a educação também é outra.

“Graças a Deus, ainda há uma grande preocupação, mas a mentalidade é outra. Hoje em dia, já não há tanto respeito... As pessoas andam sempre numa correria desgraçada... Mas no meio de tanta coisa, ainda se lembram de nós.” (D.<sup>a</sup> Maria)

“Os tempos são outros, e nós não estávamos muito habituados ao respeito de hoje em dia. Antigamente, o respeito era outro, muito mais imposto, mas também havia muito mais educação... Mas o espírito de solidariedade continua, sem dúvida (...)” (Sr. Correia)

“Bom, sim, as pessoas ainda se preocupam, graças a Deus, sejam algumas famílias e vizinhos e até mesmo aqui a Paróquia apoia bastante... Mas acho que os jovens já não respeitam as pessoas idosas como antigamente, como não respeitam ninguém, nem os próprios pais (...) Vê-se uma irreverência muito grande e o ambiente também não ajuda, é claro...” (D.<sup>a</sup> Amélia)

---

<sup>18</sup> Grupo de Coordenação do Plano de Autoria Social e CID, *Manual de Boas Práticas*, Instituto da Segurança Social, I.P., Lisboa, pp. 108



Nas sociedades ocidentais, a pessoa idosa, “(...) apesar de ter sido considerada, até há algum tempo atrás, como um elemento fundamental na sociedade, pelos seus conhecimentos e valores para as populações mais jovens, actualmente tem uma imagem e um papel social quase insignificante, sendo a diminuição das suas capacidades, num contexto de produtividade, um dos factores mais referenciados” (Martins, 2008:1).

“(...) Isto antigamente era diferente, as pessoas eram mais educadas e generosas... Agora com esta crise, as pessoas pensam mais em si e no seu bem-estar e esquecem-se um pouco do resto (...) Na minha altura era difícil estudar e os pais faziam muito sacrifício e os filhos reconheciam... Mas actualmente há muita coisa, muito mais facilitismo, mas as pessoas são menos educadas (...) Agora nota-se mais diferenças na maneira de ser das pessoas, na mentalidade, na educação que os pais dão aos filhos e depois é o que se vê... A forma de ser e a solidariedade e a generosidade já não são as mesmas... Perderam-se certos valores desde o 25 de abril... Além de que a vida aqui na cidade é diferente.” (Sr. José)

“Mas hoje em dia é diferente, dantes havia mais respeito e consideração... A educação era outra.... Mas ainda assim existem bastantes instituições e serviços para apoiar os idosos... É pena as atitudes de alguns filhos ou outros familiares (...) E também é uma pena alguns lares serem tão caros.” (Sr. Manuel)

Verifica-se assim um certo individualismo e exclusão social, compreendida como conflito de gerações na actual sociedade. Recorre-se ao exemplo das gerações anteriores onde a pessoa idosa era encarada como sinal de “sabedoria e experiência”, para comparar com o que se passa hoje onde “A maioria não se preocupa nem respeita, e dizem que só damos trabalho e despesa... Mas a gente não tem culpa, e além do mais, todos vão chegar a esta fase e depois como é? Pois, é complicado...” (D.<sup>a</sup> Aurora)

“O idoso é vulnerável à exclusão social, pela condição de reformado, sem relação com o trabalho e com os colegas, pela dificuldade de comunicação com as gerações mais jovens, pelo isolamento em relação à família, pela perda de autonomia física e funcional e ainda pelas dificuldades da adaptação às novas tecnologias” (Martins, 2008:1).

A implicação e participação, desde cedo, em actividades socialmente úteis, revelam-se essenciais para uma atitude positiva de preparação da velhice, evitando assim a tendência de ficarem “sentados a ver televisão” ou de “sentirem-se inúteis”. Assim, a questão fundamental centra-se “(...) na integração social dos idosos, que podem e devem desempenhar uma função activa na vida social, não constituindo, também assim, uma carga para as gerações mais novas” (Martins, 2008:2).

Independentemente da postura mais ou menos negativa, a maioria dos entrevistados relembra o passado com saudade. Se por um lado, referem a melhoria generalizada do nível e das condições de vida, por outro lado lamentam a perda de alguns laços de solidariedade que caracterizavam as relações sociais na sua juventude. Enaltecem as relações de vizinhança e o envolvimento de toda a comunidade na prossecução de interesses comuns, apesar de considerarem que existe uma diminuição das sociabilidades públicas e das relações interpessoais. E apesar da importância da rede familiar na vida dos indivíduos, quando esta é ineficiente, os vizinhos e amigos desempenham um papel essencial no apoio físico e mental das pessoas. “Para além da família, os grupos primários, como os amigos, vizinhos e colegas de trabalho, também desempenham um papel importante nas vivências do dia-a-dia” (Sousa & Figueiredo, 2004:159).

Outro aspecto a referir das entrevistas é que algumas pessoas que, por já estarem habituadas a estar sozinhas em casa, “não gostam de ser incomodadas”, além de que hoje em dia “todo o cuidado é pouco”.

“(…) Os idosos muitas vezes deviam ser respeitados e ter acompanhamento, mas muitas vezes, eles não querem (...) A pessoa pensa que eles devem sentir-se muito sozinhos, mas muitos deles não querem e ponto final. Porque além de terem medo que entre alguém pela porta dentro, acabam por sentir-se melhor sozinhos, porque já estão habituados... É mais fácil quando são pessoas conhecidas (...) Acho que em termos de as pessoas estarem acompanhadas é importante, mas respeitando a pessoa porque se sentem bem sozinhas... Mas é importante que os vizinhos, e tenho visto várias vezes, também mostrem alguma preocupação, nem que seja só para saber se está tudo bem e se precisa de alguma coisa... Mas há pessoas que não gostam de ser incomodadas e preferem estar sozinhas, habituaram-se.” (D.<sup>a</sup> Fátima)

“(…) Assim, os vizinhos têm na sua posse as chaves de casa da pessoa idosa e sempre que for preciso, vai lá dar um saltinho (...)” (D.<sup>a</sup> Lurdes)

“(…) Os mais novos têm hábitos diferentes dos antigos e nós mais velhos fomos habituados a outros tempos e a outras coisas... Deitava-me muito cedo, e agora tenho netos que chegam tarde a casa, e isso para mim faz muita diferença, a mudança de rotinas. Eles respeitam-nos e falam connosco, mas somos quase uns estranhos para eles (...)” (Sr. António)

Já outros entrevistados referem que, hoje em dia, a preocupação para com os idosos “está na moda”, sendo a televisão um meio fundamental de divulgação. “Ui, isso agora é o que está na moda, então na televisão vê-se imensa coisa, desde encontros, passeios,

entre outras coisas. E acho muito bem que se continue a divulgar assim esta preocupação com os mais velhos...” (D.<sup>a</sup> Graciete)

No entanto, devido à própria dinâmica social, a situação começa a mudar. “A população chega à velhice cada vez mais preparada culturalmente para entender e viver esta etapa da vida e começa a exigir da sociedade uma resposta às suas necessidades, sobretudo em termos educativos” (Osório & Pinto, 2007:275). Os programas de lazer e tempos livres, as universidades da terceira idade e os programas de voluntariado em prol da comunidade são sinais de que algo está a mudar.

“(…) Acho que ainda há respeito e preocupação, daí, penso eu, o aumento do número de instituições e serviços às pessoas idosas (...) E então na televisão ouve-se imenso falar sobre o envelhecimento e as iniciativas e os passeios. Está na moda!” (D.<sup>a</sup> Lucinda)

Atendendo então às constantes exigências e mudanças da sociedade moderna, surge como desafio consciencializar a comunidade a respeito do verdadeiro papel da pessoa idosa, garantindo o seu lugar numa sociedade que passa por grandes mudanças maioritariamente centradas no avanço tecnológico e na relação entre mercado e consumo. Outro desafio passa por construir e fazer persistir um sólido diálogo intergeracional, entre diferentes faixas etárias, a fim de despertar a sensibilidade da comunidade, além de potencializar a pessoa idosa a acreditar em si, como alguém com dignidade e direitos, e assumindo-se como imprescindível a sua produtividade social. É salutar despertar a importância para o cuidado e respeito da pessoa idosa, como sinal de valorização do respeito pelo próprio futuro, pois todos inevitavelmente caminhamos para lá e confrontar-nos-emos com o processo de envelhecimento.

“É preciso educar a sociedade de modo a fazê-la compreender que a velhice é mais uma etapa da vida e um período cheio de possibilidades” (Osório & Pinto, 2007:275).

## 2.4 Percepções sobre os lares de idosos

A institucionalização surge, normalmente, para a família ou para os idosos sem família, como a última alternativa, quando todas as outras são inviáveis (cf. Sousa & Figueiredo, 2004). Por um lado, a perda de autonomia física é um factor determinante na opção do internamento, e muitos dos idosos que residem nos lares são fisicamente dependentes, e por outro lado, associado a esta dependência física, surgem outros factores, nomeadamente, a conflituosidade familiar que, por vezes, condiciona mais fortemente a decisão.

Neste domínio, é clara a perspectiva dos entrevistados sobre o desejo de continuar no seu domicílio até ao momento em que se sinta perda de autonomia nas tarefas quotidianas da sua vida privada, referindo-se ao lar como um “mal necessário”, o que vai ao encontro da perspectiva de Zimmerman (2000). Viver na própria casa é “uma dimensão integral de independência, pois simboliza a salvaguarda do seu sentido de integridade pessoal (...)” (Sousa e Figueiredo, 2004:129).

“(...) É um mal necessário, mas só em último caso é que eu acho que se deve entrar num lar. Tirar as pessoas do meio familiar é complicado porque todos gostamos da nossa casa... Temos a nossa vivência, os nossos objectos pessoais, a nossa história (...)” (D.<sup>a</sup> Amélia)

“Se realmente tivesse que ser e já não tivesse capacidades para fazer as coisas sozinha, que remédio! Mas acho que no lar eu estaria melhor do que ficar em casa sozinha...” (D.<sup>a</sup> Luísa)

Manter-se na própria casa ou em casa de familiares são as condições de maior peso na concretização do desejo de felicidade. Mas admite-se que na situação de dependência pode aceitar-se “ir para um lar”, com o intuito de “não se sentir a mais” em casa dos familiares ou de “estar melhor no lar do que em casa sozinha”. Os discursos dos entrevistados vão no sentido de uma consciência sobre os estilos de vida dos familiares, que os deixam sem tempo para serem cuidadores devido à insegurança vivida no mundo laboral, sobressaindo assim a noção do direito dos mais novos a não serem sacrificados porque “não lhes quero dar trabalho nem despesa”.

“(...) No entanto repare, os pais trabalham, os filhos vão para a escola, e quem é que fica a tomar conta dos velhos em casa? É porque há um determinado ambiente

familiar, pai, mãe e filhos, e se entra outra pessoa, que tem outros hábitos, como é? Há uma grande mudança de rotinas e há pessoas e famílias que não gostam disso...” (D.<sup>a</sup> Amélia)

“(...) Infelizmente se isso acontecer, e tiver que ser, pronto... As filhas também têm as vidas delas e não têm muito tempo... Mas eu e a minha mulher juntos conseguiremos ultrapassar essa situação (...) O que gostamos mesmo é de estar em casa! Só que a partir do momento em que eu perder certas capacidades, teremos de ponderar essa possibilidade do lar, infelizmente (...)” (Sr. José)

“(...) Penso que os lares são um mal necessário. Há pessoas em casa que estão sozinhas e que não têm companhia, e portanto para certos casos, os lares até são melhores... E muitas vezes, as próprias famílias têm casas pequenas e não sei quê e não sei que mais, e não se interessam pelos velhos (...) E verdade seja dita, também somos uma despesa muito grande (...)” (D.<sup>a</sup> Graciete)

Sobressai, também, que alguns entrevistados apontam razões pessoais, associadas ao medo de criar conflitos na vida familiar, que os levam a dizer que não desejam que isso aconteça. Mesmo não existindo um conflito manifesto entre o idoso e os seus familiares, a coabitação torna-se difícil, pois o idoso não se sente integrado no agregado familiar e sente-se uma sobrecarga. Surgindo o internamento como única alternativa, pode melhorar, em parte, desde a entrada no lar, as relações com os familiares. Estes resultados são confirmados pelos estudos desenvolvidos por Paúl (1996) e Pimentel (2001). Nota-se assim um sentimento ambivalente, por um lado, o sentimento de dever de apoio à geração dos progenitores e, por outro lado, o de resguardar a privacidade da família nuclear.

“Os meus irmãos decidiram que seria o melhor para mim, e eu em parte concordei, porque nem me dava muito bem com eles e eles não têm possibilidades financeiras para me ter com eles... Além de que tenho alguns problemas psicológicos, mas pronto...” (Sr. Manuel)

“Foi a minha filha que me pôs cá... Ela trabalha muito, tem um horário ingrato e não tem tempo para me ter em casa, nem espaço... A casa é pequena (...) Prefiro estar aqui e continuar a falar com ela, do que estar a dar-lhe mais trabalho lá em casa e estarmos zangadas...” (D.<sup>a</sup> Laura)

São as mulheres, com a sua experiência de cuidadoras, que apresentam um olhar mais marcado pelo peso das situações de partilha do tempo, do espaço e dos afectos no seio da concepção actual de família. Aliás, estudos de Karin Wall *et al* (2002) testemunham essa realidade portuguesa quanto à organização familiar assente no trabalho feminino.

“(…) As minhas gerações anteriores sempre cuidaram dos seus em casa, até à morte. E eu cuidei dos meus pais e dos meus avós até morrer, mas tenho mesmo muita pena de quem é idoso e não tem família nem ninguém que se preocupe com eles... E assim os lares são a melhor solução (...) Mas enquanto eu puder estar na minha casa, nem penso duas vezes. Só mesmo em último caso (...)” (D.<sup>a</sup> Lucinda)

Também é de referir alguns casos em que os entrevistados manifestam um claro repúdio face ao internamento, fazendo uma crítica profunda quer às notícias que ouvem na televisão sobre maus-tratos quer aos filhos que actualmente, mesmo quando não trabalham, não têm qualquer relutância em institucionalizar os seus pais, ou neste caso, as pessoas com mais idade. Porém, a maioria procura libertar os seus familiares da sobrecarga que constituiria a sua entrada no agregado doméstico e justificar a falta de disponibilidade dos mesmos, de modo a desculpabilizá-los. Esta atitude de desculpabilização é adoptada para justificar a ausência de contactos por parte de alguns familiares ou a escassez de tempo que é dedicado a esses momentos de interacção.

“Mas também depende das famílias, porque há muita família que não liga nenhuma aos velhos, encaixota-os num lar e nunca os vai visitar (...) Também não sei como foram as pessoas, se foram boas ou más (...) E portanto, é claro que a vida numa instituição é uma vida diferente, e se a família não acompanha as pessoas de forma diferente, o sofrimento é muito maior e as pessoas morrem muito mais depressa (...) Tem que haver também da parte da família um bocadinho de preocupação, para saber se a pessoa está bem ou não (...)” (D.<sup>a</sup> Fátima)

“Hoje em dia, devido às ocupações do marido e da mulher, os lares surgem como uma necessidade, embora lamente a existência, claro (...) Contudo, atenção que não há nada que possa superar a família, mas é uma necessidade social.” (Sr. Duarte)

“(…) As famílias (...) muitas não querem saber, outras graças a Deus preocupam-se (...) Mas acho que a partir do momento em que os idosos entram num lar, as famílias devem assumir alguma responsabilidade, nem que seja um telefonema diário ou uma visita semanal... Estamos a falar do próprio sangue! Mas há famílias que tratam os mais velhos de uma forma que me choca muito...” (D.<sup>a</sup> Graciete)

“(…) Ou se tem muita sorte e se tem uma família como deve ser, ou então é preferível não ter família. É chocante quando os do nosso sangue não querem saber de nós... E num lar ou a pessoa é bem tratada e se sente bem, ou então morre depressa... E já vi tanta coisa! Deus me livre!” (D.<sup>a</sup> Luísa)

A existência de lares é encarada como uma vantagem quando se compara o estilo de vida actual com o dos familiares das gerações anteriores, e a evolução da modernidade que induziu a participação da mulher no mercado de trabalho justifica uma certa atitude de “falta de disponibilidade” para com as pessoas mais idosas. De facto,

“(…) ao menor número de familiares potencialmente disponíveis para prestar cuidados junta-se, por outro lado, uma maior dificuldade destes últimos para conseguir conciliar a vida familiar com o trabalho, principalmente por parte das mulheres (tradicionais prestadoras de cuidados a pessoas dependentes), visto que em Portugal se tem vindo a assistir ao longo das últimas décadas a um crescimento da participação feminina no mercado de trabalho” (Correia, José e Wall, 2002:7).

Alguns entrevistados também afirmam que “estar sozinhos em casa com uma pessoa que cuide deles”, não os deixa suficientemente à vontade, e portanto, o serviço de apoio domiciliário e os lares, sobretudo as misericórdias ou os de cariz católico, são os que lhes transmitem “mais segurança e confiança”. Saliente-se que as pessoas expressam assim a sua consciência sobre o actual contexto familiar que não reproduz os quadros intergeracionais de apoio mútuo, feito de direitos e deveres, tradicionalmente presentes nas gerações anteriores (cf. Giddens, 2007).

A recusa do lar é justificada por algumas lacunas em termos da formação humana e profissional, devido a notícias que os entrevistados ouviram na televisão sobre os maus tratos e a casos de pessoas suas conhecidas, e também devido a uma implicação de ruptura de rotinas, já que envolve uma re-adaptação num período em que as capacidades das pessoas estão mais diminuídas (cf. Sousa & Figueiredo, 2004), apesar de a certa altura, a própria casa da pessoa poder tornar-se uma fonte de vulnerabilidade. Também consideram que a educação, os valores e princípios que lhes foram incutidos têm muita influência na sua forma de pensar.

“(…) Pois, quando se pede apoio, é porque a pessoa já não pode mesmo. E por isso é que o lar pode ser visto como um recurso importante (...) Mas não é bom porque limita a pessoa, e tem regras impostas para cumprir, que são úteis, mas há pessoas que estão habituadas à sua rotina sem horas marcadas (...) Mas nem todos os lares são cuidadosos com as pessoas, em termos de formação humana e profissional (...) Ainda há maus-tratos como antigamente, mas não quer dizer que sejam todos assim. Se bem que não gostei de algumas coisas que já me disseram e que vi nalguns lares” (D.<sup>a</sup> Ana)

Como refere Pimentel (2001), a maioria dos equipamentos destinados a pessoas idosas não têm em consideração as motivações das mesmas, limitando-se a dar resposta às necessidades fisiológicas, e esquecendo as do nível social e afectivo. Afirmam ainda que os cuidadores têm falta de sensibilidade e não proporcionam serviços individualizados, “forçando” os utentes a viverem de acordo com as normas restritivas, impostas pela instalação. Paralelamente a esta perspectiva, Sousa (2006) declara que os seus desejos e

direitos são desvalorizados, e o que é essencial para os cuidadores formais da instituição é assegurar somente as necessidades físicas da pessoa, gerindo a sua vida de forma sistemática.

“(…) Os idosos já não vão tanto para lares como iam (...) Há mais gente que podemos pôr em casa a tomar conta do idoso. E os lares são caros (...) Mas lá na província é muito melhor. Não há listas de espera, as pessoas podem sair do lar e ir a suas casas durante o dia.” (D.<sup>a</sup> Fátima)

Também as baixas condições económicas e a falta de ocupação com actividades, bem como a falta de redes de suporte próximas, muitas vezes, familiares, são para muitos idosos factores para uma possível entrada no lar. Daí Pimentel (2001) reforçar a importância da manutenção das relações sociais com os amigos e familiares, como forma de evitar um isolamento em relação ao espaço exterior. As visitas regulares dos filhos e dos netos são extraordinariamente relevantes, por criarem momentos de relação afectiva intensa. Mas nos lares são diversos os factores que condicionam a manutenção desta ligação social ao exterior, nomeadamente, a frequência e duração das visitas, as limitações às saídas do lar, e a ausência ou desinteresse de certos familiares.

“Se realmente tivesse que ser e já não tivesse capacidades para fazer as coisas sozinha, que remédio! Mas acho que no lar eu estaria melhor do que ficar em casa sozinha... Eu costumo ver na televisão falarem de certos lares que até temos muita vontade de ir para lá, e depois também sabemos que há outros lares que nem pensar (...) Mas não há nada como a nossa casa (...) Mas se eu pudesse pagar, preferia ter alguém aqui em casa a tomar conta de mim... Mas é muito dispendioso (...)” (D.<sup>a</sup> Aurora)

Os entrevistados manifestam que deve haver uma relação de confiança e respeito entre a instituição e as pessoas idosas, não se impondo assim uma noção de dominação da instituição totalitária (cf. Goffman, 1987). E apesar de se aceitar que são necessárias regras na gestão e organização dos lares, as percepções dos entrevistados alertam para uma necessária preservação da privacidade e autonomia. A questão é que os cuidados sociais tendem a ser directivos e paternalistas, focando-se fundamentalmente na saúde e na segurança dos idosos residentes.

“À partida quando alguém escolhe uma instituição, lar neste caso, ou outro serviço qualquer, toma conhecimento das regras da casa... E é sempre complicado porque somos seres humanos (...) e gostamos um pouco das coisas à nossa maneira, dos nossos horários, de certo tipo de comida (...) Mas se forem respeitadores e



atenciosos connosco como com qualquer um, a relação e adaptação tornam-se um pouco mais fáceis, menos penosas.” (Sr. Manuel)

“(…) Assim como o idoso procura a instituição e espera o melhor dela, também a instituição deve ser respeitadora de cada pessoa... Já vi muita coisa que não gostei, mas por exemplo agora sinto-me bem... Respeitam-me como sou e eu respeito os princípios da instituição... Mas há muitas situações que não são assim...” (D.<sup>a</sup> Beatriz)

“(…) Outras vezes é o tratamento das funcionárias que é bastante bom, e valorizo bastante esse aspecto... A privacidade não é a mesma como nas nossas casinhas, mas se formos alimentados e bem tratados, com afecto e respeito, não há razões de queixa (...)” (D.<sup>a</sup> Júlia)

Apesar da preferência por se ficar no domicílio, com apoio institucional ou familiar, admite-se a hipótese do recurso ao lar como alternativa mais cómoda e eficaz na organização e controlo do quotidiano, nomeadamente, em situação de doença e de dependência. Essa consciência é o reflexo da imagem da institucionalização como necessidade, ou seja, “como um mal necessário”. Saliente-se que a condição do internamento em respostas sociais ocorre, geralmente, na sequência da incapacidade funcional do indivíduo, combinada com a ausência de apoios sociais que garantam o seu bem-estar (cf. Paúl, 1997).

Todavia, é interessante notar que, enquanto para os idosos residentes em lar, a perda de autonomia nem sempre surge como o principal motivo desencadeador da situação, para os outros entrevistados, só se coloca a possibilidade de institucionalização se, e quando, perderem a autonomia, ainda que este factor possa estar associado a outros como a conflituosidade. Enquanto mantiverem capacidades físicas e mentais suficientes para desenvolverem as actividades diárias, consideradas essenciais, pretendem permanecer nas suas casas.

Também o facto de algumas pessoas idosas já conhecerem a realidade institucional e usufruírem já de alguns serviços, poderá condicionar, positiva ou negativamente, a sua representação acerca da institucionalização. A opinião do grupo dos entrevistados residentes no lar é de que o funcionamento do lar é satisfatório, existindo serviços de boa qualidade, incluindo a formação humana dos profissionais. Os restantes entrevistados preferem permanecer nas suas próprias casas, usufruir de um serviço de

apoio domiciliário eficiente, ou então ir para os lares da província pois “as pessoas que normalmente estão empregadas nesses lares são lá da terra e já conhecem as pessoas”.

Apesar da imagem pouco positiva construída em torno dos lares, existem equipamentos que apresentam condições de alojamento bastante dignificantes. Neste caso, alguns entrevistados fazem referência às boas condições físicas dos equipamentos destinados a idosos mais abastados, onde são praticadas mensalidades mais elevadas. No entanto, convém salientar que o nível de qualidade dos serviços do lar não se pode pautar única e exclusivamente pelas suas condições materiais. Por vezes, estas são “de luxo” e o ambiente humano é frio e impessoal, as relações interpessoais são controladas, e as regras são de tal forma rígidas, que a pessoa não tem possibilidade de manter os seus hábitos nem de desenvolver as suas capacidades, daí uma certa aversão quando se fala em lares.

“(…) Mas aqui na cidade, só aquelas residências da Luz, por exemplo, ou os lares de cariz religioso... No entanto, nas gerações antigas, a família assumia a responsabilidade e o seu dever para com os mais velhos.” (Sr. Duarte)

“(…) Só fui a dois lares visitar duas pessoas amigas e não gostei do que vi... Pessoas sentadas à frente da televisão sem se mexer, pareciam hipnotizadas... E estas coisas acentuam a imagem negativa que se tem dos lares, sem necessidade. As pessoas têm medo de ser maltratadas, mas há lares e lares e há pessoas especializadas e há pessoas que não têm vocação nenhuma (...)” (D.<sup>a</sup> Lucinda)

Esta análise permitiu compreender alguns aspectos menos claros que escapam aos agentes institucionais e que caracterizam o comportamento e a forma de pensar de alguns idosos.

E sem se pretender abordar situações em que a condição de internamento em respostas sociais se torna inevitável, como por exemplo, quando o estado de saúde é muito debilitado e não existem familiares ou pessoas mais próximas que se responsabilizem por cuidar dos idosos, será que para alguns idosos que foram capazes de fazer esta sua transição de vida de uma forma natural - tendo efectuado visitas à instituição, tendo conhecimento de que, inclusive, existem pessoas das suas relações que também optaram por esta solução, sabendo que a instituição é capaz de providenciar, além do essencial para levar uma vida digna, um leque de soluções que lhes permita manter uma vida saudável – esta opção não se tornará uma viável solução para viverem o resto da sua

vida com qualidade? E no caso de idosos dependentes, cujos familiares optam por esta solução, será que esta alternativa não se lhes revela a mais equilibrada? Pois como sustenta Vendeuvre (1999), cit. por Bernardino, “(...) muitas vezes os laços familiares fortalecem-se e a qualidade relacional melhora com a institucionalização do idoso, talvez porque a carga, por vezes excessiva de olhar por um idoso dependente, que a família sentia, ficou resolvida, deixando lugar à expressão do afecto e do amor (...)” (Bernardino, 2005:39). E não serão também as práticas de apoio domiciliário uma forma de institucionalização e dependência? Então e parafraseando Quintela,

“(...) todos os serviços que se regulam por ópticas institucionais, têm de evoluir, face às novas realidades demográficas e sociais, numa atitude proactiva, produzindo cuidados competentes nesta matéria, e tendo em conta os constrangimentos ainda existentes, mas intransigentes na promoção da qualidade de vida das pessoas idosas” (Quintela, 2001:38).

Neste sentido, outra questão importante que aqui se coloca é perceber que inovações poderiam ser introduzidas para dinamizar o apoio social prestado a uma população envelhecida, retardando assim um processo de institucionalização em lar. E também interessa perceber como é que as famílias podem conciliar o seu trabalho profissional com o cuidado às pessoas idosas, num contexto macro-social que, segundo os testemunhos dos entrevistados, é pouco favorável a essa mesma conciliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornou-se evidente que, nas últimas décadas, o tema do envelhecimento tem vindo a ganhar particular atenção, sendo alvo de crescentes discussões tanto no meio académico como na sociedade como um todo. Estamos perante um facto social que irá adquirir uma relevância cada vez maior dadas as suas consideráveis repercussões sociopolíticas, económicas e familiares e que, como tal, afectará pessoas de todas as idades, ao mesmo tempo que sofre os efeitos da sua própria dinâmica interna. Há mais mulheres a trabalhar fora de casa, jovens a adiar a formação de família, novas alterações na estrutura familiar e o desenvolvimento de uma atitude mais assente na individualidade.

De sobressair que este trabalho teve como principal objectivo conhecer as representações das pessoas idosas entrevistadas a respeito do seu processo de envelhecimento e acerca do fenómeno da institucionalização. Posteriormente, procedeu-se à análise e interpretação das representações, articulando paralelamente o conhecimento teórico, com o intuito de as poder confrontar, comparar e compreender o que as legitima.

É relevante começar por referir que, relativamente às percepções dos entrevistados, e tendo em conta o capítulo das representações sociais do quadro teórico, verifica-se que aquelas são construídas essencialmente através do seu contexto pessoal e de uma constante interacção entre as pessoas e o meio social envolvente (cf. Moscovici, 1976 e Jodelet, 1984). Ou seja, devido à necessidade de tomadas de decisão e de respostas rápidas no quotidiano, as pessoas sentem uma certa “pressão para a inferência”, seleccionando as informações que lhes parecem socialmente mais aceitáveis. Daí, por exemplo, referirem que os lares são um “mal necessário” e que as famílias deveriam assumir mais o seu dever para com os mais idosos. Portanto, constata-se que a maioria das percepções dos entrevistados são marcadas pelos seus valores, relações sociais, afectividade, hábitos e tradição histórica, isto é, a sua história pessoal. E, assim, o que constitui estas percepções é a quantidade e qualidade de informação que as pessoas entrevistadas possuem acerca, por exemplo, da temática da institucionalização e do internamento, adoptando por isso determinadas atitudes que orientam logo a sua posição, de forma negativa ou positiva, sobre estas mesmas temáticas.

Neste sentido, e de uma forma geral, pode-se salientar da análise e interpretação efectuadas, que as pessoas idosas entrevistadas não se sentem “velhas” e não pensam na velhice, adoptando para tal determinadas atitudes de fuga ao pensamento sobre a sua própria velhice porque nela está a representação de eventual incapacidade. Os únicos factores que fazem recordar o sentimento de velhice são a situação de doença ou dependência, a falta de actividades com que se ocupem, e se perderam entes familiares próximos, especialmente um dos cônjuges. Assim, percebe-se que o envelhecimento em si não se combate, mas pode ser vivido com um sentimento positivo através de uma ocupação do tempo e de se manter em contacto com amigos, vizinhos, familiares, ou seja, com gerações mais novas. E apesar de se perceber a influência da estrutura social no curso de vida do indivíduo, marcando a sua trajectória e história pessoal, encara-se como importante assumir preocupações com o que se passa em seu redor, “com o que se passa no mundo” nos vários domínios, com vista à remodelação do quotidiano na sua velhice (cf. Giddens, 1994).

E apesar da preferência por se ficar no domicílio, com apoio institucional ou familiar, admite-se a hipótese do recurso ao lar como alternativa mais cómoda e eficaz na organização e controlo do quotidiano, nomeadamente, em situação de doença e de dependência. Essa consciência é o reflexo da imagem da institucionalização como necessidade, ou seja, como um “mal necessário” (cf. Zimmerman, 2000). Saliente-se que a institucionalização ocorre, geralmente, na sequência da incapacidade funcional do indivíduo, combinada com a ausência de apoios sociais que garantam o seu bem-estar (cf. Paúl, 1997).

Sejam quais forem as circunstâncias que envolvem o internamento, este representa para a pessoa idosa uma mudança significativa no seu padrão de vida e uma ruptura com o meio com o qual se identifica e para o qual deu um contributo mais ou menos valioso. A pessoa idosa depara-se, nestas circunstâncias, com uma realidade completamente nova e, por vezes, assustadora, com a qual nem sempre consegue estabelecer uma relação equilibrada e tranquila.

Se se torna difícil para a pessoa idosa que vive integrado na sua comunidade reorganizar o seu projecto de vida face ao conjunto de novos factores que passam a interferir nas suas vivências quotidianas, sejam biológicos, económicos, sociais, e psicológicos, para

a pessoa “internada” o processo de adaptação pode tornar-se mais complicado. Também o facto de alguns entrevistados já conhecerem a realidade institucional e usufruírem já de alguns serviços, poderá condicionar, positiva ou negativamente, a sua representação acerca da institucionalização. Aliás, saliente-se que os principais factores acerca das representações sobre a institucionalização são as vivências pessoais dos entrevistados que os induzem a identificar certos lares como locais de maus tratos e violência (através de notícias que vêem na televisão ou através mesmo de casos de pessoas suas conhecidas), e também o sentimento de “abandono familiar” causado pela entrada numa instituição quando as gerações anteriores tratavam dos seus até à morte, em suas casas. Habitualmente, ouve-se afirmar que as famílias que colocam os idosos nos lares não os visitam. Neste caso, esta situação não é verificada, pois a maioria dos idosos residentes em lar têm familiares que os visitam, não tanto como eles gostariam, mas justificam sempre as ausências dos mesmos.

Apesar de tudo, a noção da realidade está presente quando se manifestam os receios de “dar trabalho e despesa aos filhos” e “ir para um lar”. A dependência é o que mais atemoriza as pessoas pelo facto de se entregarem a pessoas conhecidas ou desconhecidas, mas sem garantia de um tratamento personalizado que dê continuidade ao estilo de vida que construíram. É claro o desejo de continuar no seu domicílio até ao fim da vida, no entanto tem-se consciência de que, em situação de eventual dependência, pode acontecer ser-se “internado”. A institucionalização que, neste caso, só é admitida em circunstâncias de perda de capacidades e de autonomia é, de forma generalizada, encarada como um mal menor face à opção que consistiria em sobrecarregar a geração descendente. Para esta, a vida moderna é considerada demasiado exigente e impossibilitadora de conciliação entre o dever do trabalho e da atenção ao seu próprio núcleo familiar, com o dever de apoio aos progenitores.

Notou-se igualmente que o trabalho sempre assumiu uma grande dimensão na vida dos entrevistados, pois ocupava uma boa parte do seu tempo. E portanto, a falta de rotinas, a falta de ocupação de tempo livre, de ter uma actividade de responsabilidade que exija a sua presença, faz com que o afastamento do trabalho se torne mais difícil. E portanto, seria pertinente uma preparação antes da reforma, de modo a que, quando tal viesse a acontecer, a pessoa já se encontrasse preparada psicologicamente para encarar as novas mudanças e tivesse planeado devidamente a sua nova fase da vida (cf. Ferrari, 2002).

De facto, numa sociedade onde impera uma valorização do trabalho, ser colocado à margem do processo das actividades remuneradas pode provocar grandes dificuldades individuais e sociais, exigindo a cada pessoa uma nova orientação de objectivos e energias. “O grande desafio é reorganizar o quotidiano, descentrar a profissão e encontrar um papel que garanta a manutenção do sentido de utilidade” (Sousa & Figueiredo, 2004:32).

Outro aspecto a ser destacado é que a decisão de internamento por parte das famílias pode revelar-se crítica. Por um lado, existe a pressão social, principalmente em meios mais pequenos como as áreas rurais, que condiciona negativamente a opção pela instituição. Por outro lado, a consciência individual vê-se confrontada com o dever de reciprocidade e de solidariedade, pois “(...) o peso dos costumes e a experiência levam a que os idosos mesmo em difíceis condições de vida não se mostrem muito interessados em sair de sua casa ou da sua família para se entregarem aos cuidados de estranhos. A família, mesmo nas piores condições, organiza-se para assumir o que considera a sua obrigação, ou seja, retribuir o sacrifício dos pais. Fá-lo, muitas vezes, apenas para dar o exemplo aos filhos ou para evitar a censura dos vizinhos” (Hespanha, 1993:326).

Porém, quando os filhos ou outros familiares não têm alternativas que correspondam às necessidades e expectativas dos progenitores, o acompanhamento e a prestação de cuidados pode tornar-se problemático. Nem sempre a manutenção da pessoa idosa em sua casa ou na dos familiares pode ser a melhor solução. É necessário ponderar vários factores, nomeadamente, o grau de dependência da pessoa, o tipo de cuidados de que necessita e as possibilidades da família em termos de recursos materiais e de tempo. Embora, por vezes, os filhos estejam dispostos a fazer todos os possíveis para apoiar os seus pais ou avós, isso pode não ser, de facto, realista e praticável, pois por vezes, o internamento em instituições especializadas responde de forma mais adequada às necessidades da pessoa idosa.

No entanto, e tendo em conta o panorama actual, as respostas direccionadas às pessoas idosas não têm acompanhado as crescentes necessidades quer em termos qualitativos quer em termos de adequabilidade.

A grande maioria dos equipamentos não está preparada para proporcionar à pessoa idosa serviços individualizados que respeitem a personalidade, a privacidade e os modos de vida diversificados. Todas as pessoas criam os seus hábitos, adaptam e transformam o seu espaço, têm os seus objectos pessoais e constróem a sua rede de relações. A perda, total ou parcial, de todas estas construções representa para a pessoa idosa uma ruptura com o seu mundo de relações e com a sua história pessoal. E a própria falta de sensibilidade dos agentes institucionais para a especificidade da experiência de cada indivíduo, conduzindo à obrigatoriedade de viver de acordo com normas restritivas e de conviver com outros indivíduos que mal se conhece, podem ser sentidas como mais penalizadoras do que a ausência de condições materiais e físicas óptimas.

Na perspectiva de Paúl (1997), é clara a falta de serviços formais de apoio aos idosos, seja para suplementarem as redes de apoio informal, seja para as substituírem, na ausência ou indisponibilidade dos agentes informais de apoio. Isto surge aliado à falta de recursos económicos de uma boa parte desta população, tornando a situação muito difícil para as pessoas idosas e as suas famílias. No actual panorama, seria útil repensar soluções imaginativas de apoio, talvez menos dispendiosas e seguramente mais satisfatórias para o bem-estar psicológico dos idosos.

Uma das apostas mais fortes, e que vai ao encontro das percepções dos entrevistados, seria ao nível dos serviços de apoio domiciliário, que têm a mais-valia de prolongar o tempo de permanência no próprio lar das pessoas que necessitam de algum tipo de ajuda mais particular. Todavia, até ao momento, a oferta é limitada e cinge-se sobretudo aos serviços de higiene e alimentação. Um artigo de Ana Gil (2009:4) publicado na revista *Pretextos*, aborda precisamente esta temática, apelando à necessidade de se mudar o modelo vigente para uma alternativa que permita uma maior independência e espaço de decisão das pessoas idosas. Na opinião da autora, o serviço de apoio domiciliário deve ser mais diversificado e extensivo, mais do que o usual “banho ou marmita”, e incluir outras valências como, por exemplo, o transporte, o acompanhamento ao exterior, companhia, ida ao cabeleireiro, actividades ocupacionais e serviços de âmbito mais específico, como os cuidados médicos e de enfermagem. A alteração do modelo de financiamento poderia promover esta escolha por serviços diferenciados. E a aposta no



financiamento directo às famílias permitiria escolher no mercado, a entidade, lucrativa ou não lucrativa, que melhor respondesse às necessidades das pessoas idosas.

Embora se tenha conhecimento da urgente necessidade de criação de novas respostas e de novos equipamentos, também se julga que seria um salto significativamente qualitativo para as pessoas e economicamente mais sustentável para a comunidade em geral se se conseguisse criar redes locais de serviços e respostas para as pessoas idosas, ou seja, se fosse possível elaborar, tal como em Espanha, planos gerontológicos locais e regionais, enquadrados por um plano gerontológico nacional, a partir do qual seria possível diversificar o leque de respostas necessárias para responder a partir de diagnósticos às reais necessidades e expectativas das pessoas idosas. No fundo, trata-se da criação de redes de serviços que de forma coordenada conseguissem oferecer a resposta mais adequada possível a cada situação e respectiva evolução evitando assim que muitas pessoas procurassem as respostas que, aparentemente, lhes oferecem mais segurança, como por exemplo os lares, mas que não lhes respondem adequadamente à sua situação.

O surgimento de estruturas e redes formais que respondam a necessidades antes supridas pela família não anulam obrigatoriamente os cuidados familiares. Aquelas têm como objectivo garantir a satisfação de tarefas de cariz técnico, enquanto as estruturas e redes informais suprem as necessidades a nível emocional. Em termos de perspectivas futuras, não se poderá colocar a questão em termos de “ou a família ou as instituições”, tendo as políticas sociais que reflectir uma simbiose, pois ambos os sistemas, para concretizarem os seus objectivos, dependem um do outro. O processo de cuidar deve ser visto sob duas perspectivas, por um lado, os mais novos que cuidam dos mais velhos e, não menos importante, os mais velhos que cuidam dos mais novos. É importante não esquecer o papel activo das pessoas idosas no seio da própria família, sendo o seu envolvimento e participação de extrema ajuda, como por exemplo, o tomar conta dos netos, o fazer compras, e o prover suporte emocional e até ajuda financeira. Deste modo, é necessário um reexame político e social no que concerne à conexão da prestação de cuidados formais e informais (cf. Sousa & Figueiredo, 2004).

Acredita-se igualmente que, a longo prazo, a aposta na qualidade dos serviços é o caminho a seguir para garantir a melhoria das respostas sociais para as pessoas idosas

no nosso país. De facto, as mudanças devem ser realizadas não só nas respostas às pessoas idosas mas também no apoio aos profissionais e às famílias. Mais profissionais e com melhor formação, parece ser um factor crucial para garantir o êxito destas iniciativas. Por outro lado, a manutenção das pessoas por mais tempo nos seus lares implica também um maior apoio às famílias, que tenderão a assumir um papel prioritário no apoio. Estas deverão ser também alvo de políticas adequadas que lhes permitam assumir as suas funções de cuidadores sem porem em causa o seu bem-estar. Estas políticas passam não só por apoios financeiros mas também pela disponibilização de outro tipo de apoio ao nível mais instrumental, emocional e social (cf. Marques, 2011).

Neste sentido, duas questões importantes aqui se colocam, para analisar em estudos futuros. Perceber que inovações poderiam ser introduzidas para dinamizar o apoio social prestado a uma população envelhecida, retardando assim um processo de institucionalização em lar. E também interessa perceber que apoio pode ser facultado às famílias de modo a poderem conciliar o seu trabalho profissional com o cuidado às pessoas idosas, num contexto macro-social que, segundo as percepções dos entrevistados, é pouco favorável a essa mesma conciliação.

De facto, “nem os cuidadores familiares se encontram suficientemente preparados para assumir que as suas responsabilidades no que se refere à prestação de cuidados a idosos devem ser partilhadas com o Estado, nem as pessoas idosas foram educadas para encarar as instituições como um lugar de cuidados e distração” (Osório & Pinto, 2007:275). E portanto, é preciso educar a sociedade de modo a fazê-la compreender que a velhice é mais uma etapa da vida e um período cheio de possibilidades.

Em suma, os principais desafios que se perspectivam passam por, em primeiro lugar e acima de tudo, ouvir as pessoas idosas, o que precisam, o que desejam, e que expectativas têm. Em segundo lugar, tendo sempre em consideração as respostas à questão anterior, procurar adequar as respostas existentes às reais necessidades e expectativas das pessoas idosas de modo a poder verificar-se com maior realismo que tipo de respostas é necessário criar para responder a necessidades ainda não satisfeitas. Em último lugar, e não menos importante, garantir que qualquer que seja a resposta

criada, o seu funcionamento e as suas regras serão centradas nas pessoas e não na satisfação de objectivos institucionais e/ou políticos.

Sejam quais forem as circunstâncias do internamento, a instituição não está preparada para serviços que respeitem a individualidade, personalidade e privacidade de cada pessoa. E a tendência é priorizar as necessidades fisiológicas, nomeadamente, a alimentação, o vestuário, os cuidados de saúde e de higiene, desvalorizando a especificidade da experiência de cada indivíduo (cf. Pimentel, 2001). E apesar de, segundo Fernandes, os serviços institucionais representarem um recurso importante para as pessoas idosas, “(...) quando as incapacidades físicas e psicológicas da pessoa idosa aumentam e as capacidades do meio ambiente diminuem, torna-se necessário encarar a hipótese de internamento numa instituição” (Fernandes, 2000:47). Ou seja, a institucionalização não é o mero acto de entrada numa resposta institucional, mas percebe-se que tem um significado a mais, o de colocar ou confiar alguém aos cuidados de uma instituição especializada, consoante as necessidades da pessoa. E a uma determinada altura, pode coexistir internamento e institucionalização, podendo ser de utilização temporária ou permanente, particularmente para pessoas em situação de maior risco de perda de independência e/ou autonomia.

Que inovações poderiam ser introduzidas de forma a retardar um possível internamento? Esta interrogação leva a considerar um futuro com outras redes de suporte à pessoa idosa dentro da comunidade, ou em instituições que se aproximem mais do modelo comunitário, privilegiando o respeito pelos seus direitos humanos. Sabe-se que as respostas à necessidade de prestação de cuidados aos mais idosos passam por soluções tanto a nível familiar como a nível institucional, havendo uma grande diversidade de respostas possíveis e existindo a possibilidade de as pessoas estarem sujeitas a diferentes condições de prestação de cuidados. Sendo assim, a caracterização da sua qualidade de vida em diferentes contextos de prestação de cuidados revela-se de particular importância para um melhor conhecimento das diferentes realidades e, consequentemente, um desenvolvimento de respostas sociais mais adequadas às necessidades das pessoas e um desenvolvimento de estratégias que possibilitem uma melhor preparação para a entrada na reforma.

Assim, e atendendo então às constantes exigências e mudanças da sociedade moderna, surge também como desafio fundamental consciencializar a comunidade a respeito do verdadeiro papel da pessoa idosa, garantindo o seu lugar numa sociedade que passa por grandes mudanças maioritariamente centradas no avanço tecnológico e na relação entre mercado e consumo. Outro desafio passa por construir e fazer persistir um sólido diálogo intergeracional, entre diferentes faixas etárias, a fim de despertar a sensibilidade da comunidade, além de potencializar a pessoa idosa a acreditar em si, como alguém com dignidade e direitos, e assumindo-se como imprescindível a sua produtividade social. É salutar despertar a importância para o cuidado e respeito da pessoa idosa, como sinal de valorização do respeito pelo próprio futuro, pois todos inevitavelmente caminhamos para lá e confrontar-nos-emos com o processo de envelhecimento.

Neste sentido, o presente trabalho revelou-se como um contributo positivo tendo aberto perspectivas para futuras investigações sobre a questão da institucionalização e do internamento de pessoas idosas, tendo em conta diferentes situações de apoio às quais estas são submetidos e diferentes contextos pessoais. A presente investigação levantou igualmente a questão da importância do conhecimento das necessidades distintas das pessoas, que devem ser contextualizadas em função das diferentes realidades. Os resultados aqui apresentados não podem ser generalizados à população idosa, mas podem ser orientadores de trabalhos futuros sobre estas temáticas, permitindo o levantamento de novas questões de investigação.

Alguns constrangimentos que se verificaram, sendo relevante destacar, foi o facto de alguns entrevistados se mostrarem desconfortáveis em responder na presença do gravador digital, e noutros casos, em responder a determinados temas, e consequentemente alguma dificuldade em formular as suas respostas, tornando-se breves e não desenvolvendo muito o assunto. Teria sido interessante entrevistar aqueles com quem os idosos interagem mais de perto. No entanto, além de problemas relacionados com a indisponibilidade de tempo e meios, poderiam colocar-se, ainda, problemas na identificação e delimitação do universo, especialmente em casos em que as relações mais próximas não sejam mantidas com familiares, mas sim com amigos ou vizinhos. Sugere-se portanto, mais tempo para fazer as entrevistas às pessoas idosas de forma a que se tornem mais ricas, e de modo a se chegar a conclusões mais robustas.

Neste sentido, e face ao exposto, pensa-se que os objectivos propostos no início deste trabalho foram atingidos, sendo, no entanto, pertinente haver uma reflexão sobre a importância da continuidade dos estudos sobre estas temáticas.

## BIBLIOGRAFIA

ABDELMALEK, A. & GERARD J. L. (1995), *Ciências Humanas e Cuidados de Saúde*, Manual para profissionais de saúde, Instituto Piaget, Lisboa

ABRIC, J. C. (1984), “Analyse du Contenu et de la Structure d’une Représentation Sociale”, in *Bulletin de Psychologie*, Tome XXXVII, n.º 366, pp. 861-875

ALVARENGA, Filipa. (2001), *Diversidade, alcance e cobertura dos equipamentos e serviços sociais para pessoas idosas*, pp. 39-51, in Quadros Sociais de Envelhecimento, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

ARAÚJO, I., PAÚL, C. & MARTINS, M. (2010), *Cuidar no Paradigma da Desinstitucionalização: a sustentabilidade do idoso dependente na família*, Revista de enfermagem, 3ª série, n.º2, pp. 45-53

BARDIN, Laurence (1994), *Análise de Conteúdo*, Edições 70, São Paulo

BARRON, A. I. (1996), *Apoyo social: aspectos teóricos y aplicaciones*, Siglo Veinteuno, Madrid, España Editores

BARROS, C. & SANTOS, J. (1997), *As Instituições Não-Lucrativas e a Acção Social em Portugal*, Lisboa, Vulgata

BERGER, L. & MAILLOUX-POIRIER, D. (1995), *Pessoas Idosas, Uma Abordagem Global*, Lisboa, Lusodidacta

BERNARDINO, M. P. A. (2005), *As respostas sociais de apoio na satisfação das necessidades humanas básicas da pessoa idosa: uma perspectiva de educação e promoção da saúde*, Dissertação de Mestrado do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, texto policopiado

BLAIKIE, Norman (2000), *Designing Social Research*, Cambridge: Polity Press

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994), *Investigação Qualitativa em Educação*, Coleção Ciências da Educação, Porto Editora

BREWER, M., DULL, V. & LUI, L. (1981), *Perceptions of the elderly: stereotypes and prototypes*, Journal of Personality and Social Psychology, n.º 41, 656-670

BRUTO DA COSTA, Alfredo (1998), *Exclusões Sociais*, Lisboa, Gradiva

CABETE, D. G. (2005), *O idoso, a doença e o hospital – o impacto do internamento hospitalar no estado funcional e psicológico das pessoas idosas*, Loures, Lusociência

CABRILLO, Francisco (1990), *A Revolução Grisalha*, Lisboa, Planeta Editora

CADETE, M. (1993), “Envelhecer/Renascença”, in *Ação teórica do serviço social*, pp. 40-43

CARMO, H. & FERREIRA, M. Malheiro, *Metodologia da Investigação*, Universidade Aberta, Lisboa, 1998

CARRILHO, M. & PATRÍCIO, L. (2009), *A Situação Demográfica Recente em Portugal*, Revista de estudos demográficos, n.º48, pp. 101-145

CARVALHO, Maria Irene Lopes (2009), *A política de cuidados domiciliários em instituições de solidariedade social: risco ou protecção efectiva?*, in Locus Social, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pp. 67-80

CARVALHO, P. & DIAS, O. (2011), “Adaptação dos Idosos Institucionalizados”, in *Revista Millenium*, n.º 40, pp. 161-184

CARTA SOCIAL, *Rede de serviços e equipamentos*, Relatório 2010, Coordenação de DGEEP/MTSS

CORDO, M. (1999), “Saber Envelhecer”, in *Saúde e Bem-Estar*, pp. 8-47

CORREIA, Paula (2007), *Velhos são os Trapos: Mito ou Realidade?*, Portal da Psicologia

COSTA, M. (1998), *Enfermeiros: Os percursos de formação de cuidados*, Lisboa, Edições Lda.

COUTINHO, Clara & CHAVES, José (2002), *O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal*, Revista Portuguesa de Educação, vol. 15, Universidade do Minho, Braga, pp. 221-243

COUTINHO, Clara (2005), *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*, Universidade do Minho, Série “Monografias em Educação”, pp. 205-219

DECO, Associação para a Defesa do Consumidor (1995), *Lares de Terceira Idade – Qualidade de prestação de serviços no concelho de Lisboa, Situação dos idosos residentes em lares*, Lisboa

DUARTE, Flávia (2011), *Religião e Espiritualidade de Idosos Internados em uma Enfermaria Geriátrica*, Vol. 27 n.º1, pp. 49-53, Psicologia: Teoria e Pesquisa

DUNST, C., & TRIVETTE, C. (1990), “Assessment of social support in early intervention programs” in *Handbook of early childhood intervention*, New York, Cambridge University Press, pp. 326-349

DUVEEN, J. (2005), *Representações Sociais, Investigação em Psicologia*, Petrópolis, Editora Vozes

FALEIROS, Vicente (2007), *A política social no Estado capitalista*, São Paulo, Cortez

FERNANDES, A. A. (1997), *Velhice e Sociedade*, Oeiras, Celta Editora

FERNANDES, A. A. (2001), “Velhice, Solidariedades Familiares e Política Social” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 36, Oeiras: Celta Editora, pp. 39-50



FERNANDES, A. A. (2002), "Quando a Vida é Mais Longa... Os Impactos Sociais do Aumento da Longevidade", in QUARESMA, Maria de Lourdes *et al*, *O Sentido das Idades da Vida - Interrogar a Solidão e a Dependência*, Lisboa, ISSS, pp. 13- 36

FERNANDES, Purificação (2002), *A Depressão no Idoso*. 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, Quarteto

FERRARI, Maria (2002), "Lazer e Ocupação do Tempo Livre na Terceira Idade", in NETTO, Matheus Papaléo, *Gerontologia - A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*, São Paulo, pp. 98-105

FIGUEIREDO, L. (2007), *Cuidados familiares ao idoso dependente*, Lisboa, Climepsi Editores

FLICK, Uwe (2005), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Lisboa, Monitor

FONTAINE, Roger (2000), *Psicologia do Envelhecimento*, Lisboa, Climepsi

FORTIN, M. (2003), *O Processo de Investigação: da Concepção à Realização*. 3<sup>a</sup> ed., Loures, Lusociência

FRAGOSO, V. (2008), *Humanização dos cuidados a prestar ao idoso institucionalizado*, Universidade Sénior Contemporânea, vol. 5, n.º8, pp. 51-61

FREITAS, Elisabete (2002), *Tratados de geriatria e gerontologia*, Rio de Janeiro

GIDDENS, A. (1997), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora

GIDDENS, A. (2007), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

GIL, Ana (2009), "Serviços de Apoio Domiciliário, oferta e custos no mercado privado" in *Revista Pretextos*, n.º35

GILLY, M. (1980), *Rôles Institutionnels et Représentations*, Paris, Presse Universitaire de France, 1.<sup>a</sup> edição

GOFFMAN, Erving (1968), *Manicómios, prisões e conventos*, São Paulo, Perspectiva Editora

GUEDES, Joana (2008), *Desafios Identitários Associados ao Internamento em Lar*, VI Congresso Português de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, série 339

GUERRA, I. (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*, Lisboa, Principia

HENRIQUES, P. & MENDES, I. (2006), *A Pessoa Idosa, Momentos de Reflexão*, Cadernos de Actas dos Seminários de Gerontologia, Gabinete de Acção Social de Tondela

HESPANHA, M. J. (1993), "Para Além do Estado: A Saúde e a Velhice na Sociedade-Providência", in SANTOS, Boaventura Sousa (org.), *Portugal: Um Retrato Singular*, Porto, Afrontamento, pp. 313-335

IMAGINÁRIO, C. (2004), *O Idoso Dependente em Contexto Familiar*, Coimbra, Formassau

INE, Instituto Nacional de Estatística (2003), *O Envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas*, Lisboa

JODELET, D. (1984), "Représentation Sociale: Phénomènes, Concept et Théorie", in Moscovici (dir.) *Psychologie Sociale*, Paris, Presse Universitaire de France

JEDE, M. & SPULDARO, M. (2009), *Cuidado do idoso dependente no contexto familiar: uma revisão de literatura*, Passo Fundo, vol. 6, n.º3, pp. 413-421

LESEMAN, Frédéric & MARTIN, Claude (1995), "Estado, Comunidade e Família Face à Dependência dos Idosos. Ao Encontro de um «Welfare-Mix»", in *Revista Sociologia - Problemas e Práticas*, nº17, ISCTE, pp. 115-139

LESSARD-HÉRBERT, et al (2005), *Investigação qualitativa: Fundamentos e prática*, Lisboa, Instituto Piaget

- LEVET, Maximilienne (1998), *Viver Depois dos 60 Anos*, Lisboa, Instituto Piaget
- LIMA, Marinús P. de (1981), *Inquérito Sociológico: Problemas de Metodologia*, Lisboa, Editorial Presença
- LIMA, A. & VIEGAS, S. (1988), *A diversidade cultural do Envelhecimento: A construção social da categoria Velhice*, in rev. *Psicologia*, vol. VI, n.º 2, pp. 49-158
- LOPES, J. (1998), *A Cidade e a Cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*, Universidade do Porto, Biblioteca on-line de ciências da comunicação
- MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, Instituto da Segurança Social, I.P., 2005
- MARQUES, C. (2001), "A Família e as Instituições: Que Responsabilidades? Que Solidariedades? Que Parcerias?" in *Pretextos*, nº 8, IDS-MTS, pp. 8-12
- MARQUES, S. (2011), *Discriminação da Terceira Idade*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Relógio D'Água Editores
- MARTINELLI, Maria Lúcia (1999), *Pesquisa Qualitativa - Um Instigante Desafio*, São Paulo, Veras
- MARTINS, R. (2004), "Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica", in *Revista Millenium*, pp. 249-254
- MARTINS, R. (2005), "A Relevância do Apoio Social" in *Revista Millenium*, Instituto Politécnico de Viseu
- MARTINS, R. (2006), "Envelhecimento e Políticas Sociais" in *Revista Millenium*, nº 2, Instituto Politécnico de Viseu, pp. 126-140
- MARTINS, R. (2008), "Ser Idoso Hoje", in *Revista Millenium*, Instituto Politécnico de Viseu

MOSCOVICI, Serge (1960), *Étude de la Représentation Sociale de la Psychanalyse*, Paris, Presse Universitaire de France

MOSCOVICI, Serge (1976), *La psychanalyse son image et son public*, 2.<sup>a</sup> ed., Presses Universitaires de France

NATÁRIO, A. (1992), *Envelhecimento em Portugal: uma Realidade e um desafio*, in Revista Portuguesa de Saúde Pública, Lisboa

NETO, F. (1998), *Psicologia Social*, Volume I, Universidade Aberta

NÓBREGA, S. M. (2003), “Sobre a teoria das representações sociais”, in MOREIRA, A., JESUÍNO, J., (orgs), *Representações Sociais - Teoria e Prática*, UFPB/Editora Universitária

OLIVEIRA, Barros (2010), *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*, Portugal, 4.<sup>a</sup> edição

OLIVEIRA, C., SOUZA, C. & FREITAS, T. (2006), *Idosos e Família: Asilo ou Casa*, Portal da Psicologia

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1986), *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*, Lisboa, Direcção-Geral de Saúde

OSÓRIO, A., “Os Idosos na Sociedade Actual”, in OSÓRIO, A., PINTO, F. (2007), *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa*, Lisboa, Instituto Piaget

PAIS, José Machado (2006), *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*, Porto, Âmbar Editora

PAÚL, M. Constança (1997), *Lá para o fim da vida: idosos, família e meio ambiente*, Livraria Almedina, Coimbra

PAÚL, C. (2000), "Esteriótipos Sobre Idosos - Vivências e Imagens", in *Cidade Solidária*, n.º5, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pp. 50-56

PAÚL, C. & FONSECA, A. (2005), *Envelhecer em Portugal*, Lisboa: Climepsi

PHILIPSON, Chris (2002), *The Frailty of Old Age* in "The Blackwell Companion to Social Work", 2.ª Ed., Oxford, Blackwell Publishing, pp. 58-63

PIMENTEL, L. (1995), *O Lugar do idoso nas redes de interação e solidariedade primárias: um estudo comparativo de casos de institucionalização e não institucionalização*, Lisboa, ISCTE, dissertação de mestrado, texto policopiado

PIMENTEL, Luísa (2001), *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajectórias*, Coimbra, Quarteto Editora

QUINTELA, M. (2001), O papel dos lares de terceira idade, *Geriatrics*, pp. 37-45

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2.ª ed., Lisboa, Gradiva

RAMOS, Maria (2011), *Economia solidária, plural e ética, na promoção do emprego, da cidadania e da coesão social*, Universidade do Porto, volume VII, n.º1, pp. 81-104

RIBEIRINHO, Carla (2005), *Concepções e Práticas de Intervenção Social em Cuidados Sociais no Domicílio*, Dissertação de mestrado em Serviço Social, ISSSL, Lisboa, texto policopiado

RIBEIRO, J. (1999), *A importância da família como suporte social na saúde*, Portalegre

SANTOS, Maria de Fátima (1994), *Representação Social e a Relação Indivíduo-Sociedade*, in *Temas em Psicologia*, n.º3, pp. 133-142

SANTOS, Purificação (2002), *A depressão no idoso*, 2.ª Edição, Quarteto Editora, Coimbra

SANTOS, M. (2006), *Os Cuidados informais de idosos dependentes em casa*, Lisboa, Universidade Aberta, dissertação de mestrado, texto policopiado

SÊGA, Rafael (2000), *O Conceito de Representação Social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*, Porto Alegre, n.º13, pp. 128-133

SEQUEIRA, C. (2007), *Cuidar de Idosos Dependentes*, Coimbra, Quarteto

SILVA, A. & PINTO J. (2009), *Metodologia das Ciências Sociais*, Edições Afrontamento, Porto

SOUSA, L., Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004), *Envelhecer em família – os cuidados familiares na velhice*, Porto, Âmbar Editora

VALA, J. (1986), *Sobre as Representações Sociais – Para uma Epistemologia do Senso Comum*, Cadernos de Ciências Sociais, n.º4, Porto, Edições Afrontamento, pp. 5-30

VALA, J. (1996), “Representações Sociais – para uma psicologia social do pensamento social” in *Psicologia Social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

VAZ, Ester (1998), "Mais Idade e Menos Cidadania", in *Análise Psicológica*, n.º4, ISPA, pp. 621-633

VIEIRA, E. (1996), *Manual de Gerontologia: um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares*, Rio de Janeiro, Revinter

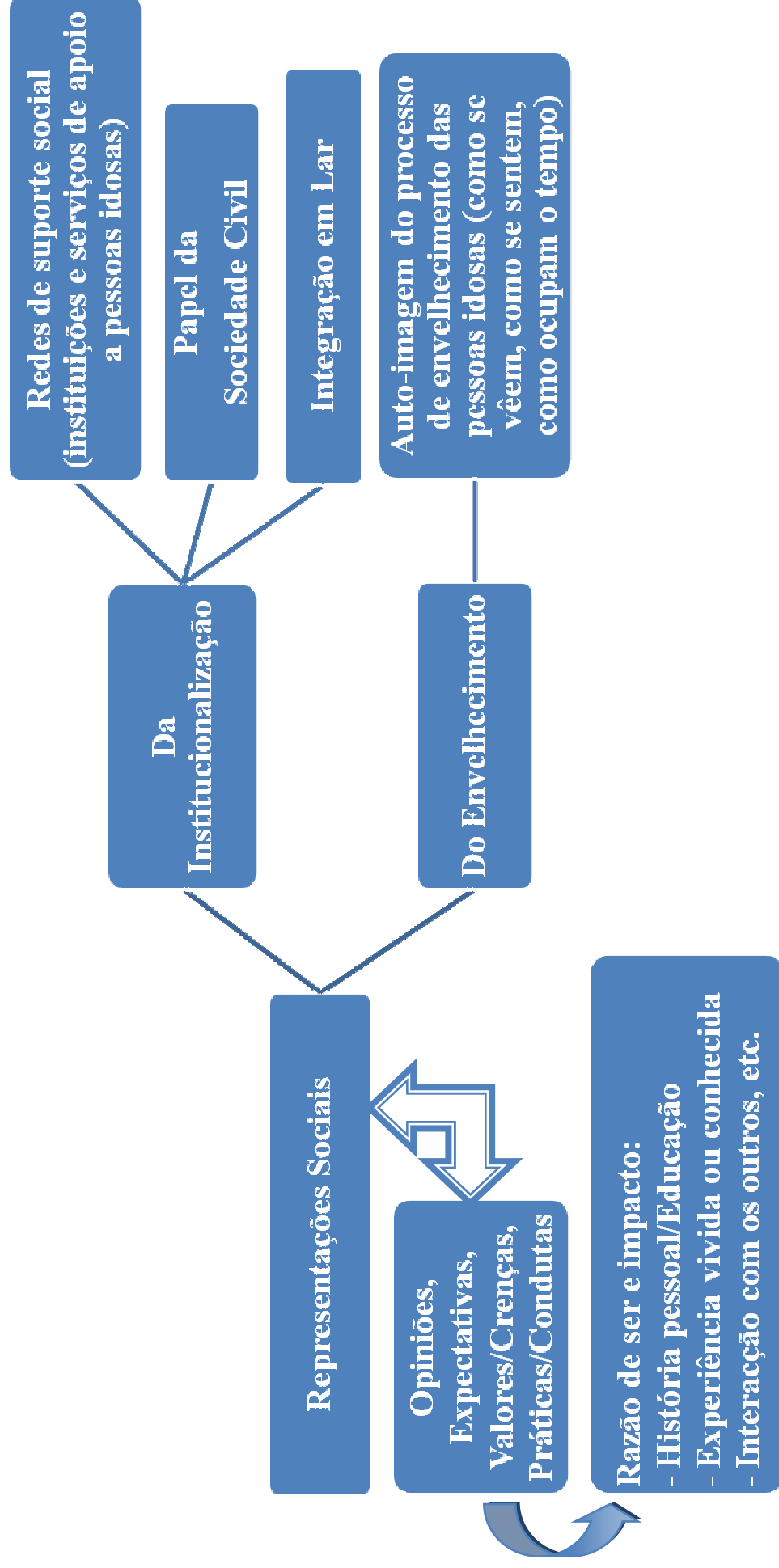
WALL, Karine et al (2002), *Trabalhar e cuidar de um idoso dependente: problemas e soluções*, Working Papers, ICS

ZIMMERMAN, G. (2000), *Velhice – Aspectos Biopsicossociais*, Porto Alegre, Artmed Editora

# ANEXOS

## **Anexo A: Esquema Síntese do Quadro Conceptual**





## **Anexo B: Grelha/Guião da Entrevista Exploratória**

## GRELHA/GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Dimensões	Objectivos	Perguntas	Informação Pretendida	
Identificação do/a entrevistado/a	Conhecer o/a entrevistado/a	1. Idade 2. Sexo 3. Estado Civil 4. Naturalidade 5. Habilitações Literárias 6. Com quem vive 7. Profissão exercida antes da reforma 8. Idade com que se reformou 9. Razões pelas quais se reformou		
		10. Quando se sentiu envelhecer e como tem vivido esta fase da sua vida? 11. Qual é o papel da	- Percepção e atitude face ao processo de envelhecimento	- Representações - Atitude Positiva; Indiferença; Negativa
Perspectiva do processo de Envelhecimento	Conhecer a perspectiva dos entrevistados sobre a fase da vida em que se encontram			

	Conhecer a perspectiva dos entrevistados a respeito do papel da sociedade civil em termos de prestação de cuidados, e da promoção dos direitos e participação das pessoas idosas	sociedade civil relativamente às pessoas idosas?	- Se existe uma preocupação com as pessoas idosas, numa perspectiva de cidadania e participação (respeito e apoios)	- Apoia (se sim, como? ...): - Instituições de apoio - Apoio financeiro - Promover o bem-estar - Valorizar o papel social - Não Apoia - Não sabe
Perspectiva da Institucionalização	Conhecer a perspectiva dos entrevistados quanto à importância das instituições e dos serviços prestados pelas mesmas	<p>12. O que pensa sobre as instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?</p> <p>13. O que pensa sobre a integração em lar? Porquê?</p> <p>14. Que tipo de relação se deve estabelecer entre utente e instituição? E com as famílias?</p>	<p><u>Grupo do SAD, do CC, e dos Potenciais Utilizadores de Respostas Sociais:</u></p> <p>- Opinião face à entrada num lar</p> <p>- Motivo da percepção (como a construiu)</p> <p>- Se consideraria ou não a hipótese de entrada e que razões</p> <p>- Se o resultado da relação</p>	<p>- Opinião Negativa; Positiva</p> <p>- Opinião pública; Questões culturais; História pessoal; Tradição/Educação</p>

			<p>é a dependência ou a autonomia, se a posição da pessoa/utente é activa ou passiva. Se a relação é de controle, apoio ou colaboração.</p> <p><u>Para o Grupo do Lar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Período de Permanência</li> <li>- Iniciativa da entrada</li> <li>- Motivos da entrada</li> <li>- Opinião face à integração em lar</li> <li>- Razão da opinião</li> </ul> <p>- Motivos: Pessoal; Familiar; Técnicos; Outros</p> <p>- Solidão; Problemas de saúde; Situação de dependência; Incapacidade do apoio familiar; Más condições habitacionais; Dificuldades económicas</p>
	<p><u>Perguntas extra:</u></p> <p>15. Há quanto tempo está no Lar?</p> <p>16. Quem tomou a decisão? E por que motivos?</p> <p>17. O que pensa sobre a integração em Lar? Porquê?</p> <p>18. Se pudesse, optaria por outra alternativa?</p>		

## **Anexo C:** Transcrição das Entrevistas Semi-Directivas

## Transcrição de Entrevista 1

Data: 22/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Ana. Podemos então começar?

D.<sup>a</sup> Ana: Sim, claro, quando quiser.

Entrevistador: Então, como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Ana: Não estou velha, nem me sinto velha. Só tenho pena é de ter dores. Mas tenho um espírito muito jovem e sinto-me bem. E ocupo o meu tempo a organizar actividades na Paróquia e desempenho alguns funções como tesoureira.

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Ana: Não conheço muito bem a situação actual das instituições, mas acho que já há grandes melhorias e a sensibilização, hoje em dia, também é maior, apesar de não ser perfeito. A ideia do apoio domiciliário é muito boa, porque acaba por retirar as pessoas dos lares e é um serviço muito bom. Por exemplo, aqui na paróquia é um serviço bem prestado e muito necessário e importante para dar resposta às pessoas que vivem aqui. No entanto, as reformas são cada vez mais pequenas e gasta-se muito dinheiro com os medicamentos... Enfim...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas e os devidos apoios?

D.<sup>a</sup> Ana: Graças a Deus que ainda existe preocupação com as pessoas idosas, mas dantes havia mais respeito... Mas em termos de instituições, já há melhorias. Em termos de apoios financeiros, deviam apoiar mais aqueles que têm mais dificuldades económicas e que têm reformas muito baixas. Por exemplo, Benfica é muito velha e carenciada, há muita gente de idade. E quando andamos na rua, aqui ao pé da Igreja, vemos sempre muitas pessoas sentadas a jogar às cartas, e neste ritmo durante todo o ano... E eu pensava cá para mim: mas será que não estão fartos desta monotonia? Todos os dias a mesma coisa? O que eu sei é que há pessoas que começam a envelhecer muito cedo, umas porque a saúde está debilitada, outras porque a partir do momento em que se reformam, automaticamente deixam de levar uma vida activa como dantes levavam... E custa-me ver essas velhotas sentadas no meio da rua e os velhotes a jogar às cartas...

Está a perceber? Então eu, como fazia parte da direcção da Paróquia, comecei a magiciar umas coisas cá na minha cabeça. Juntei-me e falei com umas amigas e começámos a pensar em fazer umas festas, sobretudo naquelas alturas do ano mais marcantes. E o certo é que distribuímos convites, eles aceitavam e o salão paroquial estava sempre cheio... E começaram a aderir e então formámos o Grupo Renascer, constituído por elementos com mais de 50 anos na pré-reforma e que ainda se sentiam activos. Temos várias actividades, desde aulas de ginástica geriátrica, os cursos de arraiolos, as aulas de pintura (cerâmica e azulejo), as aulas na universidade da terceira idade, o grupo coral que canta em festas, em lares e até costumam ir a outros locais e festividades fora da zona. É uma boa terapia para eles... A Junta também cedeu a piscina para aulas de natação com monitores de hidroginástica. E o centro de convívio diário funciona de 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> feira (dias úteis) da parte da tarde (das 14 horas às 18 horas) onde lancham e conversam sobre os mais diversos assuntos, e onde organizamos passeios e exposições em grupo. Mas já estamos a ficar com falta de energia no grupo... Era bom que tivéssemos mais funcionárias, por exemplo, Animadores, percebe? Dá sempre muito jeito para o futuro do grupo. Olhe, por exemplo, no futuro lar que a Paróquia está a pensar construir, sem dúvida que abrangeríamos o Centro de Dia, porque neste grupo as pessoas sentem-se úteis e ajudam-se uns aos outros, não estão estagnadas em casa, sentadas no sofá à frente da televisão e chinelo no pé, percebe? (risos) Não podemos ficar tão velhos de repente, percebe? E com o avanço da idade, menos podemos participar nas actividades porque começamos a perder capacidades. Portanto, o Centro de Dia é uma óptima terapia e, mais tarde, quando começarmos a precisar, recorreremos ao Apoio Domiciliário. E aqui preocupamo-nos sempre... Basta faltarem um dia às actividades e queremos logo saber o que se passa... É uma relação muito próxima...

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Ana: Bem, verdade seja dita, o lar não é bom, mas é um mal necessário. Mas há lares que são muito bons, só que são caros e nem toda a gente tem possibilidades económicas, não é? Mas não é bom porque limita a pessoa, e tem regras impostas para cumprir, que são úteis, mas há pessoas que estão habituadas à sua rotina sem horas marcadas... Estão habituadas a ter uma vida independente e a essas custa mais, percebe? Mas nem todos os lares são cuidadosos com as pessoas, em termos de formação humana e profissional de alguns técnicos... Ainda há maus-tratos como antigamente, mas não quer dizer que sejam todos assim. Se bem que não gostei de algumas coisas que já me disseram e que vi nalguns lares...



Entrevistador: E um dia, consideraria a hipótese de entrada num lar?

D.<sup>a</sup> Ana: Não me importava de ir. E quando chegamos a uma determinada idade, e for mesmo preciso, temos que considerar essa hipótese. Mas é difícil... E a palavra lar não me agrada. Se for casa de acolhimento ou residência, é muito mais convidativo... A palavra lar tem uma conotação muito negativa, muito pesada, daí a aversão e o instinto das pessoas a recusarem quase de imediato essa hipótese. Por exemplo, em Fátima, há residências de religiosas dentro desta área social e faixa etária, onde nos sentimos bem e somos tratados como família. E já reparou que as pessoas são muito mais receptivas aos “lares” de cariz religioso? Transmitem muito mais segurança e inspiram mais confiança... É o caso aqui da Paróquia. E infelizmente também há aqueles familiares que empurram os velhos para os lares... É uma tristeza... Por exemplo, quando os hospitais querem dar alta a alguém e não há ninguém da família, é sempre complicado e têm de ser encaminhados para algum lado... Mas, hoje em dia, com a crise já não vão tanto para os lares e ficam em casa a tomar conta dos pais ou dos avós, por exemplo, ou então pagam a alguém para estar em casa... Há de tudo...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Ana: Pois, quando se pede apoio, é porque a pessoa já não pode mesmo. E por isso é que o lar pode ser visto como um recurso importante. Olhe, aqui na Paróquia é bastante importante, pois não temos um meio de acolher as pessoas que mais precisam, e temos de ser realistas, não é? Há pessoas que já não conseguem cozinhar nem andar nem fazer outras tarefas, e portanto faz muita falta para acolher quem precisa, para aqueles casos mesmo necessários. E as regras devem ser cumpridas, senão cada um fazia o que lhe apetecia. Mas a instituição também deve respeitar a autonomia do idoso... Mas não se deve retirar a pessoa do seu ambiente, porque para algumas, a saída de suas casas, é a morte delas... E as próprias famílias devem ser responsabilizadas, não devem abandonar os do seu sangue, porque um dia quando chegarem à nossa idade como é que vai ser? Pois é, isto tem muito que se lhe diga... É fruto dos meus valores e princípios, da educação que me transmitiram. E eu respeito muito a pessoa idosa, mas também conheço a experiência do meu trabalho com as outras pessoas... E infelizmente ainda há uma ideia generalizada e negativa dos lares como depósitos. Mas não podemos ver assim... E as próprias instituições devem “lutar” pela sua boa imagem...

Entrevistador: Muito obrigada pelo tempo concedido.

D.<sup>a</sup> Ana: De nada, espero ter respondido a tudo, qualquer coisa que precise, já sabe.

Entrevistador: Obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 2**

Data: 23/05/2012

Entrevistador: Bom dia, D.<sup>a</sup> Fátima. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Fátima: Claro, deixe-me só aconchegar-me na cadeira para estar mais confortável...

Entrevistador: Então, como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Fátima: Esta fase agora da viuvez é que está pior, não é? Porque fiquei viúva há 9 meses e agora tem sido pior... Já há 30 e tal anos que faço voluntariado aqui na Paróquia com idosos. Também depois passei para a direcção do Centro... E também sou visitadora de doentes. Mas tenho dias. E esta fase da viuvez está a ser difícil, não estava à espera... Pois mas com o tempo, com a ajuda das minhas amigas e com o trabalho e com o voluntariado acabo por dar a volta... É muito bom, e é uma ótima terapia para todas nós. Às vezes estou em casa e tenho coisas para fazer, mas não estou com paciência ou estou com dores de cabeça... Então fui buscar o tapete e comecei a fazer... Tinha necessidade de acalmar um bocado... E em tempos a sala dos tapetes de arraiolos estava sempre cheia, até havia lista de espera... Mas muitos já partiram...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Fátima: Não há apoios suficientes. Creio que há bons equipamentos ligados à igreja ou não, ou às misericórdias, sobretudo quando as pessoas já estão numa situação que não podem estar em casa, e normalmente os filhos não moram em casa ou não têm ninguém, então aí as pessoas têm mesmo de ir para um lar. E lá na província podem ir para o lar que é muito bom... Mas aqui em Lisboa é mais difícil, porque há poucos equipamentos capazes e com uma longa lista de espera e às vezes nem são tratados como deve ser. O apoio domiciliário, pois... No outro dia estive na Pastoral da Saúde em Fátima e estava a ouvir o testemunho da Paróquia de Arroios que tem apoio domiciliário 24 horas por dia. Isso é que faz falta aqui, de alguém que vá a casa da pessoa se acontecer alguma coisa durante a noite, nem que seja para uma muda de fralda... Isso sim é importante...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Fátima: Nos últimos anos têm estado a apoiar mais e a respeitar menos... Por exemplo, aqui assim na paróquia começámos com muitas iniciativas e a junta de freguesia copiou as nossas iniciativas. Começámos com a natação e fomos pedir à junta se poderíamos utilizar a piscina sem pagar nada. Mas entretanto, passado um tempo, a junta também começou a dar aulas de natação e hidroginástica, com um professor a quem paga, e queriam juntar o grupo da paróquia com o grupo da junta. Mas aqui o nosso grupo tem outra mentalidade... Olhe, vou ser muito sincera, os idosos muitas vezes deviam ser respeitados e ter acompanhamento, mas muitas vezes, eles não querem, percebe? A pessoa pensa que eles devem sentir-se muito sozinhos, mas muitos deles não querem e ponto final. Porque além de terem medo que entre alguém pela porta dentro, acabam por sentir-se melhor sozinhos, porque já estão habituados... É mais fácil quando são pessoas conhecidas... E mesmo assim, às vezes quando vou dar a comunhão, eles estão a ver a novela ou um programa qualquer na televisão e têm que apagar a televisão nesse momento por respeito, percebe? Acho que em termos de as pessoas estarem acompanhadas é importante, mas respeitando a pessoa porque se sentem bem sozinhas... Mas é importante que os vizinhos, e tenho visto várias vezes, também mostrem alguma preocupação, nem que seja só para saber se está tudo bem e se precisa de alguma coisa... Mas há pessoas que não gostam de ser incomodadas e preferem estar sozinhas, habituaram-se...

Entrevistador: Pois... E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Fátima: Depende das pessoas. Há idosos que compreendem que já não podem estar em casa. Se a pessoa aceita a ida para o lar, acaba por haver uma entreajuda e sentir-se bem no lar. Mas se a pessoa vai contrariada, passado uns meses morre de desgosto. Tem que estar minimamente preparada pela família ou por outros. E como hoje há muita mão de obra, os idosos já não vão tanto para lares como iam... Assim ficam em casa... Há mais gente que podemos pôr em casa a tomar conta do idoso. E os lares são caros... E as pessoas com reformas baixas não podem. E quem pode pagar alguma coisa, escolhe ir para residências como os Mello ou na Luz ou põe alguém em casa. Mas lá na província é muito melhor. Não há listas de espera, as pessoas podem sair do lar e ir a suas casas durante o dia...

Entrevistador: E um dia, consideraria a hipótese de entrada num lar?

D.<sup>a</sup> Fátima: Que remédio tem a gente! Mas enquanto eu puder ficar em casa, não vou. E se houver alguém que possa ficar em casa a cuidar da pessoa idosa, muito melhor. Mas se um dia eu precisasse ia, mas a pessoa deve estar minimamente bem preparada... A minha mãe esteve num lar e vi coisas muito tristes... E por exemplo, vi as pessoas amarradas à cama ou ao sofá, dopadas, e algumas levavam pancada... Acho que a segurança social devia dar mais apoios para pôr pessoas a tomar conta dos idosos em casa... Lá no lar da terra, é uma categoria, uma maravilha! Até porque as pessoas que normalmente estão empregadas nesses lares são lá da terra e já conhecem as pessoas e como conhecem as pessoas já há proximidade. Mas ali na Confraria São Vicente de Paulo, aquilo também está sempre tudo impecável, desde os serviços às empregadas. Também o Cristo Rei é muito bom...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Fátima: As pessoas não se podem sentir fechadas. Desde que as pessoas andem e se possam movimentar, por exemplo, os familiares ou a própria instituição devem levar as pessoas a sair durante o fim de semana... Por exemplo, na província, as pessoas durante o dia podem ir a suas casas e espairar um bocadinho... Na minha família, sempre tratámos dos nossos familiares em casa, até à morte, percebe? Fruto da minha educação e dos valores incutidos na minha juventude. Mas acho que se deve dar um bocado de autonomia à pessoa. E quando a pessoa entra numa instituição paga e tem regras claro, mas também precisa de ter o seu espaço e as suas coisas. Mas também depende das famílias, porque há muita família que não liga nenhuma aos velhos, encaixota-os num lar e nunca os vai visitar. Infelizmente é mesmo assim. Também não sei como foram as pessoas, se foram boas ou más, mas isso não quer dizer nada porque somos todos seres humanos e vamos todos morrer, mas pronto. E eu como sou visitadora de doentes, já vi situações destas. Conheço o caso de uma senhora, em que a filha ia ao lar pagar apenas e nunca ia visitar a mãe, nem lhe dar um beijinho. Ora caramba, não era uma amiga, era a filha dela! Isto não se faz... E portanto, é claro que a vida numa instituição é uma vida diferente, e se a família não acompanha as pessoas de forma diferente, o sofrimento é muito maior e as pessoas morrem muito mais depressa. Também conheço o caso de uma senhora, que assim que entrou num lar, começou a deixar de andar e de falar, e no entanto, eu ia lá visitá-la todas as semanas e não lhe era nada, mas sempre era uma amiga que a acompanhava e telefonava-lhe sempre que eu não podia lá ir vê-la... Se houver uma ligação entre as pessoas, é muito melhor, porque de um momento para o

outro, pode acontecer-nos alguma coisa e depois como é que é? Tem que haver também da parte da família um bocadinho de preocupação, para saber se a pessoa está bem ou não, percebe? Mas enfim, isto anda tudo de pernas para o ar...

Entrevistador: Muito obrigada pelo tempo que me concedeu.

D.<sup>a</sup> Fátima: De nada, espero ter ajudado e sempre que precisar, disponha.

Entrevistador: Obrigada.

### **Transcrição de Entrevista 3**

Data: 23/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Maria. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Maria: Claro que sim.

Entrevistador: Então como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Maria: Vejo naturalmente e vivo bem esta fase. Tenho consciência que já não sou nova e tenho algumas limitações, mas não é algo que me preocupa. Adapto-me bem à minha idade e vivo o dia-a-dia naturalmente, a tratar da casa, dos netos, a dar apoio aqui na paróquia, na parte do banco alimentar, e sinto-me bem...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Maria: Acho que deviam haver mais apoios, porque há muita gente que vive sozinha... Mas há vários serviços hoje em dia para dar resposta aos nossos idosos e portanto, acho que está a ser feito um bom trabalho... É pena estarem sempre a cortar nas nossas pensões, mas pronto, acredito que virão dias melhores...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Maria: Graças a Deus, ainda há uma grande preocupação, mas a mentalidade é outra. Hoje em dia, já não há tanto respeito... As pessoas andam sempre numa correria desgraçada... Mas no meio de tanta coisa, ainda se lembram de nós...

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre os lares de idosos e porquê?

D.<sup>a</sup> Maria: Depende das pessoas. Mas acho que ninguém gosta de ir para um lar, não é? Custa sempre... Concorro com lares desde que esteja bem organizado e em boas

condições de funcionamento, desde que as famílias não empurrem os velhos para lá e haja os apoios e um acompanhamento devido. Mas os tempos são outros, os filhos também estão empregados e muitas vezes, não têm tempo... Já vi de tudo... Bons lares e maus lares... E a terminologia da palavra em si até arrepia!

Entrevistador: E um dia, consideraria a hipótese de entrada num lar?

D.<sup>a</sup> Maria: Se tivesse que ser, pois claro. Não reagia mal, desde que houvesse os devidos tratamentos. Mas enquanto puder movimentar-me, fico em casa e tento arranjar apoio em casa. Mas os tempos são outros e talvez a minha relutância se deva um pouco ao facto de eu nunca ter visto os meus familiares num lar, mas com o tempo depois logo se vê...

Entrevistador: E que tipo de relação deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Maria: Quando se entra numa instituição, há regras, senão cada um fazia o que lhe apetecia, não é? Mas há que ter em consideração as necessidades de cada pessoa... Mas esta minha forma de pensar resulta sobretudo da minha educação e dos princípios que me passaram... Como lhe disse há pouco, os tempos são outros, percebe? Mas pronto...

Entrevistador: Muito obrigada pelo tempo concedido.

D.<sup>a</sup> Maria: Oh, de nada, peço desculpa por estar com alguma pressa, mas tenho que ir fazer a distribuição no banco alimentar.

Entrevistador: Não há problema, obrigada.

#### **Transcrição de Entrevista 4**

Data: 23/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, Sr. Duarte. Podemos começar?

Sr. Duarte: Vamos a isso.

Entrevistador: Como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

Sr. Duarte: Sinto-me perfeitamente. Ainda mantenho algumas funções aqui na paróquia e sou colaborador externo da Rádio Renascença há 21 anos, por isso não me posso queixar, graças a Deus. Mas vejo, com alguma preocupação, o futuro das gerações mais novas, sobretudo dos meus netos. Tenho a sorte de os meus filhos estarem profissionalmente bem, mas receio pelo futuro dos meus netos...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

Sr. Duarte: Apesar de tudo e da crise que estamos a passar, ainda há apoios e solidariedade. Por exemplo, o trabalho aqui da paróquia é necessário e bem feito, e também temos a sorte de termos profissionais eficientes. Mas acho importante haver mais instituições e serviços que prestem resposta a estas pessoas, sobretudo quando as famílias estão a trabalhar, e cada vez menos tempo têm e mais ocupadas andam com os seus afazeres. É difícil conciliar tudo hoje em dia, percebe?

Entrevistador: Pois... Então é relativamente à sociedade? Acha que há uma preocupação da sociedade com as pessoas idosas?

Sr. Duarte: Sim, sim. Mas agora com esta crise, aumentou o individualismo. É o salve-se quem puder na selva do mundo... As pessoas preocupam-se mais com elas próprias e com o seu bem-estar do que com os outros. Antes não era assim, e na província a proximidade entre as pessoas é totalmente diferente, é o chamado calorzinho humano... Mas pronto...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos e porquê?

Sr. Duarte: Hoje em dia, devido às ocupações do marido e da mulher, os lares surgem como uma necessidade, embora lamente a existência, claro. Mas é uma de muitas formas de resposta à terceira idade ocupada, percebe? Contudo, atenção que não há nada que possa superar a família, mas é uma necessidade social...

Entrevistador: E um dia, consideraria a hipótese de entrada num lar?

Sr. Duarte: Sim, não me importaria, se visse que seria um estorvo... Lá na minha terra, já visitei o lar da Pampilhosa da Serra e é muito bom, e sinto que o resultado que se vê, sem claro ter experimentado a vivência, é agradável. Mas aqui na cidade, só aquelas residências da Luz, por exemplo, ou os lares de cariz religioso... No entanto, nas gerações antigas, a família assumia a responsabilidade e o seu dever para com os mais velhos...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

Sr. Duarte: A partir do momento em que se entra numa instituição, há normas para ser cumpridas e que não se deve deixar de respeitar. Mas é claro, sempre respeitando a autonomia do idoso e um pouco da sua privacidade, porque já é suficientemente complicado, o idoso ter deixado a sua casa para entrar para o lar. E já para não falar também da responsabilidade das pessoas, mas muitas delas não querem saber e não

estão para se incomodar... Mas também conheço famílias que visitam os seus familiares ou telefonam, mantendo sempre um certo contacto e uma certa preocupação... Realmente, há de tudo...

Entrevistador: Muito obrigada por me ter disponibilizado o seu tempo.

Sr. Duarte: Ah, pelo amor de Deus, sempre que precisar e no que eu possa ajudar, disponha.

Entrevistador: Obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 5**

Data: 01/06/2012

Entrevistador: Bom dia, Sr. Correia. Podemos começar?

Sr. Correia: Sim senhor, pronto para responder, se souber...

Entrevistador: Obrigada. Então como encara a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

Sr. Correia: Olhe reagi bem, sem sobressaltos, sem crises nem angústias, e também preparei-me bem. Estive 11 meses na pré-reforma, e preparei-me bastante bem, comecei a afastar-me aos poucos do trabalho, da vida activa, e claro comecei a ver muitos jovens a querer ocupar os nossos lugares, dos mais velhos. Mas não me deixei afectar. Desde então que sempre me manti e ainda me mantenho ocupado, eu e a minha mulher, com actividades aqui na paróquia, com os tapetes de arraiolos, a pintura, os trabalhos manuais e em casa dedico-me à bricolage. Sempre me entretenho. E também costumo ir à missa, sempre fui católico praticante...

Entrevistador: Qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

Sr. Correia: Acho que é necessário e importante, muito principalmente nos dias de hoje, quando as famílias têm cada vez menos tempo para os seus, entre outras razões como a habitação ser pequena e um velho ser mais uma despesa acrescida, mas graças a Deus o meu filho não é assim. Damo-os muito bem e todas as semanas ele, a mulher e os netos vão lá jantar a casa... Mas, por exemplo, quanto ao apoio domiciliário, acho muito bom, mas pouco e devia ser incrementado com mais força, com mais elementos, mais



voluntários porque há coisas difíceis de fazer para certas famílias. E há muita gente carenciada em casa e que está sozinha, e uma palavra de ânimo e esperança seria muito importante...

Entrevistador: Então e relativamente à sociedade? Acha que há uma preocupação da sociedade com as pessoas idosas?

Sr. Correia: Os tempos são outros, e nós não estávamos muito habituados ao respeito de hoje em dia. Antigamente, o respeito era outro, muito mais imposto, mas também havia muito mais educação... Mas o espírito de solidariedade continua, sem dúvida. Aqui na paróquia e como já pertenci à direcção sei do que falo, acho que continuam a haver poucos apoios e desordenados, temos as instalações muito dispersas, e devíamos ter outro tipo de actividades... Mas pronto... Pode ser que com a construção do lar, a situação melhore...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

Sr. Correia: É um mal necessário. E o ideal seria mesmo estar em casa com a família. Mas é complicado... Primeiro porque ou não há instalações para ter os idosos em casa... E depois porque não há formação adequada para os poder encaminhar... E já visitei alguns lares que gostei do que vi e outros que não gostei... Mas na pré-reforma, eu fiz o sacrifício, que para mim foi um dever como filho, de tomar conta da minha mãe que ficou inválida, na casa dela, sempre com o apoio da Misericórdia lá da terra, em termos de higiene e alimentação e aprendi imenso...

Entrevistador: E um dia, consideraria a hipótese de entrada num lar?

Sr. Correia: Não tenho muita vontade. Preferia estar na minha casa na terra com a minha mulher, e gostava que houvesse um grupo de pessoas que a uma determinada hora do dia fossem a casa das pessoas visitar os idosos e ver se estava tudo bem e se precisavam de alguma coisa, porque a nossa casa é o meio familiar onde nos sentimos bem, percebe? Mas claro com uma preparação devida... E penso assim porque ao longo do tempo, a experiência e vivência que tive com os meus pais, foi muito enriquecedora...

Entrevistador: Claro... E que tipo de relação deveria ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

Sr. Correia: Uma relação de segurança e confiança, de respeito mútuo... Mas não há nada como a nossa casinha... E muita gente não quer ir para lares por causa da imagem negativa que está construída à volta dos mesmos... Por causa do mau tratamento das pessoas idosas, da falta de formação do pessoal... E muitas vezes, as pessoas também se queixam da comida, apesar de não ser o mais importante, mas a falta de cuidado na

confeção da comida é uma grande falha, porque bastava estar mais cinco minutos e estaria no ponto e já não haveria tantas queixas, percebe? Somos seres humanos e gostamos de boa comida! (risos)

Entrevistador: Muito obrigada pelo tempo concedido.

Sr. Correia: Não agradeça, é sempre bom falar com gente jovem, e nós temos muita necessidade de falar e às vezes somos chatos (risos)

Entrevistador: Não são nada (risos) Mais uma vez, obrigada.

#### **– GRUPO DO CENTRO DE CONVÍVIO:**

### **Transcrição de Entrevista 6**

Data: 22/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Amélia. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Amélia: Muito bem.

Entrevistador: Então, como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Amélia: Vejo de forma natural, o viver, o nascer e o morrer. E deve ser encarada com dignidade. Mas quando estamos sozinhas, torna-se mais penoso, sobretudo quando o marido parte. A minha única filha é diplomata e está nos Estados Unidos há 11 anos, e só costuma vir cá de 4 em 4 anos. Quem tem muitos filhos, é mais fácil... Mas eu tenho é muitas saudades do meu marido... Mas desde que venho ao Centro de Convívio tenho estado um pouco melhor, graças a Deus... E faço uma vida normal... As noites é que são mais complicadas...

Entrevistador: Pois... E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Amélia: A existência de instituições e outros serviços é fundamental. E devia haver mais apoios. Mas com esta crise é complicado... E acho que as instituições da Igreja e as Misericórdias são muito importantes, apesar de eu conhecer pessoas que nunca gostam de aceitar o facto de que mais tarde ou mais cedo vão precisar de ajuda, aliás todos nós, não é? Mas pronto...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Amélia: Bom, sim, as pessoas ainda se preocupam, graças a Deus, sejam algumas famílias e vizinhos e até mesmo aqui a Paróquia apoia bastante... Mas acho que os jovens já não respeitam as pessoas idosas como antigamente, como não respeitam ninguém, nem os próprios pais, sobretudo desde o 25 de abril e que se vem a acentuar... Vê-se uma irreverência muito grande e o ambiente também não ajuda, é claro...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos e porquê?

D.<sup>a</sup> Amélia: Olhe, como se costuma dizer velho mudado, velho arrumado. É um mal necessário, mas só em último caso é que eu acho que se deve entrar num lar. Tirar as pessoas do meio familiar é complicado porque todos gostamos da nossa casa... Temos a nossa vivência, os nossos objectos pessoais, a nossa história, percebe? E não me agrada, como já vi, um grupo de pessoas numa sala sentadas à frente da televisão e à espera da morte, isso não... No entanto repare, os pais trabalham, os filhos vão para a escola, e quem é que fica a tomar conta dos velhos em casa? É porque há um determinado ambiente familiar, pai, mãe e filhos, e se entra outra pessoa, que tem outros hábitos, como é? Há uma grande mudança de rotinas e há pessoas e famílias que não gostam disso... E um bom lar custa dinheiro, e neste momento, as pessoas não têm dinheiro para irem para um lar bom, então vão para os da Segurança Social e muitas vezes as empregadas também não são muito generosas nem meigas... Mas enfim...

Entrevistador: E um dia, consideraria a hipótese de entrada num lar?

D.<sup>a</sup> Amélia: Só em último caso mesmo e tenho que aceitar, não é? Já fui a alguns lares e confesso que não gostei do que vi. Pessoas sentadas inertes à espera da morte e sem actividades... Ai, é chocante... Mas isso seria um assunto que eu teria de falar com a minha filha, percebe? E penso assim por causa da minha educação e dos princípios que defendo, mas também temos olhos na cara para ver a realidade, e infelizmente não me agrada o que vejo... Há muita gente infelizmente que não tem outra possibilidade senão ser encaminhada para um lar... Olhe, eu não vejo telenovelas, e gosto muito de ver o telejornal, porque procuro sempre qualquer coisa que me facilite a compreensão da vida que é hoje e gosto de me manter actualizada. E antigamente as pessoas ficavam nas casas até à morte e os filhos tomavam conta e agora não, agora é cada um no seu trabalho... A minha vida antes também era sempre a correr de um lado para o outro, uma vida muito activa... E vejo muita gente que se levanta às 6 horas da manhã e chega a casa a horas tardias e como é que podem tomar conta dos velhos, se mal têm tempo para

tomar conta dos filhos? Isto é muito complicado... Contudo, os lares de cariz religioso são a minha preferência, sem dúvida, porque aos outros só interessa o negócio e o lucro que vai dar e isso para mim está fora de questão... Mas pronto... Se Deus quiser, continuarei por minha casa, mas a ver vamos...

Entrevistador: Que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Amélia: Em sociedade há regras, não é? Então a partir do momento em que entro numa instituição, tenho que respeitar aquilo que está nos mandamentos da casa, não é? Mas gosto muito daquelas residências, um bocadinho caras, dos Mello e da Luz, onde qualquer pessoa pode levar algumas coisas suas, por respeito à afinidade da pessoa por qualquer coisa. Olhe, por exemplo, a Casa do Artista também faz isso. Porque no fundo, ninguém gosta de fazer uma ruptura com o passado, percebe? Há coisas de estimado valor... Pois as famílias, como já tinha dito antes, supostamente faz parte do código que os filhos devem cuidar dos pais ou dos mais velhos, mas não se vê nada disso... Mas enfim... Há que ter esperança...

Entrevistador: Claro. Muito obrigada pelo tempo que disponibilizou.

D.<sup>a</sup> Amélia: Sempre que precisar estou ali no centro de convívio.

Entrevistador: Obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 7**

Data: 25/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Lurdes. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Lurdes: No que eu puder ajudar...

Entrevistador: Claro que sim. Então D.<sup>a</sup> Lurdes, como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Lurdes: É um processo natural e vivo um dia de cada vez. Desde que comecei aqui no convívio há 20 anos, tornei-me visitadora de doentes, faço parte da Legião de Maria e quase todos os dias venho para aqui para o convívio. Mas só me sinto mais em baixo quando estou sozinha em casa, e por isso evito ficar sozinha em casa com a companhia

da televisão. Tenho 6 filhos, 13 netos e 2 bisnetos, e eles lá têm a vida deles, mas todas as noites falamos no skype. Sou uma privilegiada! (risos)

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Lurdes: Do que conheço há bastantes equipamentos e instituições e os serviços são muito importantes, todos os serviços existentes claro, mas devia haver mais apoios sobretudo aqui na Paróquia. O que quero dizer é que devia haver uma pessoa qualificada para orientar o nosso grupo, mas a Segurança Social não tem verbas, e tenho pena porque a maioria das pessoas aqui no grupo tem muito pouca cultura e as conversas são sempre uma chacha, percebe? (risos)

Entrevistador: Pois (risos) Então é relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Lurdes: Não sei se há preocupação suficiente, mas graças a Deus ainda há vizinhos preocupados, pessoas humildes, que tomam iniciativa de telefonar e se preocupam, sobretudo desde que se ouve nos telejornais o aparecimento de pessoas mortas em casa. Assim, os vizinhos têm na sua posse as chaves de casa da pessoa idosa e sempre que for preciso, vai lá dar um saltinho. É muito bom. Nas aldeias, ainda há um certo atraso em termos de apoios, e muitas das vezes, recorre-se aos bombeiros ou à polícia... Mas vivemos outros tempos...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Lurdes: Olhe tenho 6 filhos e estão todos ocupados e não sei se um dia não terei de ponderar ir para um lar. Qual deles cuidaria de mim? Pois, não sei, é complicado... Mas também para ter uma pessoa em casa 24 horas, a tomar conta de mim e a olhar para mim, é que nem pensar (risos)

Entrevistador: Então, consideraria a hipótese de entrada num lar?

D.<sup>a</sup> Lurdes: Só em última alternativa. Se tiver que ser, é assim mesmo... Olhe posso não aceitar algumas coisas dos meus filhos, algumas das suas decisões e estilos de vida, mas se eu levasse tudo à letra, acho que já estava sozinha há muito tempo... Mas já visitei alguns lares e não gostei de algumas coisas que vi, mas o que a Paróquia está a pensar construir, nem pensava duas vezes. E o nome lar é-me indiferente, é apenas uma questão de terminologia...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Lurdes: Devemos ter em conta que há regras a cumprir, mas o respeito pela autonomia da pessoa também é fundamental para o nosso bem-estar. A formação dos profissionais do lar também deve ser tida em conta, porque há pessoas que têm vocação e outras não... E portanto é um entre vários aspectos a melhorar nos lares... E confesso que não gosto de estar sozinha, mas bem acompanhada. E menina, entre estar em casa ou num lar, prefiro o lar, mas não sei o que os meus filhos pensam sobre o assunto... A ver vamos como correm as coisas (risos)

Entrevistador: Muito obrigada pelo seu tempo.

D.<sup>a</sup> Lurdes: Nada disso, é um prazer conversar com os mais jovens e ajudá-los para o futuro.

Entrevistador: Obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 8**

Data: 29/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Graciete. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Graciete: Quando quiser.

Entrevistador: Como é que a D.<sup>a</sup> Graciete vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Graciete: Estou cá em Lisboa há 46 anos e sempre desempenhei muitas actividades aqui na paróquia, desde aulas de ginástica, passeios, pintura, trabalhos manuais e até catequese. Também tirei alguns cursos na FITI (Federação das Instituições da Terceira Idade). E portanto, sempre tive uma vida muito activa e o importante é saber envelhecer.

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Graciete: Acho que é muito importante, primeiro porque a população está a envelhecer cada vez mais depressa e uma diversidade de serviços é bom para dar resposta a vários tipos de necessidades das pessoas mais velhas...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Graciete: Ui, isso agora é o que está na moda, então na televisão vê-se imensa coisa, desde encontros, passeios, entre outras coisas. E acho muito bem que se continue a divulgar assim esta preocupação com os mais velhos...

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre os lares de idosos e porquê?

D.<sup>a</sup> Graciete: Bem, visitei muitos e alguns eram péssimos. E sabemos através de pessoas que lá estão, mas é claro que também há lares muitíssimo bons, só que são caros, e isso não quer dizer nada, pois podem ter excelentes instalações e o serviço e a forma de trabalhar ser horrível, não é? Penso que os lares são um mal necessário. Há pessoas em casa que estão sozinhas e que não têm companhia, e portanto para certos casos, os lares até são melhores... E muitas vezes, as próprias famílias têm casas pequenas e não sei quê e não sei que mais, e não se interessam pelos velhos... Enfim, é uma realidade triste...

Entrevistador: Então, como consideraria a hipótese de entrada num lar?

D.<sup>a</sup> Graciete: A minha filha fará tudo para que eu esteja na minha casa, e ela vem sempre almoçar comigo todos os dias. Mas se ela achar que um dia já não consegue tratar de mim, então o lar será uma alternativa viável. Por exemplo, há pessoas nos hospitais, a quem os médicos querem dar alta, e não têm para onde ir, sobretudo naquelas situações quando os filhos não querem saber... E verdade seja dita, também somos uma despesa muito grande, não é? Mas pronto...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Graciete: Uma relação de respeito, respeito pela pessoa idosa e respeito pelas regras da instituição, porque o idoso está a pagar para usufruir do serviço ou da própria instituição, certo? As famílias, foi como disse há pouco, muitas não querem saber, outras graças a Deus preocupam-se... Há de tudo... Mas acho que a partir do momento em que os idosos entram num lar, as famílias devem assumir alguma responsabilidade, nem que seja um telefonema diário ou uma visita semanal... Estamos a falar do próprio sangue! Mas há famílias que tratam os mais velhos de uma forma que me choca muito...

Entrevistador: Muito obrigada pelo tempo concedido.

D.<sup>a</sup> Graciete: Eu é que agradeço o facto de a poder ajudar.

Entrevistador: Obrigada.

## Transcrição de Entrevista 9

Data: 30/05/2012

Entrevistador: Bom dia, D.<sup>a</sup> Fernanda. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Fernanda: Sim, menina.

Entrevistador: Como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Fernanda: É muito triste, é uma fase muito triste sobretudo quando perdemos o marido, as noites são mais complicadas, sinto-me mais sozinha. Mas durante o dia tento manter-me o mais ocupada possível. Os meus filhos telefonam-me todos os dias, graças a Deus. Vou às compras, ao médico, aqui ao convívio e à missa, todos os dias...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Fernanda: Há muitas instituições a ajudar muito mais, graças a Deus. Muito boa gente a ajudar os mais velhos e que mais precisam. Aqui o refeitório social e o apoio domiciliário são dois serviços muito importantes, porque a maioria das pessoas aqui em benfica são idosas e pobres...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Fernanda: Bem, a mentalidade de agora é diferente, e até fico parva com a má educação e a falta de respeito que vejo, mas há mais instituições e respostas para os idosos, sobretudo da Igreja e das Misericórdias e ainda bem, porque cada vez mais as famílias não podem ter os seus mais velhos em casa, não têm tempo e não há espaço, percebe?... São outros tempos...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Fernanda: “Há lares bons para quem tem dinheiro e há outros que são uma tragédia, e os idosos que lá estão, coitadinhos, sabe Deus o que lhes acontece! Eu cá confio nos lares da Igreja, porque nos outros que visitei vi muita falta de sensibilidade, formação e caridade para com os doentes...”

Entrevistador: Então, como consideraria a hipótese de entrada num lar?

D.<sup>a</sup> Fernanda: Tenho quase a certeza que os meus filhos não me deixariam ir para um lar, e além do mais, estar entre os seus até ao fim da vida é muito melhor do que morrer sozinha num lar. Mas para alguns, mais tarde ou mais cedo, que remédio! Mas esse é



um aspecto a pensar depois em conjunto com os meus filhos... Lá na terra há um lar muito bom, e quem tem dinheiro é que está garantido, mas eu preferia ficar em casa...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Fernanda: Uma relação de confiança, porque estamos a pagar para podermos ser bem tratados, não é? Respeito também é importante e perceber as normas de funcionamento dos serviços para que corra tudo bem entre os idosos e a instituição. Pois, a família é muito importante para estar presente e acompanhar o idoso, não é? Mas há famílias melhores que outras, está a perceber? É complicado...

Entrevistador: Muito obrigada pela sua disponibilidade.

D.<sup>a</sup> Fernanda: Eu é que agradeço a companhia, ultimamente sinto-me muito sozinha e faz-me falta conversar com gente mais nova... Às vezes, até parece que já nem sei conversar sobre um determinado assunto, com tanto tempo que passo em casa... Por isso, eu é que agradeço.

Entrevistador: De nada, mais uma vez, obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 10**

Data: 30/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Lucinda. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Lucinda: Vou só colocar os óculos, mas quando quiser começar, está à vontade.

Entrevistador: Então, como é que a D.<sup>a</sup> Lucinda vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Lucinda: Olhe, já estou há 40 anos em Lisboa e antes de o meu marido falecer não pensava nisso sequer. Mas agora passo noites horríveis, sem pregar olho, muito sozinha. E tenho bons vizinhos que me tratam bem e se preocupam comigo. Também tenho 2 filhos e 4 netos, que ajudei a criar, e com os quais tenho uma boa relação e me ajudaram sempre muito, sobretudo desde que o pai faleceu... E aqui o convívio ajuda bastante...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Lucinda: Acho que ainda não há apoios suficientes ou então alguns idosos é que não querem. Assim que o meu marido faleceu, eu procurei logo de seguida algo para me distrair. Comecei hidroginástica, actividades aqui na Paróquia e o Centro de Convívio. Mas há mais apoios do que antigamente. Olhe uma coisa que gostei muito de saber foi que na minha terra há um Centro de Dia que funciona todo o dia, e serve pequenos-almoços, almoços e jantares, dormir é que não (risos) E é uma pena não termos aqui o Apoio Domiciliário 24 horas, sábados e feriados, mas é uma hipótese a ponderar...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Lucinda: Sim, sim, acho que ainda há respeito e preocupação, daí, penso eu, o aumento do número de instituições e serviços às pessoas idosas, não é? E então na televisão ouve-se imenso falar sobre o envelhecimento e as iniciativas e os passeios. Está na moda! (risos)

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Lucinda: Bem, as minhas gerações anteriores sempre cuidaram dos seus em casa, até à morte. E eu cuidei dos meus pais e dos meus avós até morrer, mas tenho mesmo muita pena de quem é idoso e não tem família nem ninguém que se preocupe com eles... E assim os lares são a melhor solução, não é? Pois não sei... Mas enquanto eu puder estar na minha casa, nem penso duas vezes. Só mesmo em último caso, e mesmo assim não sei... Só fui a dois lares visitar duas pessoas amigas e não gostei do que vi... Pessoas sentadas à frente da televisão sem se mexer, pareciam hipnotizadas... E estas coisas acentuam a imagem negativa que se tem dos lares, sem necessidade. As pessoas têm medo de ser maltratadas, mas há lares e lares e há pessoas especializadas e há pessoas que não têm vocação nenhuma e deviam ser despedidas... Mas na minha terra há um lar de muito boa qualidade e que me interessou bastante, e já há algum tempo que estou a pagar uma quota para lá garantir o meu lugar... Nunca se sabe o que pode passar pela cabeça dos filhos e de algumas famílias...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Lucinda: Acho que a instituição para manter uma boa imagem, tem de fazer por isso e apresentar qualidade nos serviços que disponibiliza e nos profissionais que a representam, por isso é que estamos a pagar, não é? Pois, as famílias vê-se o que acontece em muitos hospitais, em certas alturas festivas como o Natal, por exemplo. Abandonam lá os seus familiares ou nos lares... Vão lá pagar e entregar o cheque e nem

sequer se dignam a subir para cumprimentar os seus entes... Isto revolta-me bastante porque tenho conhecimento de várias situações... É triste...

Entrevistador: Muito obrigada pelo tempo concedido.

D.<sup>a</sup> Lucinda: Espero ter sido uma boa ajuda.

Entrevistador: Claro que sim, mais uma vez obrigada.

## **– GRUPO DE SERVIÇO DE APOIO DOMICILIÁRIO**

### **Transcrição de Entrevista 11**

Data: 15/05/2012

Entrevistador: Bom dia, Sr. António. Podemos começar?

Sr. António: Quando a menina quiser.

Entrevistador: Então, como vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

Sr. António: Tenho que aceitar, porque por um lado é sinal que cá estamos, mas por outro lado, sem saúde ou com pouca, torna-se mais complicado. Mas eu sentia-me melhor na terra... Nasci lá e fiz lá toda a minha vida. Além de que os ares do campo são mais puros e lá sempre saía de casa e passeava um pouco pelo campo, mas agora aqui... E também o que hei-de fazer com a minha mulher neste estado de osteoporose avançado? Antes quando éramos jovens subíamos e descíamos as escadas lá na terra e não nos custava... Mas quero ver se daqui a uns meses vamos lá. Temos de ir de camioneta e ela tem de levar uma almofada nas costas para não lhe doer tanto... Mas a viagem custa-lhe e evitamos andar de carro aqui em lisboa... É uma grande confusão e o trânsito é caótico...

Entrevistador: Pois... E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

Sr. António: Cada vez são mais importantes, pois a idade quando avança pode trazer muitos problemas atrás e depois como é? Se a família não assumir o seu dever, é bom que haja instituições e serviços que dêem apoio e mantenham a Terceira Idade ocupada (risos) O centro de dia, o apoio domiciliário, o centro de convívio, são tudo respostas necessárias...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

Sr. António: Ainda há preocupação, mas menos respeito. As pessoas mais novas vêem os idosos de forma diferente do que eles realmente são. E menina, moços velhos não se entendem (risos) Os mais novos têm hábitos diferentes dos antigos e nós mais velhos fomos habituados a outros tempos e a outras coisas... Deitava-me muito cedo, e agora tenho netos que chegam tarde a casa, e isso para mim faz muita diferença, a mudança de rotinas. Eles respeitam-nos e falam connosco, mas somos quase uns estranhos para eles... Eu fui criado pelos meus pais e avós, mas eu e a minha mulher vivemos durante muitos anos na terra, longe dos netos, onde só iam quando estavam em férias, ao passo que os avós paternos estiveram sempre cá em Lisboa, logo a ligação com os miúdos é maior. Mas fora isso, eu e a minha mulher somos bem tratados pela paróquia e isso é que interessa...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

Sr. António: Verdade seja dita, não gosto de lares. A minha sogra esteve num lar e ia visitá-la sempre que podia e quando lá ia, via de tudo, alguns doentes, outros amarrados, outros babados e outros com Alzheimer... Mas não sei para o que estou guardado. Se tiver que ser, pronto... Mas quero ver se faço os possíveis para eu e a minha mulher não irmos... Acho que ninguém gosta, não é?...

Entrevistador: Então e consideraria a hipótese de entrada num lar?

Sr. António: Se tiver que ser, pronto... Não sei para o que estou guardado... Mas como temos o nosso espaço, estamos à vontade, e a filha que mora aqui perto, costuma vir aqui 2 a 3 vezes por dia, sempre que precisamos... E sentimo-nos mais seguros aqui se acontecer alguma coisa... E também temos o telealarme...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

Sr. António: Respeito, amizade e carinho na forma como nos tratam, mas também depende do estado em que a pessoa vai. Se tivermos genica e formos autónomos, ótimo. Mas por exemplo, no caso da minha mãe, o lar foi mesmo a última alternativa, mas até lá, pusemos alguém a tomar conta dela em casa, mas também é preciso dinheiro para pagar. E lá em baixo na terra, é mais difícil encontrarmos alguém para pôr em casa, e também é importante termos bons ordenados para podermos pagar a essa pessoa... A pessoa é rica na aldeia e pobre na cidade (risos) Mas os lares lá são bons... E as famílias

devem sempre manter contacto com os seus velhos, faz parte do código, não é? (risos)  
Mas enfim...

Entrevistador: Muito obrigada pelo seu tempo e disponibilidade.

Sr. António: Olhe de nada, espero ter ajudado com o que pude, não tenho muita experiência, mas sempre é alguma.

Entrevistador: Ajudou imenso, mais uma vez obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 12**

Data: 16/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Isabel. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Isabel: Claro que sim, esteja à vontade.

Entrevistador: Então, como é que a D.<sup>a</sup> Isabel vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Isabel: Vejo mais ou menos... Tive que aceitar... Por volta dos 40, tive uma menopausa precoce e desde a morte do meu marido que as coisas são mais complicadas, tenho muitas saudades... Encaro de forma natural, faz parte da vida. Às vezes digo que já cá não estou a fazer nada, que só dou trabalho, mas não sei se o que estou a dizer é pecado ou não. Mas um dia vou partir e a minha filha não gosta que eu diga isto, porque gosta muito de mim e precisa de mim, percebe?...

Entrevistador: Claro... E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Isabel: Mudam-se os tempos, aumentam as pessoas idosas e a crise... Como é que os mais novos podem suportar os mais velhos? Enfim...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Isabel: É conforme. Há pessoas que ainda se preocupam, mas há outras, certos filhos por exemplo, que não são como deve ser... E isto é fruto dos princípios da educação que tiveram e da maneira de ser de cada um. Há muita miséria espiritual, moral e física...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Isabel: Não gostaria. O meu pai que esteve muito mal esteve 7 meses num lar aqui em Lisboa, e saiu para dar entrada num lar em Algés, com muito melhores condições e onde foi muito bem tratado. Mas ele disse-me que não queria ir e queria estar perto de mim, mas eu não tinha condições... E portanto um lar é um mal necessário, que só deve ser ponderado em último caso, apesar de não ser a mesma coisa como a nossa casa. Quando digo à minha filha para me pôr num lar, que assim não lhe dava tanto trabalho, ela diz que não ganhamos para isso e por enquanto não vale a pena pensar nisso. Mas também lhe digo, se fosse mesmo necessário, eu ia. E também para estar aqui alguém o dia todo a cuidar de mim, é uma despesa muito grande e eu não tinha paciência (risos) Mas não pensemos nisso...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Isabel: Da parte da instituição deve haver respeito pelas pessoas e uma boa formação humana das profissionais. Da parte do idoso deve haver compreensão pelas regras da instituição e que se sinta o mais à vontade possível dentro da instituição. Uma relação de empatia entre utente e técnicos da instituição, como existe aqui na paróquia. Quanto às famílias, não há muito a dizer, porque é a nossa família, não é? Há aquelas que se dão mal e não querem saber se está tudo bem ou não, e há aquelas que são uma benção e uma graça de Deus... Olhe, a minha filha preocupa-se muito comigo e tenho muitas saudades do meu marido... E é assim a vida...

Entrevistador: Muito obrigada, D.<sup>a</sup> Isabel, pela sua disponibilidade.

D.<sup>a</sup> Isabel: Eu é que agradeço, já estou acamada há tantos anos e gosto tanto de ter com quem conversar... É sempre um prazer ouvirem-nos.

Entrevistador: Mais uma vez, muito obrigada.

### **Transcrição de Entrevista 13**

Data: 17/05/2012

Entrevistador: Bom dia, Sr. José. Podemos começar?

Sr. José: Se eu disser alguma asneira ou desviar-me do assunto, avise-me (risos)

Entrevistador: Acho que não vai ser preciso (risos) Então como é que o Sr. José vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

Sr. José: Encaro bem, é natural com um pouco de ajuda agora com a saúde debilitada. Mas reformei-me porque fui obrigado e já tinha os anos de serviço cumpridos apesar de, na altura, ainda me sentir com capacidades. E agora também tenho ajuda da minha esposa, e lá conseguimos dar a volta por cima...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

Sr. José: Para cada caso, para cada pessoa com ou sem dependência, há respostas para cada tipo de necessidades, o que é muito importante nos dias de hoje, porque há muitas pessoas que quando se reformam ainda se sentem capazes de continuar no activo, é o chamado saber envelhecer, percebe? E esse sentir-se envelhecer também depende muito da nossa força de vontade, está a perceber? E o apoio domiciliário dá uma grande ajuda e o centro de convívio também é muito bom... Mas é preciso mais iniciativas e divulgação porque há muita gente que não sabe... E é uma pena aqui a Paróquia não ter apoio domiciliário 24 horas por dia como em Arroios, isso é que era muito bom mesmo!...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

Sr. José: Acho que... Como é que hei-de dizer... Isto antigamente era diferente, as pessoas eram mais educadas e generosas... Agora com esta crise, as pessoas pensam mais em si e no seu bem-estar e esquecem-se um pouco do resto, percebe? Na minha altura era difícil estudar e os pais faziam muito sacrifício e os filhos reconheciam... Mas actualmente há muita coisa, muito mais facilitismo, mas as pessoas são menos educadas... Ainda me lembro das amizades que fiz e que duraram muitos anos... Agora nota-se mais diferenças na maneira de ser das pessoas, na mentalidade, na educação que os pais dão aos filhos e depois é o que se vê... A forma de ser e a solidariedade e a generosidade já não são as mesmas... Perderam-se certos valores desde o 25 de abril... Além de que a vida aqui na cidade é diferente...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

Sr. José: Encaro muito mal e seria uma transformação muito grande para mim. E infelizmente se isso acontecer, e tiver que ser, pronto... As filhas também têm as vidas delas e não têm muito tempo... Mas eu e a minha mulher juntos conseguiremos ultrapassar essa situação... Há alguns anos, eu e a minha mulher fomos a um lar da

Misericórdia e gostámos bastante, as pessoas eram muito bem tratadas, humanamente bem tratadas. Mas as pessoas que estavam na sala de estar pareciam que estavam a aguardar a morte e isso assusta... Apesar de termos gostado imenso das instalações e da forma como as funcionárias tratavam as pessoas, mas pronto... O que gostamos mesmo é de estar em casa! Só que a partir do momento em que eu perder certas capacidades, teremos de ponderar essa possibilidade, infelizmente, não é? Mas Deus Nosso Senhor tem-nos ajudado muito!

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

Sr. José: A pessoa quando recorre a um serviço ou a uma instituição sabe o que vai fazer, é uma decisão própria, certo? Então sabe que há regras apresentadas e que têm de ser respeitadas, no sentido de um mesmo objectivo que é o bem-estar dos idosos. Por isso, ainda bem que existem instituições para a terceira idade porque fazem muita falta, e refiro-me ao apoio domiciliário, ao centro de convívio, à universidade sénior, aos passeios da paróquia, entre tantas outras coisas. E deve haver uma relação de respeito, de entreajuda e confiança. E as famílias também têm o seu papel ou pelo menos deveriam ter, não é? Já ouvi muita coisa e não custa nada fazer uma visita ou um simples telefonema, não é? Mostrar alguma preocupação e sensibilidade... Mas parece que quantos menos problemas tiverem, melhor... E depois é a falta de tempo, os empregos, os filhos, basta olhar para o panorama actual... É difícil... Mas a menina deve perceber, ainda é nova! (risos)

Entrevistador: É um panorama difícil, sim... Bem, muito obrigada pela sua disponibilidade.

Sr. José: Se eu puder ajudar em mais alguma coisa, já sabe que não incomoda.

Entrevistador: Obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 14**

Data: 18/05/2012

Entrevistador: Bom dia, D.<sup>a</sup> Luísa. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Luísa: Claro que sim, tenho muito tempo (risos)



Entrevistador: Como é que a D.<sup>a</sup> Luísa vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Luísa: Não ligo nada a isso, sempre tive a genica que tenho agora. E tenho aqui o meu altar com todos os santinhos e tenho um quintal que me ajuda a ocupar o tempo. O próprio médico dá-me os parabéns porque com esta idade ainda tenho uma certa lucidez e falo muito bem. É pena é ter uma úlcera no estômago e alguma dificuldade em andar, mas se não fosse isso até ia para o centro de convívio...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Luísa: As instituições são muito importantes, porque como fui enfermeira via muitas pessoas a ficar sozinhas nos hospitais e ficava com pena delas... Muitas não tinham família e se tinham não lhes ligavam... O apoio domiciliário olhe, faz-me muito jeito porque já tenho dificuldade em movimentar-me e ajuda-me bastante e todas as outras pessoas que precisam... E gostava muito de frequentar o centro de convívio, mas as minhas penas... Ai, mas pode ser que um dia volte lá (risos) Os apoios financeiros que existem são necessários e conforme a situação dos idosos, se têm ou não têm, se precisam ou não precisam, é assim...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Luísa: Algumas pessoas ainda se preocupam e têm respeito, tenho aqui algumas vizinhas que me ajudam no que puderem e no que eu precisar... Mas como agora nem tenho saído muito por causa da dificuldade em andar, não lhe posso dar uma resposta melhor... O que eu sei é da televisão e do que as vizinhas me dizem...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Luísa: Ai menina, enquanto eu puder andar e fazer as minhas coisas, fico na minha casa... Só quero alguém que me telefone e me venha ver de vez em quando, para saberem se estou viva ou morta... É muito triste aqueles casos de velhos mortos em casa e fico assustada... E não tenho ninguém, nem sobrinhos, já partiram todos... Ainda bem que a minha vizinha tem a chave da minha casa... Já não fico tão preocupada...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Luísa: Olhe, um lar só mesmo quando eu não puder... Porque gosto de estar no meu espaço próprio, e é assim que eu penso e é assim que eu gosto e quero. E acho e já ouvi e vi que as pessoas que vão para alguns lares ficam paradas e eu não quero isso para

mim... Só quem lidou com doentes é que sabe dar o devido valor e eu sei muito bem. Ou se tem muita sorte e se tem uma família como deve ser, ou então é preferível não ter família. É chocante quando os do nosso sangue não querem saber de nós... E num lar ou a pessoa é bem tratada e se sente bem, ou então morre depressa... E já vi tanta coisa! Deus me livre! (risos)

Entrevistador: Muito obrigada D.<sup>a</sup> Luísa pela sua disponibilidade.

D.<sup>a</sup> Luísa: Oh, eu peço desculpa por não dar respostas mais elaboradas, mas a minha cabeça já tem muitas falhas e às vezes ponho os pés pelas mãos (risos)

Entrevistador: Não precisa de pedir desculpa, é compreensível, mais uma vez obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 15**

Data: 18/05/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Aurora. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Aurora: Sim minha querida, e desculpe a desarrumação da casa...

Entrevistador: Não faz mal... Como é que a D.<sup>a</sup> Aurora vê a velhice e como se sente nesta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Aurora: São os anos que vão passando. Mas tenho encarado bem, e por enquanto ainda me vou mexendo. Mas antes eu fazia muita coisa e era activa... Agora é que me sinto mais sozinha, sobretudo à noite... Tenho uma filha que mora em Leiria e o meu filho é que mora mais perto e costuma vir cá visitar-me, olhe saiu daqui há bocadinho... Mas gosto muito deles...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Aurora: Antes não havia tantos apoios, agora começa a haver mais e nas aldeias também. E são muito importantes. Olhe, por exemplo, o apoio domiciliário é muito importante para mim...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Aurora: A maioria não se preocupa nem respeita, e dizem que só damos trabalho e despesa... Mas a gente não tem culpa, e além do mais, todos vão chegar a esta fase e depois como é? Pois, é complicado...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Aurora: Se realmente tivesse que ser e já não tivesse capacidades para fazer as coisas sozinha, que remédio! Mas acho que no lar eu estaria melhor do que ficar em casa sozinha... Eu costumo ver na televisão falarem de certos lares que até temos muita vontade de ir para lá, e depois também sabemos que há outros lares que nem pensar... E acho que os meus filhos não se importavam que eu fosse para um lar... Mas não há nada como a nossa casa. Na minha casa, respiro e sou a rainha! (risos) Mas se eu pudesse pagar, preferia ter alguém aqui em casa a tomar conta de mim... Mas é muito dispendioso... Muitas vezes à noite apetece-me chorar por causa da solidão. E também canso-me muito a andar e perco as forças a tentar ir ao Convívio... E o meu irmão de vez em quando também cá vinha, mas agora também já está limitado... A idade não perdoa...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Aurora: Bem, já ouvi e vi muitas coisas más... A minha irmã enquanto estava no centro de dia era muito bem tratada... Mas depois partiu o fémur e como não havia ninguém para a tomar conta dela em casa, o filho colocou-a num lar, mas coitadinha... Ela telefonava-me todos os dias a dizer-me que a amarravam e a obrigavam a fazer as necessidades na fralda, quando ela era ainda capaz de se levantar e fazer sozinha... Mas olhe, ela esteve lá poucos meses, sabe? Morreu de parkinson e de tristeza... E sofreu muito mesmo... E para quem não está habituado, é muito mais difícil... Enfim...

Entrevistador: D.<sup>a</sup> Aurora, muito obrigada por ter disponibilizado um pouco do seu tempo.

D.<sup>a</sup> Aurora: Não precisa de agradecer, não é todos os dias que temos visitas de gente mais jovem, e como não posso ir ao convívio, torna-se mais difícil.

Entrevistador: Mais uma vez, obrigada.

## Transcrição de Entrevista 16

Data: 01/06/2012

Entrevistador: Boa tarde, Sr. Manuel. Podemos começar?

Sr. Manuel: Claro que sim. Espero poder ajudar.

Entrevistador: É só ir respondendo às perguntas... Como é que o Sr. Manuel tem vivido esta fase da sua vida?

Sr. Manuel: Ao princípio reagi muito mal, porque não queria estar afastado dos meus irmãos, e também por causa do feitio de duas funcionárias, mas depois de elas terem saído, agora está tudo melhor... Cá passo os dias no quarto ou a ver televisão... E o tempo vai passando...”

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

Sr. Manuel: Acho que é importante, então agora cada vez mais, há muita gente sozinha em casa, e os filhos têm uma vida de trabalho muito preenchida e é complicado... Aqui no lar foi uma questão de integração e hábito... E que remédio estar aqui...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

Sr. Manuel: Acho que sim, porque todos caminhamos para lá, não é? Mas hoje em dia é diferente, dantes havia mais respeito e consideração... A educação era outra.... Mas ainda assim existem bastantes instituições e serviços para apoiar os idosos... É pena as atitudes de alguns filhos ou outros familiares, está a perceber?... E também é uma pena alguns lares serem tão caros...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos e porquê?

Sr. Manuel: A minha opinião vai ser como residente neste lar já há 16 anos... E são bastantes anos... Mas se eu não tivesse vindo para aqui, não tinha mais para onde ir, não sou casado nem tenho filhos... Os meus pais já morreram e nunca tiveram grandes possibilidades financeiras, e não quero ser pesado aos meus restantes irmãos... De vez em quando vêm-me visitar e trazem-me roupa e comida... Aqui sinto-me bem, mas claro o lar seria a última das alternativas...

Entrevistador: E quem tomou a decisão de entrar no lar? E por que razão?

Sr. Manuel: Os meus irmãos decidiram que seria o melhor para mim, e eu em parte concordei, porque nem me dava muito bem com eles e eles não têm possibilidades financeiras para me ter com eles... Além de que tenho alguns problemas psicológicos, mas pronto...

Entrevistador: E que tipo de relação deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

Sr. Manuel: À partida quando alguém escolhe uma instituição, lar neste caso, ou outro serviço qualquer, toma conhecimento das regras da casa... E é sempre complicado porque somos seres humanos e temos a nossa própria individualidade e gostamos um pouco das coisas à nossa maneira, dos nossos horários, de certo tipo de comida, enfim... Mas se forem respeitadores e atenciosos connosco como com qualquer um, a relação e adaptação tornam-se um pouco mais fáceis, menos penosas...

Entrevistador: Muito obrigada Sr. Manuel, pelo seu tempo.

Sr. Manuel: De nada. Foi rápido e ainda bem que pude ajudar.

Entrevistador: Obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 17**

Data: 01/06/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Natália. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Natália: Quando a menina quiser.

Entrevistador: Como é que a D.<sup>a</sup> Natália se sente e como tem vivido esta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Natália: É triste quando se entra num lar... Não me sinto propriamente feliz... Mas tenho tido visitas da minha filha e de pessoas amigas o que ainda me vai animando, e a televisão aqui também ajuda a passar o tempo...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Natália: É positiva, em parte. Há boas e más instituições, que prestam bons e maus serviços. E não devia ser assim, porque estamos a lidar com seres humanos, não é? Mas há cada vez mais velhos e menos jovens, e é essencial pensarmos a longo prazo. Há pessoas que vivem sozinhas, outras não sabem o que fazer depois da reforma, outros

não se dão bem com os familiares e a existência de instituições e serviços é uma boa alternativa...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Natália: Mais ou menos (risos). A menina sabe que os tempos são outros! Não se valorizam certas coisas hoje em dia como dantes, acho eu, por exemplo, a velhice, a sabedoria, a experiência da vida... Mas graças a Deus ainda há pessoas boas... Acho que ainda podemos ter esperança nessas pessoas (risos)

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Natália: Olhe, já cá estou há 12 anos e se não estivesse aqui, estava no hospital. Por isso, não desgosto de cá estar, tenho boas relações com as pessoas e os lares são necessários em último caso, e infelizmente é o que se vê mais...

Entrevistador: E quem tomou a decisão de entrar no lar? E por que razão?

D.<sup>a</sup> Natália: A minha filha falou comigo e ambas concordámos. Tenho uma boa relação com ela, mas visto ela passar pouco tempo em casa devido ao trabalho e não ter grandes possibilidades financeiras, se eu não estivesse aqui no lar, estava no hospital...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Natália: Mútuo conhecimento e respeito. Dou-me bem com todos. O lar é uma segunda casa, mas com regras e princípios... Quem gosta, muito bem. Quem não gosta, paciência (risos). Quem não tem outra hipótese, tem que se conformar... Mas é triste...

Entrevistador: Obrigada D.<sup>a</sup> Natália pelo seu tempo.

D.<sup>a</sup> Natália: De nada, peço desculpa, mas a idade encurta a rapidez do pensamento...

Entrevistador: Mais uma vez, muito obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 18**

Data: 01/06/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Júlia. Podemos começar?

D.<sup>a</sup> Júlia: Claro, mas peço desculpa por estar deitada, eu sei que é feio...

Entrevistador: Não se preocupe, não me importo... D.<sup>a</sup> Júlia, como se sente e como tem vivido esta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Júlia: Tenho vivido bem, gosto de cá estar, sinto-me acompanhada e tratam-me bem... Apesar de ter poucas visitas das minhas filhas, também sei que elas não me podiam ter em casa delas por causa do trabalho e da falta de tempo e essas coisas, mas fiz outras amizades aqui que ajudam a passar o tempo, e as funcionárias também são atenciosas...

Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Júlia: Acho que são muito importantes, sobretudo quando se ouve nas notícias que as pessoas idosas são cada vez mais... E tem que haver coisas assim para nos ajudar, não é? A vida dos filhos anda muito agitada e por que razão havíamos de dificultar-lhes ainda mais a vida? Se não houvesse estas ajudas e instituições, até se percebia... E eu falo pela vida das minhas filhas, ambas médicas e passam pouco tempo em casa devido aos horários... Mas se existem estas respostas, claro que são importantes...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Júlia: Parece-me que sim, a mim tratam-me bem, talvez os mais jovens estejam um pouco mais deseducados (risos) Mas por exemplo, em termos de respostas para os velhotes nem está mau de todo, é pena é cortarem sempre nas reformas (risos) Mas pronto, ou as nossas famílias têm possibilidades para nos manter em casa ou então se ficamos doentes e eles mal têm tempo para parar em casa, o que se há-de fazer? E eu também não queria ser um incómodo para o resto da família, é sempre chato porque gostamos de ter a nossa privacidade... Mas sim, creio que ainda há uma certa preocupação, mas não tanto como dantes...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Júlia: Bem, eu gosto de cá estar, já passaram 9 anos... Como estive muito tempo em Santa Maria e mal consigo andar, as minhas filhas falaram comigo sobre a possibilidade de eu vir para aqui, e como conheci pessoas amigas que estiveram aqui e não falaram mal, olhe aqui estou eu (risos) Mas ninguém gosta de sair de ao pé dos seus nem do conforto da sua casinha, não é? Mas a vida tem destas coisas, menina...

Entrevistador: E quem tomou a decisão de entrar no lar? E por que razão?

D.<sup>a</sup> Júlia: Foram as minhas filhas, e eu percebo a difícil decisão que elas tomaram... Estive muito tempo internada em Santa Maria por causa da falta de forças nas pernas e

ainda mal consigo andar, as dores são muitas... E devido ao emprego delas, era complicado... E também estar em casa com uma pessoa a cuidar de mim, durante o dia inteiro, não sei se iria gostar... Aqui sinto-me bem...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Júlia: Principalmente, uma relação de respeito... As pessoas escolhem um determinado local e têm conhecimento das regras da casa e até podem visitar o espaço... Pode agradar-lhes ou não... Mas às vezes por uma questão de proximidade até lhes dá jeito... Outras vezes é o tratamento das funcionárias que é bastante bom, e valorizo bastante esse aspecto... A privacidade não é a mesma como nas nossas casinhas, mas se formos alimentados e bem tratados, com afecto e respeito, não há razões de queixa... Mas graças a Deus, ainda há boas instituições hoje em dia, e as coisas más que acontecem aos velhotes aparecem mais nos jornais, e acho muito bem... Se esses funcionários não têm paciência para tratar dos velhotes, o que é que lá estão a fazer? Não precisamos de pessoas assim... Mas aqui não tenho razões de queixa... Se tivesse queixas já tinha falado com as minhas filhas e elas já me tinham tirado daqui... (risos)

Entrevistador: E pronto, muito obrigada D.<sup>a</sup> Júlia pelo seu tempo.

D.<sup>a</sup> Júlia: Foi uma boa tarde, gostei muito de ajudar a responder a estas perguntas para o seu trabalho, e também gosto que me façam companhia.

Entrevistador: Eu é que agradeço.

## **Transcrição de Entrevista 19**

Data: 01/06/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Beatriz. Quando pudermos começar, é só dizer-me.

D.<sup>a</sup> Beatriz: Vou só colocar o aparelho auditivo (risos)

Entrevistador: Muito bem. Como é que a D. Beatriz se sente e como tem vivido esta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Beatriz: Olhe, tenho vivido dentro dos possíveis. Não casei, não tenho filhos... Tenho apenas um sobrinho que me visita todas as semanas e me telefona todos os dias... Ainda há alguém que se lembra de mim (risos) E aqui as pessoas são muito atenciosas...



Entrevistador: E qual a sua opinião relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Beatriz: Acho importante pois a idade avança e nem todos têm a sorte de ter familiares ou filhos disponíveis para tratar de nós, em casa por exemplo... Mas no meu caso não quis nem casar nem ter filhos por opção própria... Criei os meus sobrinhos e como ambos trabalham fora de Lisboa, chegámos à conclusão que eu não podia andar a reboque com eles sempre de um lado para o outro e ficar sozinha em casa... Com as minhas falhas de memória nem me podiam deixar em casa sozinha, seria impossível e eu também não queria estranhos a cuidar de mim (risos)... Por isso, como vê, devido a estas e outras razões, acho cada vez mais importante haverem instituições que apoiem as pessoas mais velhas...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Beatriz: Creio que sim, todos envelhecemos, menina... E como vemos na televisão, se o número de idosos está a aumentar, é claro que aumenta a preocupação de todos, sobretudo dos governantes... Mas estamos a viver uma crise dos diabos (risos)

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Beatriz: Duas palavras: que remédio! (risos) Confesso que já estive noutra lar e não gostei... Mas agora que remédio, foi como lhe disse há bocado, há quem tenha boas famílias, há quem tenha más famílias, e há quem esteja sozinho... Infelizmente, os lares são precisos, vê-se realmente muita miséria, muitos idosos a morrer sozinhos em casa... Mãe Santíssima! Até assusta...

Entrevistador: E quem tomou a decisão de entrar no lar? E por que razão?

D.<sup>a</sup> Beatriz: Eu e os meus sobrinhos decidimos... Veja, tenho pouca saúde, mas quando era jovem nunca parei, fui sempre muito activa... E quando ainda era autónoma e tinha a minha casinha lá em Viseu, ainda me metia no carro e fazia tenção de ir visitar os meus sobrinhos, mas morar com eles? Nem pensar! (risos) Não há nada melhor como estarmos na nossa casinha, estar à vontade, sair da cama às horas que quisermos, há momentos em que as dores são mais intensas e descansamos mais um bocadinho... E portanto, aqui mesmo assim ainda me sinto bem e tratam-me bem, e os meus sobrinhos telefonam-me sempre conforme combinado...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Beatriz: Uma relação de confiança, pois a instituição tem uma imagem a manter, certo? Assim como o idoso procura a instituição e espera o melhor dela, também a instituição deve ser respeitadora de cada pessoa... Já vi muita coisa que não gostei, mas por exemplo agora sinto-me bem... Respeitam-me como sou e eu respeito os princípios da instituição... Mas há muitas situações que não são assim...

Entrevistador: Muito bem, muito obrigada pelo seu tempo, D.<sup>a</sup> Beatriz.

D.<sup>a</sup> Beatriz: Que pena, eu que gosto tanto de conversar! (risos) Mas se pude ajudá-la, então sinto-me muito feliz!

Entrevistador: Sem dúvida que ajudou. Mais uma vez, muito obrigada.

## **Transcrição de Entrevista 20**

Data: 01/06/2012

Entrevistador: Boa tarde, D.<sup>a</sup> Laura. Quando quiser, podemos começar.

D.<sup>a</sup> Laura: Só ajeitar-me aqui no sofá... E pronto, já está...

Entrevistador: Como é que a D.<sup>a</sup> Laura se sente e como tem vivido esta fase da sua vida?

D.<sup>a</sup> Laura: É muito triste, é mesmo a coisa mais triste que há! Estou cá há 2 anos e fui-me habituando... Mas custa muito... Eu tomei conta dos meus pais até à morte deles... Mas agora esta juventude nunca tem tempo para nada... Passo os dias a ver televisão e falo pouco com as pessoas, mas rezo muito aos meus santinhos e a Jesus Nosso Senhor... Ai, mas que dor de alma tão grande!...

Entrevistador: E o que é que a D.<sup>a</sup> Laura pensa relativamente às instituições e serviços de apoio a pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Laura: Acho muito importante, fazem muita falta... Já que não podemos contar com alguns filhos e familiares, ao menos que hajam instituições que prestem bons serviços e disponibilizem respostas tanto para mim como para pessoas com mais idade... Infelizmente, é um quadro triste... Os tempos mudaram... Aliás, assim que as pessoas se reformam não podem estar paradas, devem continuar activas enquanto puderem, e enquanto houver respostas assim, é bom para o futuro...

Entrevistador: E relativamente à sociedade? Acha que ainda há uma preocupação com as pessoas idosas?

D.<sup>a</sup> Laura: Alguma, ainda podemos ter esperança acho... Creio que talvez haja menos boa educação hoje em dia, mas em termos de respostas de apoio aos idosos, há muita coisa... Há bons lares para quem pode... E há aqueles pronto, para quem menos pode... Mas o essencial é a relação humana entre a pessoa, nós os idosos, e os funcionários que tratam de nós... E eu sou muito bem tratada cá...

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre os lares de idosos? E porquê?

D.<sup>a</sup> Laura: Eu queria estar na minha casinha, claro... Mas são um mal necessário, como se costuma dizer... Há muitos idosos que estão nos hospitais e ninguém vai lá visitá-los... Não somos coisas para sermos esquecidas, somos pessoas! Visitei outros lares e vi coisas que não gostei, mas ao menos, aqui sou bem tratada e isso é que me interessa...

Entrevistador: E quem tomou a decisão de entrar no lar? E por que razão?

D.<sup>a</sup> Laura: Foi a minha filha que me pôs cá... Ela trabalha muito, tem um horário ingrato e não tem tempo para me ter em casa, nem espaço... A casa é pequena, mas pronto... Prefiro estar aqui e continuar a falar com ela, do que estar a dar-lhe mais trabalho lá em casa e estarmos zangadas...

Entrevistador: E que tipo de relação acha que deve ser estabelecida entre o idoso e a instituição?

D.<sup>a</sup> Laura: Uma relação próxima, de respeito, porque lá está, somos pessoas, não é? Se vamos ao encontro de uma determinada instituição ou procuramos um determinado serviço, sabemos que há princípios a serem cumpridos, mas também temos voz... Não há nada melhor como as instituições da igreja, temos o cariz religioso aliado ao cariz humano... De todos os lares que visitei foi isso que vi, uma profunda relação religiosa e de dedicação, uns melhores que outros... Mas o meu estado de saúde não me permitiu ficar mais longe, e aqui sempre tenho algumas visitas da minha filha... Apesar de tudo, é minha filha... E é assim...

Entrevistador: Muito obrigada D.<sup>a</sup> Laura, pelo tempo que me disponibilizou.

D.<sup>a</sup> Laura: Não tem de quê minha jovem. Não sei se respondi o suficiente, há coisas que não me lembro bem, mas pronto.

Entrevistador: Não há problema, mais uma vez obrigada.

## **Anexo D: Quadro de Caracterização das Pessoas Entrevistadas**

## QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

GRUPO DOS POTENCIAIS UTILIZADORES DE RESPOSTAS SOCIAIS									
Nome	Sexo	Idade	Estado Civil	Naturalidade	Habilitações Literárias	Com quem vive	Profissão exercida antes da reforma	Idade com que se reformou	Razões pelas quais se reformou
D. <sup>a</sup> Ana	Feminino	75	Solteira	Lisboa	7.º ano antigo	Sozinha	Chefe de secção numa escola	59	40 anos de serviço
D. <sup>a</sup> Fátima	Feminino	67	Viúva	Palmela	Curso geral de comércio	Sozinha	Empregada de escritório	40 e tal anos	Pensão do marido
D. <sup>a</sup> Maria	Feminino	72	Casada	Portalegre	1.º ciclo	Marido	Agricultora	68	Idade
Sr. Duarte	Masculino	76	Casado	Pampilhosa da Serra	Antigo curso do instituto industrial de	Esposa	Agente técnico de	56	Idade

					Lisboa				engenheira civil		
Sr. Correia	Masculino	84	Casado	Abrantes	Curso Industrial	Esposa	Funcionário das TLP	64 anos e 2 meses	Idade		
GRUPO DO CENTRO DE CONVÍVIO											
D. <sup>a</sup> Amélia	Feminino	80	Viúva	Lisboa	Curso comercial	Sozinha	Funcionária IBM	60	Motivos familiares		
D. <sup>a</sup> Lurdes	Feminino	82	Viúva	Ponta Delgada	Ensino Primário	Sozinha	Doméstica	Não se lembra	Pensão Social		
D. <sup>a</sup> Graciete	Feminino	90	Viúva	Chamusca	4.º ano	Sozinha	Terapeuta ocupacional	60	Idade		
D. <sup>a</sup> Fernanda	Feminino	82	Viúva	Viseu	Não se lembra	Sozinha	Doméstica	Não se lembra	Pensão do Marido		

D. <sup>a</sup> Lucinda	Feminino	79	Viúva	Beira Baixa	Não se lembra	Sozinha	Doméstica	Não se lembra	Pensão do Marido
<b>GRUPO DO SERVIÇO DE APOIO DOMICILIÁRIO</b>									
Sr. António	Masculino	81	Casado	Almodóvar	1.º ciclo	Esposa	Agricultor	65	Saúde
D. <sup>a</sup> Isabel	Feminino	85	Viúva	Lisboa	Instrução primária	Filha	Doméstica	Não se lembra	Pensão de sobrevivência do marido
Sr. José	Masculino	91	Casado	Beja	6.º ano antigo	Esposa	Escrivão	70	Idade
D. <sup>a</sup> Luísa	Feminino	94	Solteira	Coimbra	Curso de Comércio	Sozinha	Enfermeira Parteira	70	Idade
D. <sup>a</sup> Aurora	Feminino	84	Viúva	Sernancelhe	4. <sup>a</sup> classe	Sozinha	Costureira em casa	62	Saúde

GRUPO DO LAR										
Sr. Manuel	Masculino	65	Solteiro	Lisboa	9.º ano	Vivia com os pais	Maquero	Não se lembra	Doença	
D. <sup>a</sup> Natália	Feminino	88	Viúva	Porto	4.º classe	Vivia com a filha	Costureira	Não se lembra	Doença	
D. <sup>a</sup> Júlia	Feminino	85	Viúva	Lisboa	4.º classe	Vivia com os filhos	Empregada de loja	Não se reformou	Doença	
D. <sup>a</sup> Beatriz	Feminino	97	Viúva	Sabugal	5.º ano	Vivia com o sobrinho	Regente escolar	Não se lembra	Idade	
D. <sup>a</sup> Laura	Feminino	84	Divorciada	Barreiro	4.º classe	Vivia com a filha	Empregada na CUF	Não se lembra	Idade e doença	



## **Anexo E: Análise de Conteúdo das Entrevistas Semi-Directivas**

## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DO GRUPO – POTENCIAIS UTILIZADORES DE RESPOSTAS SOCIAIS

Temáticas	Excertos e identificação das entrevistas
<p>Percepção sobre o processo de envelhecimento</p>	<p>“Não estou velha, nem me sinto velha (...) tenho um espírito muito jovem e sinto-me bem (...) E ocupo o meu tempo a organizar actividades na Paróquia...” (D.<sup>a</sup> Ana)</p> <p>“Esta fase da viuvez está a ser difícil, não estava à espera... Pois mas com o tempo, com a ajuda das minhas amigas e com o trabalho e com o voluntariado acabo por dar a volta... É muito bom, e é uma óptima terapia para todas nós.” (D.<sup>a</sup> Fátima)</p> <p>“Tenho consciência que já não sou nova e tenho algumas limitações, mas não é algo que me preocupa. Adapto-me bem à minha idade e vivo o dia-a-dia naturalmente, a tratar da casa, dos netos, a dar apoio aqui na paróquia, na parte do banco alimentar, e sinto-me bem...” (D.<sup>a</sup> Maria)</p> <p>“Sinto-me perfeitamente. Ainda mantenho algumas funções aqui na paróquia e sou colaborador externo da Rádio Renascença há 21 anos, por isso não me posso queixar, graças a Deus. Mas vejo, com alguma preocupação, o futuro das gerações mais novas, sobretudo dos meus netos.” (Sr. Duarte)</p> <p>“Estive 11 meses na pré-reforma, e preparei-me bastante bem, comecei a afastar-me aos poucos do trabalho, da vida activa (...) Desde então que sempre me mantive e ainda me mantenho ocupado, eu e a minha</p>

	<p>mulher, com actividades aqui na paróquia, com os tapetes de arraiolos, a pintura, os trabalhos manuais e em casa dedico-me à bricolage. Sempre me entretenho. E também costume ir à missa, sempre fui católico praticante...” (Sr. Correia)</p>
<p>Percepção sobre as instituições e serviços de apoio a pessoas idosas</p>	<p>“Não conheço muito bem a situação actual das instituições, mas acho que já há grandes melhorias e a sensibilização (...) apesar de não ser perfeito. A ideia do apoio domiciliário é muito boa, porque acaba por retirar as pessoas dos lares e é um serviço muito bom (...) No entanto, as reformas são cada vez mais pequenas e gasta-se muito dinheiro com os medicamentos...” (D.<sup>a</sup> Ana)</p> <p>“Não há apoios suficientes. Creio que há bons equipamentos ligados à igreja ou não, ou às misericórdias, sobretudo quando as pessoas já estão numa situação que não podem estar em casa, e normalmente os filhos não moram em casa ou não têm ninguém, então aí as pessoas têm mesmo de ir para um lar. E lá na província podem ir para o lar que é muito bom... Mas aqui em Lisboa é mais difícil, porque há poucos equipamentos capazes e com uma longa lista de espera e às vezes nem são tratados como deve ser. O apoio domiciliário, pois... (...) Isso é que faz falta aqui, de alguém que vá a casa da pessoa se acontecer alguma coisa durante a noite, nem que seja para uma muda de fralda... Isso sim é importante...” (D.<sup>a</sup> Fátima)</p> <p>“Acho que deviam haver mais apoios, porque há muita gente que vive sozinha... Mas há vários serviços hoje em dia para dar resposta aos nossos idosos e portanto, acho que está a ser feito um bom trabalho... É pena estarem sempre a cortar nas nossas pensões, mas pronto, acredito que virão dias melhores...” (D.<sup>a</sup> Maria)</p>

	<p>“Apesar de tudo e da crise que estamos a passar, ainda há apoios e solidariedade. Por exemplo, o trabalho aqui da paróquia é necessário e bem feito, e também temos a sorte de termos profissionais eficientes. Mas acho importante haver mais instituições e serviços que prestem resposta a estas pessoas, sobretudo quando as famílias estão a trabalhar, e cada vez menos tempo têm e mais ocupadas andam com os seus afazeres (...)” (Sr. Duarte)</p> <p>“Acho que é necessário e importante, muito principalmente nos dias de hoje, quando as famílias têm cada vez menos tempo para os seus, entre outras razões como a habitação ser pequena e um velho ser mais uma despesa acrescida (...) Mas, por exemplo, quanto ao apoio domiciliário, acho muito bom, mas pouco e devia ser incrementado com mais força, com mais elementos, mais voluntários porque há coisas difíceis de fazer para certas famílias. E há muita gente carenciada em casa e que está sozinha, e uma palavra de ânimo e esperança seria muito importante...” (Sr. Correia)</p>
<p>Papel da sociedade civil para com as pessoas idosas</p>	<p>“Graças a Deus que ainda existe preocupação com as pessoas idosas, mas dantes havia mais respeito (...) Em termos de apoios financeiros, deviam apoiar mais aqueles que têm mais dificuldades económicas e que têm reformas muito baixas (...) E quando andamos na rua, aqui ao pé da Igreja, vemos sempre muitas pessoas sentadas a jogar às cartas, e neste ritmo durante todo o ano... E eu pensava cá para mim: mas será que não estão fartos desta monotonia? Todos os dias a mesma coisa? O que eu sei é que há pessoas que começam a envelhecer muito cedo, umas porque a saúde está debilitada, outras porque a partir do momento em que se reformam, automaticamente deixam de levar uma</p>

	<p>vida activa como dantes levavam (...) Então eu, como fazia parte da direcção da Paróquia, comecei a magiar umas coisas cá na minha cabeça (...) Não podemos ficar tão velhos de repente (...) E com o avanço da idade, menos podemos participar nas actividades porque começamos a perder capacidades. Portanto, o Centro de Dia é uma óptima terapia e, mais tarde, quando começarmos a precisar, recorreremos ao Apoio Domiciliário.” (D.<sup>a</sup> Ana)</p> <p>“Nos últimos anos têm estado a apoiar mais e a respeitar menos (...) Os idosos muitas vezes deviam ser respeitados e ter acompanhamento, mas muitas vezes, eles não querem (...) A pessoa pensa que eles devem sentir-se muito sozinhos, mas muitos deles não querem e ponto final. Porque além de terem medo que entre alguém pela porta dentro, acabam por sentir-se melhor sozinhos, porque já estão habituados... É mais fácil quando são pessoas conhecidas (...) Acho que em termos de as pessoas estarem acompanhadas é importante, mas respeitando a pessoa porque se sentem bem sozinhas... Mas é importante que os vizinhos, e tenho visto várias vezes, também mostrem alguma preocupação, nem que seja só para saber se está tudo bem e se precisa de alguma coisa... Mas há pessoas que não gostam de ser incomodadas e preferem estar sozinhas, habituaram-se.” (D.<sup>a</sup> Fátima)</p> <p>“Graças a Deus, ainda há uma grande preocupação, mas a mentalidade é outra. Hoje em dia, já não há tanto respeito... As pessoas andam sempre numa correria desgraçada... Mas no meio de tanta coisa, ainda se lembram de nós.” (D.<sup>a</sup> Maria)</p> <p>“(…) Mas agora com esta crise, aumentou o individualismo. É o salve-se quem puder na selva do mundo (...) As pessoas preocupam-se mais com elas próprias e com o seu bem-estar do que com os outros. Antes</p>
--	---

	<p>não era assim, e na província a proximidade entre as pessoas é totalmente diferente, é o chamado calorzinho humano (...)” (Sr. Duarte)</p> <p>“Os tempos são outros, e nós não estávamos muito habituados ao respeito de hoje em dia. Antigamente, o respeito era outro, muito mais imposto, mas também havia muito mais educação... Mas o espírito de solidariedade continua, sem dúvida (...)” (Sr. Correia)</p>
<p>Percepção sobre os lares de idosos</p>	<p>“(...) o lar não é bom, mas é um mal necessário. Mas há lares que são muito bons, só que são caros e nem toda a gente tem possibilidades económicas (...) Mas não é bom porque limita a pessoa, e tem regras impostas para cumprir, que são úteis, mas há pessoas que estão habituadas à sua rotina sem horas marcadas (...) Mas nem todos os lares são cuidadosos com as pessoas, em termos de formação humana e profissional (...) Ainda há maus-tratos como antigamente, mas não quer dizer que sejam todos assim. Se bem que não gostei de algumas coisas que já me disseram e que vi nalguns lares.” (D.<sup>a</sup> Ana)</p> <p>“Não me importava de ir. E quando chegamos a uma determinada idade, e for mesmo preciso, temos que considerar essa hipótese (...) E a palavra lar não me agrada. Se for casa de acolhimento ou residência, é muito mais convidativo... A palavra lar tem uma conotação muito negativa, muito pesada, daí a aversão e o instinto das pessoas a recusarem quase de imediato essa hipótese (...) E já reparou que as pessoas são muito mais receptivas aos “lares” de cariz religioso? Transmitem mais segurança e inspiram mais confiança (...) E infelizmente também há aqueles familiares que empurram os velhos para os lares... É uma tristeza... Por exemplo, quando os hospitais</p>

	<p>querem dar alta a alguém e não há ninguém da família, é sempre complicado e têm de ser encaminhados para algum lado... Mas, hoje em dia, com a crise já não vão tanto para os lares e ficam em casa a tomar conta dos pais ou dos avós, por exemplo, ou então pagam a alguém para estar em casa.” (D.<sup>a</sup> Ana)</p> <p>“Pois, quando se pede apoio, é porque a pessoa já não pode mesmo. E por isso é que o lar pode ser visto como um recurso importante (...) E as regras devem ser cumpridas, senão cada um fazia o que lhe apetecia. Mas a instituição também deve respeitar a autonomia do idoso... Mas não se deve retirar a pessoa do seu ambiente, porque para algumas, a saída de suas casas, é a morte delas... E as próprias famílias devem ser responsabilizadas, não devem abandonar os do seu sangue, porque um dia quando chegarem à nossa idade como é que vai ser? (...) E infelizmente ainda há uma ideia generalizada e negativa dos lares como depósitos. Mas não podemos ver assim... E as próprias instituições devem “lutar” pela sua boa imagem.” (D.<sup>a</sup> Ana)</p> <p>“(…) Há idosos que compreendem que já não podem estar em casa. Se a pessoa aceita a ida para o lar, acaba por haver uma entreaduda e sentir-se bem no lar. Mas se a pessoa vai contrariada, passado uns meses morre de desgosto. Tem que estar minimamente preparada pela família ou por outros. E como hoje há muita mão-de-obra, os idosos já não vão tanto para lares como iam (...) Há mais gente que podemos pôr em casa a tomar conta do idoso. E os lares são caros (...) Mas lá na província é muito melhor. Não há listas de espera, as pessoas podem sair do lar e ir a suas casas durante o dia.” (D.<sup>a</sup> Fátima)</p> <p>“Mas se um dia eu precisasse ia, mas a pessoa deve estar minimamente bem preparada... A minha mãe esteve num lar e vi coisas muito tristes</p>
--	--

	<p>(...) Lá no lar da terra, é uma categoria, uma maravilha! Até porque as pessoas que normalmente estão empregadas nesses lares são lá da terra e já conhecem as pessoas e como conhecem as pessoas já há proximidade.” (D.<sup>a</sup> Fátima)</p> <p>“(…) Na minha família, sempre tratámos dos nossos familiares em casa, até à morte (...) Fruto da minha educação e dos valores incutidos na minha juventude. Mas acho que se deve dar um bocado de autonomia à pessoa. E quando a pessoa entra numa instituição paga e tem regras claro, mas também precisa de ter o seu espaço e as suas coisas. Mas também depende das famílias, porque há muita família que não liga nenhuma aos velhos, encaixota-os num lar e nunca os vai visitar (...) Também não sei como foram as pessoas, se foram boas ou más, mas isso não quer dizer nada porque somos todos seres humanos e vamos todos morrer (...) E portanto, é claro que a vida numa instituição é uma vida diferente, e se a família não acompanha as pessoas de forma diferente, o sofrimento é muito maior e as pessoas morrem muito mais depressa (...) Tem que haver também da parte da família um bocadinho de preocupação, para saber se a pessoa está bem ou não (...)” (D.<sup>a</sup> Fátima)</p> <p>“Depende das pessoas. Mas acho que ninguém gosta de ir para um lar (...) Concordo com lares desde que esteja bem organizado e em boas condições de funcionamento, desde que as famílias não empurrem os velhos para lá e haja os apoios e um acompanhamento devido. Mas os tempos são outros, os filhos também estão empregados e muitas vezes, não têm tempo... Já vi de tudo... Bons lares e maus lares... E a terminologia da palavra em si até arrepia!” (D.<sup>a</sup> Maria)</p> <p>“(…) Não reagia mal, desde que houvesse os devidos tratamentos. Mas</p>
--	--



	<p>enquanto puder movimentar-me, fico em casa e tento arranjar apoio em casa. Mas os tempos são outros e talvez a minha relutância se deva um pouco ao facto de nunca ter visto os meus familiares num lar, mas com o tempo depois logo se vê...” (D.<sup>a</sup> Maria)</p> <p>“Quando se entra numa instituição, há regras, senão cada um fazia o que lhe apetecia, não é? Mas há que ter em consideração as necessidades de cada pessoa (...)” (D.<sup>a</sup> Maria)</p> <p>“Hoje em dia, devido às ocupações do marido e da mulher, os lares surgem como uma necessidade, embora lamente a existência, claro. Mas é uma de muitas formas de resposta à terceira idade ocupada (...) Contudo, atenção que não há nada que possa superar a família, mas é uma necessidade social.” (Sr. Duarte)</p> <p>“(…) Não me importaria, se visse que seria um estorvo (...) Mas aqui na cidade, só aquelas residências da Luz, por exemplo, ou os lares de cariz religioso... No entanto, nas gerações antigas, a família assumia a responsabilidade e o seu dever para com os mais velhos.” (Sr. Duarte)</p> <p>“A partir do momento em que se entra numa instituição, há normas para ser cumpridas e que não se deve deixar de respeitar. Mas é claro, sempre respeitando a autonomia do idoso e um pouco da sua privacidade, porque já é suficientemente complicado o idoso ter deixado a sua casa para entrar para o lar. E já para não falar também da responsabilidade das pessoas, mas muitas delas não querem saber e não estão para se incomodar... Mas também conheço famílias que visitam os seus familiares ou telefonam, mantendo sempre um certo contacto e uma certa preocupação (...)” (Sr. Duarte)</p>
--	---

	<p>“É um mal necessário. E o ideal seria mesmo estar em casa com a família. Mas é complicado... Primeiro porque ou não há instalações para ter os idosos em casa... E depois porque não há formação adequada para os poder encaminhar... E já visitei alguns lares que gostei do que vi e outros que não gostei (...)” (Sr. Correia)</p> <p>“(…) Preferia estar na minha casa na terra com a minha mulher, e gostava que houvesse um grupo de pessoas que a uma determinada hora do dia fossem a casa das pessoas visitar os idosos e ver se estava tudo bem e se precisavam de alguma coisa, porque a nossa casa é o meio familiar onde nos sentimos bem (...) E penso assim porque ao longo do tempo, a experiência e vivência que tive com os meus pais, foi muito enriquecedora...” (Sr. Correia)</p> <p>“(…) Mas não há nada como a nossa casinha... E muita gente não quer ir para lares por causa da imagem negativa que está construída à volta dos mesmos... Por causa do mau tratamento das pessoas idosas, da falta de formação do pessoal (...)” (Sr. Correia)</p>
--	--

## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DO GRUPO – CENTRO DE CONVÍVIO

Temáticas	Excertos e identificação das entrevistas
<p>Percepção sobre o processo de envelhecimento</p>	<p>“Vejo de forma natural, o viver, o nascer e o morrer. E deve ser encarada com dignidade. Mas quando estamos sozinhas, torna-se mais penoso, sobretudo quando o marido parte. A minha única filha é diplomata e está nos Estados Unidos há 11 anos, e só costuma vir cá de 4 em 4 anos. Quem tem muitos filhos, é mais fácil (...)” (D.<sup>a</sup> Amélia)</p> <p>“É um processo natural e vivo um dia de cada vez. Desde que comecei aqui no Convívio há 20 anos, tornei-me visitadora de doentes, faço parte da Legião de Maria e quase todos os dias venho para aqui para o convívio. Mas só me sinto mais em baixo quando estou sozinha em casa, e por isso evito ficar sozinha em casa com a companhia da televisão. Tenho 6 filhos, 13 netos e 2 bisnetos, e eles lá têm a vida deles, mas todas as noites falamos no skype. Sou uma privilegiada!” (D.<sup>a</sup> Lurdes)</p> <p>“Estou cá em Lisboa há 46 anos e sempre desempenhei muitas actividades aqui na paróquia, desde aulas de ginástica, passeios, pintura, trabalhos mauais e até catequese. Também tirei alguns cursos na FITI (Federação das Instituições da Terceira Idade). E portanto, sempre tive uma vida muito activa e o importante é saber envelhecer.” (D.<sup>a</sup> Graciete)</p> <p>“É muito triste, é uma fase muito triste sobretudo quando perdemos o marido, as noites são mais complicadas, sinto-me mais sozinha. Mas</p>

	<p>durante o dia tento manter-me o mais ocupada possível. Os meus filhos telefonam-me todos os dias, graças a Deus. Vou às compras, ao médico, aqui ao convívio e à missa, todos os dias.” (D.<sup>a</sup> Fernanda)</p> <p>“(…) Já estou há 40 anos em Lisboa e antes de o meu marido falecer não pensava nisso sequer. Mas agora passo noites horríveis, sem pregar olho, muito sozinha. E tenho bons vizinhos que me tratam bem e se preocupam comigo. Também tenho 2 filhos e 4 netos, que ajudei a criar, e com os quais tenho uma boa relação e me ajudaram sempre muito, sobretudo desde que o pai faleceu... E aqui o convívio ajuda bastante.” (D.<sup>a</sup> Lucinda)</p>
<p>Percepção sobre as instituições e serviços de apoio a pessoas idosas</p>	<p>“A existência de instituições e outros serviços é fundamental. E devia haver mais apoios. Mas com esta crise é complicado... E acho que as instituições da Igreja e as Misericórdias são muito importantes, apesar de eu conhecer pessoas que nunca gostam de aceitar o facto de que mais tarde ou mais cedo vão precisar de ajuda, aliás todos nós, não é?” (D.<sup>a</sup> Amélia)</p> <p>“Do que conheço há bastantes equipamentos e instituições e os serviços são muito importantes, todos os serviços existentes claro, mas devia haver mais apoios sobretudo aqui na Paróquia. O que quero dizer é que devia haver uma pessoa qualificada para orientar o Grupo Renascer mas a Segurança Social não tem verbas (...)” (D.<sup>a</sup> Lurdes)</p> <p>“Acho que é muito importante, primeiro porque a população está a envelhecer cada vez mais depressa e uma diversidade de serviços é bom para dar resposta a vários tipos de necessidades das pessoas mais velhas.” (D.<sup>a</sup> Graciete)</p>

	<p>“Há muitas instituições a ajudar muito mais, graças a Deus. Muito boa gente a ajudar os mais velhos e que mais precisam. Aqui o refeitório social e o apoio domiciliário são dois serviços muito importantes, porque a maioria das pessoas aqui em benfica são idosas e pobres...” (D.<sup>a</sup> Fernanda)</p> <p>“Acho que ainda não há apoios suficientes ou então alguns idosos é que não querem. Assim que o meu marido faleceu, procurei logo de seguida algo para me distrair. Comecei hidroginástica, actividades aqui na Paróquia e o Centro de Convívio. Mas há mais apoios do que antigamente. Olhe uma coisa que gostei muito de saber foi que na minha terra há um Centro de Dia que funciona todo o dia, e serve pequenos-almoços, almoços e jantares (...) E é uma pena não termos aqui o Apoio Domiciliário 24 horas, sábados e feriados, mas é uma hipótese a ponderar.” (D.<sup>a</sup> Lucinda)</p>
<p>Papel da sociedade civil para com as pessoas idosas</p>	<p>“Bom, sim, as pessoas ainda se preocupam, graças a Deus, sejam algumas famílias e vizinhos e até mesmo aqui a Paróquia apoia bastante... Mas acho que os jovens já não respeitam as pessoas idosas como antigamente, como não respeitam ninguém, nem os próprios pais (...) Vê-se uma irreverência muito grande e o ambiente também não ajuda, é claro...” (D.<sup>a</sup> Amélia)</p> <p>“Não sei se há preocupação suficiente, mas graças a Deus ainda há vizinhos preocupados, pessoas humildes, que tomam iniciativa de telefonar e se preocupam, sobretudo desde que se ouve nos telejornais o aparecimento de pessoas mortas em casa. Assim, os vizinhos têm na sua posse as chaves de casa da pessoa idosa e sempre que for preciso, vai lá dar um saltinho (...) Nas aldeias, ainda há um certo atraso em</p>

	<p>termos de apoios, e muitas das vezes, recorre-se aos bombeiros ou à polícia (...)" (D.<sup>a</sup> Lurdes)</p> <p>"Ui, isso agora é o que está na moda, então na televisão vê-se imensa coisa, desde encontros, passeios, entre outras coisas. E acho muito bem que se continue a divulgar assim esta preocupação com os mais velhos..." (D.<sup>a</sup> Graciete)</p> <p>"Bem, a mentalidade de agora é diferente, e até fico parva com a má educação e a falta de respeito que vejo, mas há mais instituições e respostas para os idosos, sobretudo da Igreja e das Misericórdias e ainda bem, porque cada vez mais as famílias não podem ter os seus mais velhos em casa, não têm tempo e não há espaço (...) São outros tempos..." (D.<sup>a</sup> Fernanda)</p> <p>"(...) Acho que ainda há respeito e preocupação, daí, penso eu, o aumento do número de instituições e serviços às pessoas idosas (...) E então na televisão ouve-se imenso falar sobre o envelhecimento e as iniciativas e os passeios. Está na moda!" (D.<sup>a</sup> Lucinda)</p>
Percepção sobre os lares de idosos	<p>"(...) É um mal necessário, mas só em último caso é que eu acho que se deve entrar num lar. Tirar as pessoas do meio familiar é complicado porque todos gostamos da nossa casa... Temos a nossa vivência, os nossos objectos pessoais, a nossa história (...) E não me agrada, como já vi, um grupo de pessoas numa sala sentadas à frente da televisão e à espera da morte (...) No entanto repare, os pais trabalham, os filhos vão para a escola, e quem é que fica a tomar conta dos velhos em casa? É porque há um determinado ambiente familiar, pai, mãe e filhos, e se entra outra pessoa, que tem outros hábitos, como é? Há uma grande</p>

	<p>mudança de rotinas e há pessoas e famílias que não gostam disso... E um bom lar custa dinheiro, e neste momento, as pessoas não têm dinheiro para irem para um lar bom, então vão para os da Segurança Social e muitas vezes as empregadas também não são muito generosas nem meigas...” (D.<sup>a</sup> Amélia)</p> <p>“E antigamente as pessoas ficavam nas casas até à morte e os filhos tomavam conta e agora não, agora é cada um no seu trabalho...” (D.<sup>a</sup> Amélia)</p> <p>“Só em último caso mesmo e tenho que aceitar (...) Já fui a alguns lares e confesso que não gostei do que vi (...) Mas isso seria um assunto que eu teria de falar com a minha filha (...) E penso assim por causa da minha educação e dos princípios que defendo, mas também temos olhos na cara para ver a realidade, e infelizmente não me agrada o que vejo... Há muita gente infelizmente que não tem outra possibilidade senão ser encaminhada para um lar (...)” (D.<sup>a</sup> Amélia)</p> <p>“(...) Tenho 6 filhos e estão todos ocupados e não sei se um dia não terei de ponderar ir para um lar. Qual deles cuidaria de mim? Pois, não sei, é complicado... Mas também para ter uma pessoa em casa 24 horas, a tomar conta de mim e a olhar para mim, é que nem pensar.” (D.<sup>a</sup> Lurdes)</p> <p>“Só em última alternativa. Se tiver que ser, é assim mesmo (...) Posso não aceitar algumas coisas dos meus filhos, algumas das suas decisões e estilos de vida, mas se eu levasse tudo à letra, acho que já estava sozinha há muito tempo... Mas já visitei alguns lares e não gostei de algumas coisas que vi, mas o que a Paróquia está a pensar construir, nem pensava duas vezes. E o nome lar é-me indiferente, é apenas uma</p>
--	---

	<p>questão de terminologia.” (D.<sup>a</sup> Lurdes)</p> <p>“(…) A formação das profissionais do lar também deve ser tida em conta, porque há pessoas que têm vocação e outras não... E portanto é um entre vários aspectos a melhorar nos lares... E confesso que não gosto de estar sozinha, mas bem acompanhada. E menina, entre estar em casa ou num lar, prefiro o lar, mas não sei o que os meus filhos pensam sobre o assunto (...)” (D.<sup>a</sup> Lurdes)</p> <p>“Bem, visitei muitos e alguns eram péssimos. E sabemos através de pessoas que lá estão, mas é claro que também há lares muitíssimo bons, só que são caros, e isso não quer dizer nada, pois podem ter excelentes instalações e o serviço e a forma de trabalhar ser horrível (...) Penso que os lares são um mal necessário. Há pessoas em casa que estão sozinhas e que não têm companhia, e portanto para certos casos, os lares até são melhores... E muitas vezes, as próprias famílias têm casas pequenas e não sei quê e não sei que mais, e não se interessam pelos velhos.” (D.<sup>a</sup> Graciete)</p> <p>“A minha filha fará tudo para que eu esteja na minha casa (...) Se ela achar que um dia já não consegue tratar de mim, então o lar será uma alternativa viável. Por exemplo, há pessoas nos hospitais, a quem os médicos querem dar alta, e não têm para onde ir, sobretudo naquelas situações quando os filhos não querem saber... E verdade seja dita, também somos uma despesa muito grande (...)” (D.<sup>a</sup> Graciete)</p> <p>“(…) As famílias (...) muitas não querem saber, outras graças a Deus preocupam-se (...) Mas acho que a partir do momento em que os idosos entram num lar, as famílias devem assumir alguma responsabilidade, nem que seja um telefonema diário ou uma visita</p>
--	---



	<p>semanal... Estamos a falar do próprio sangue! Mas há famílias que tratam os mais velhos de uma forma que me choca muito...” (D.<sup>a</sup> Graciete)</p> <p>“Há lares bons para quem tem dinheiro e há outros que são uma tragédia, e os idosos que lá estão, coitadinhos, sabe Deus o que lhes acontece! Eu cá confio nos lares da Igreja, porque nos outros que visitei vi muita falta de sensibilidade, formação e caridade para com os doentes.” (D.<sup>a</sup> Fernanda)</p> <p>“Tenho quase a certeza que os meus filhos não me deixariam ir para um lar, e além do mais, estar entre os seus até ao fim da vida é muito melhor do que morrer sozinha num lar (...) Mas esse é um aspecto a pensar depois em conjunto com os meus filhos (...)” (D.<sup>a</sup> Fernanda)</p> <p>“(…) As minhas gerações anteriores sempre cuidaram dos seus em casa, até à morte. E eu cuidei dos meus pais e dos meus avós até morrer, mas tenho mesmo muita pena de quem é idoso e não tem família nem ninguém que se preocupe com eles... E assim os lares são a melhor solução (...) Mas enquanto eu puder estar na minha casa, nem penso duas vezes. Só mesmo em último caso (...) Só fui a dois lares visitar duas pessoas amigas e não gostei do que vi... Pessoas sentadas à frente da televisão sem se mexer, pareciam hipnotizadas... E estas coisas acentuam a imagem negativa que se tem dos lares, sem necessidade. As pessoas têm medo de ser maltratadas, mas há lares e lares e há pessoas especializadas e há pessoas que não têm vocação nenhuma (...)” (D.<sup>a</sup> Lucinda)</p> <p>“(…) A instituição para manter uma boa imagem, tem de (...) apresentar qualidade nos serviços que disponibiliza e nos profissionais</p>
--	---

	<p>que a representam, por isso é que estamos a pagar (...) As famílias vê-se o que acontece em muitos hospitais (...) Abandonam-os lá... Vão só lá pagar e entregar o cheque (...) Isto revolta-me bastante porque tenho conhecimento de várias situações (...)” (D.<sup>a</sup> Lucinda)</p>
--	---

## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DO GRUPO – SERVIÇO DE APOIO DOMICILIÁRIO

Temáticas	Excertos e identificação das entrevistas
<p>Percepção sobre o processo de envelhecimento</p>	<p>“(…) Por um lado é sinal que cá estamos, mas por outro lado, sem saúde ou com pouca, torna-se mais complicado. Mas eu sentia-me melhor na terra... Nasci lá e fiz lá toda a minha vida. Além de que os ares do campo são mais puros e lá sempre saía de casa e passeava um pouco pelo campo (...)” (Sr. António)</p> <p>“(…) Mais ou menos (...) Desde a morte do meu marido que as coisas são mais complicadas, tenho muitas saudades... Encaro de forma natural, faz parte da vida. Às vezes digo que já cá não estou a fazer nada, que só dou trabalho, mas não sei se o que estou a dizer é pecado ou não. Mas um dia vou partir e a minha filha não gosta que eu diga isto (...)” (D.<sup>a</sup> Isabel)</p> <p>“Encaro bem, é natural com um pouco de ajuda agora com a saúde debilitada. Mas reformei-me porque fui obrigado e já tinha os anos de serviço cumpridos apesar de, na altura, ainda me sentir com capacidades. E agora também tenho ajuda da minha esposa, e lá conseguimos dar a volta por cima.” (Sr. José)</p> <p>“Não ligo nada a isso, sempre tive a genica que tenho agora. E tenho aqui o meu altar com todos os santinhos e tenho um quintal que me ajuda a ocupar o tempo. O próprio médico dá-me os parabéns porque com esta idade ainda tenho uma certa lucidez e falo muito bem. É pena é ter uma úlcera no estômago e alguma dificuldade em andar, mas se</p>

	<p>não fosse isso até ia para o centro de convívio.” (D.<sup>a</sup> Luísa)</p> <p>“São os anos que vão passando. Mas tenho encarado bem, e por enquanto ainda me vou mexendo. Mas antes eu fazia muita coisa e era activa... Agora é que me sinto mais sozinha, sobretudo à noite... Tenho uma filha que mora em Leiria e o meu filho é que mora mais perto e costuma vir cá visitar-me (...)” (D.<sup>a</sup> Aurora)</p>
<p>Percepção sobre as instituições e serviços de apoio a pessoas idosas</p>	<p>“Cada vez são mais importantes, pois a idade quando avança pode trazer muitos problemas atrás e depois como é? Se a família não assumir o seu dever, é bom que haja instituições e serviços que dêem apoio e mantenha a Terceira Idade ocupada (...) O centro de dia, o apoio domiciliário, o centro de convívio, são tudo respostas necessárias.” (Sr. António)</p> <p>“Mudam-se os tempos, aumentam as pessoas idosas e a crise... Como é que os mais novos podem suportar os mais velhos?” (D.<sup>a</sup> Isabel)</p> <p>“Para cada caso, para cada pessoa com ou sem dependência, há respostas para cada tipo de necessidades, o que é muito importante nos dias de hoje, porque há muitas pessoas que quando se reformam ainda se sentem capazes de continuar no activo, é o chamado saber envelhecer (...) E esse sentir-se envelhecer também depende muito da nossa força de vontade (...) E o apoio domiciliário dá uma grande ajuda e o centro de convívio também é muito bom... Mas é preciso mais iniciativas e divulgação porque há muita gente que não sabe (...)” (Sr. José)</p> <p>“As instituições são muito importantes, porque como fui enfermeira</p>

	<p>via muitas pessoas a ficar sozinhas nos hospitais e ficava com pena delas... Muitas não tinham família e se tinham não lhes ligavam... O apoio domiciliário olhe, faz-me muito jeito porque já tenho dificuldade em movimentar-me e ajuda-me bastante e todas as outras pessoas que precisam... E gostava muito de frequentar o centro de convívio, mas as minhas pernas (...) Os apoios financeiros que existem são necessários e conforme a situação dos idosos, se têm ou não têm, se precisam ou não precisam (...)” (D.<sup>a</sup> Luísa)</p> <p>“Antes não havia tantos apoios, agora começa a haver mais e nas aldeias também. E são muito importantes. Olhe, por exemplo, o apoio domiciliário é muito importante para mim.” (D.<sup>a</sup> Aurora)</p>
<p>Papel da sociedade civil para com as pessoas idosas</p>	<p>“Ainda há preocupação, mas menos respeito. As pessoas mais novas vêem os idosos de forma diferente do que eles realmente são (...) Os mais novos têm hábitos diferentes dos antigos e nós mais velhos fomos habituados a outros tempos e a outras coisas... Deitava-me muito cedo, e agora tenho netos que chegam tarde a casa, e isso para mim faz muita diferença, a mudança de rotinas. Eles respeitam-nos e falam connosco, mas somos quase uns estranhos para eles (...)” (Sr. António)</p> <p>“É conforme. Há pessoas que ainda se preocupam, mas há outras, certos filhos por exemplo, que não são como deve ser... E isto é fruto dos princípios da educação que tiveram e da maneira de ser de cada um. Há muita miséria espiritual, moral e física (...)” (D.<sup>a</sup> Isabel)</p> <p>“(...) Isto antigamente era diferente, as pessoas eram mais educadas e generosas... Agora com esta crise, as pessoas pensam mais em si e no seu bem-estar e esquecem-se um pouco do resto (...) Na minha altura</p>

	<p>era difícil estudar e os pais faziam muito sacrifício e os filhos reconheciam... Mas actualmente há muita coisa, muito mais facilitismo, mas as pessoas são menos educadas (...) Agora nota-se mais diferenças na maneira de ser das pessoas, na mentalidade, na educação que os pais dão aos filhos e depois é o que se vê... A forma de ser e a solidariedade e a generosidade já não são as mesmas... Perderam-se certos valores desde o 25 de abril... Além de que a vida aqui na cidade é diferente.” (Sr. José)</p> <p>“Algumas pessoas ainda se preocupam e têm respeito, tenho aqui algumas vizinhas que me ajudam no que puderem e no que eu precisar... Mas como agora nem tenho saído muito por causa da dificuldade em andar, não lhe posso dar uma resposta melhor (...)” (D.<sup>a</sup> Luísa)</p> <p>“A maioria não se preocupa nem respeita, e dizem que só damos trabalho e despesa... Mas a gente não tem culpa, e além do mais, todos vão chegar a esta fase e depois como é? Pois, é complicado...” (D.<sup>a</sup> Aurora)</p>
Percepção sobre os lares de idosos	<p>“Verdade seja dita, não gosto de lares. A minha sogra esteve num lar e ia visitá-la sempre que podia e (...) via de tudo, alguns doentes, outros amarrados, outros babados e outros com Alzheimer... Mas não sei para o que estou guardado. Se tiver que ser, pronto... Mas quero ver se faço os possíveis para eu e a minha mulher não irmos (...)” (Sr. António)</p> <p>“(…) Mas por exemplo, no caso da minha mãe, o lar foi mesmo a última alternativa, mas até lá, pusemos alguém a tomar conta dela em casa, mas também é preciso dinheiro para pagar (...) E as famílias</p>

	<p>devem sempre manter contacto com os seus velhos, faz parte do código, não é?” (Sr. António)</p> <p>“(…) O meu pai que esteve muito mal esteve 7 meses num lar aqui em Lisboa, e saiu para dar entrada num lar em Algés, com muito melhores condições e onde foi muito bem tratado. Mas ele disse-me que não queria ir e queria estar perto de mim, mas eu não tinha condições... E portanto um lar é um mal necessário, que só deve ser ponderado em último caso, apesar de não ser a mesma coisa como a nossa casa. Quando digo à minha filha para me pôr num lar, que assim não lhe dava tanto trabalho, ela diz que não ganhamos para isso e por enquanto não vale a pena pensar nisso. Mas também lhe digo, se fosse mesmo necessário, eu ia. E também para estar aqui alguém o dia todo a cuidar de mim, é uma despesa muito grande e eu não tinha paciência (...)” (D.<sup>a</sup> Isabel)</p> <p>“Da parte da instituição deve haver respeito pelas pessoas e uma boa formação humana das profissionais. Da parte do idoso deve haver compreensão pelas regras da instituição e que se sinta o mais à vontade possível dentro da instituição (...) Quanto às famílias, não há muito a dizer, porque é a nossa família, não é? Há aquelas que se dão mal e não querem saber se está tudo bem ou não, e há aquelas que são uma benção e uma graça de Deus (...)” (D.<sup>a</sup> Isabel)</p> <p>“Encaro muito mal e seria uma transformação muito grande (...) E infelizmente se isso acontecer, e tiver que ser, pronto... As filhas também têm as vidas delas e não têm muito tempo... Mas eu e a minha mulher juntos conseguiremos ultrapassar essa situação (...) Há alguns anos, (...) fomos a um lar da Misericórdia e gostámos bastante, as pessoas eram muito bem tratadas, humanamente bem tratadas. Mas as</p>
--	--

	<p>             pessoas que estavam na sala de estar pareciam que estavam a aguardar a morte e isso assusta... Apesar de termos gostado imenso das instalações e da forma como as funcionárias tratavam as pessoas, mas pronto... O que gostamos mesmo é de estar em casa! Só que a partir do momento em que eu perder certas capacidades, teremos de ponderar essa possibilidade, infelizmente (...)" (Sr. José) </p> <p>             “A pessoa quando recorre a um serviço ou a uma instituição sabe o que vai fazer, é uma decisão própria (...) Então sabe que há regras apresentadas e que têm de ser respeitadas (...) Por isso, ainda bem que existem instituições para a terceira idade porque fazem muita falta, e refiro-me ao apoio domiciliário, ao centro de convívio, à universidade sénior, aos passeios da paróquia, entre tantas outras coisas (...) E as famílias também têm o seu papel ou pelo menos deveriam ter, não é? Já ouvi muita coisa e não custa nada fazer uma visita ou um simples telefonema (...) E depois é a falta de tempo, os empregos, os filhos, basta olhar para o panorama actual... É difícil (...)” (Sr. José) </p> <p>             “(...) Enquanto eu puder andar e fazer as minhas coisas, fico na minha casa... Só quero alguém que me telefone e me venha ver de vez em quando, para saberem se estou viva ou morta... É muito triste aqueles casos de velhos mortos em casa e fico assustada... E não tenho ninguém, nem sobrinhos, já partiram todos... Ainda bem que a minha vizinha tem a chave da minha casa (...)” (D.<sup>a</sup> Luísa) </p> <p>             “(...) Lar só mesmo quando eu não puder... Porque gosto de estar no meu espaço próprio, e é assim que eu penso e é assim que eu gosto e quero (...) E acho e já ouvi e vi que as pessoas que vão para alguns lares ficam paradas e eu não quero isso para mim... Só quem lidou com doentes é que sabe dar o devido valor e eu sei muito bem. Ou se tem </p>
--	---



	<p>muita sorte e se tem uma família como deve ser, ou então é preferível não ter família. É chocante quando os do nosso sangue não querem saber de nós... E num lar ou a pessoa é bem tratada e se sente bem, ou então morre depressa... E já vi tanta coisa! Deus me livre!” (D.<sup>a</sup> Luísa)</p> <p>“Se realmente tivesse que ser e já não tivesse capacidades para fazer as coisas sozinha, que remédio! Mas acho que no lar eu estaria melhor do que ficar em casa sozinha... Eu costumo ver na televisão falarem de certos lares que até temos muita vontade de ir para lá, e depois também sabemos que há outros lares que nem pensar... E acho que os meus filhos não se importavam que eu fosse para um lar... Mas não há nada como a nossa casa (...) Mas se eu pudesse pagar, preferia ter alguém aqui em casa a tomar conta de mim... Mas é muito dispendioso (...) A idade não perdoa (...)” (D.<sup>a</sup> Aurora)</p>
--	--

## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DO GRUPO – LAR

Temáticas	Excertos e identificação das entrevistadas
<p>Percepção sobre o processo de envelhecimento</p>	<p>“Ao princípio reagi muito mal, porque não queria estar afastado dos meus irmãos, e também por causa do feitiço de duas funcionárias, mas depois de elas terem saído, agora está tudo melhor... Cá passo os dias no quarto ou a ver televisão... E o tempo vai passando.” (Sr. Manuel)</p> <p>“É triste quando se entra num lar, não me sinto propriamente feliz... Mas tenho tido visitas da minha filha e de pessoas amigas o que ainda me vai animando, e a televisão aqui também ajuda a passar o tempo.” (D.<sup>a</sup> Natália)</p> <p>“Tenho vivido bem, gosto de cá estar, sinto-me acompanhada e tratam-me bem... Apesar de ter poucas visitas das minhas filhas, também sei que elas não me podiam ter em casa delas por causa do trabalho e da falta de tempo e essas coisas, mas fiz outras amizades aqui que ajudam a passar o tempo, e as funcionárias também são atenciosas.” (D.<sup>a</sup> Júlia)</p> <p>“Olhe, tenho vivido dentro dos possíveis. Não casei, não tenho filhos... Tenho apenas um sobrinho que me visita todas as semanas e me telefona todos os dias... Ainda há alguém que se lembra de mim (...) E aqui as pessoas são muito atenciosas.” (D.<sup>a</sup> Beatriz)</p> <p>“É muito triste, é mesmo a coisa mais triste que há! Estou cá há 2 anos e fui-me habituando... Mas custa muito... Eu tomei conta dos meus pais até à morte deles... Mas agora esta juventude nunca tem tempo</p>

	<p>para nada... Passo os dias a ver televisão e falo pouco com as pessoas, mas rezo muito aos meus santinhos e a Jesus Nosso Senhor... Ai, mas que dor de alma tão grande!” (D.<sup>a</sup> Laura)</p>
<p>Percepção sobre as instituições e serviços de apoio a pessoas idosas</p>	<p>“Acho que é importante, então agora cada vez mais, há muita gente sozinha em casa, e os filhos têm uma vida de trabalho muito preenchida e é complicado... Aqui no lar foi uma questão de integração e hábito... E que remédio estar aqui.” (Sr. Manuel)</p> <p>“É positiva, em parte. Há boas e más instituições, que prestam bons e maus serviços. E não devia ser assim, porque estamos a lidar com seres humanos (...) Mas há cada vez mais velhos e menos jovens, e é essencial pensarmos a longo prazo. Há pessoas que vivem sozinhas, outras não sabem o que fazer depois da reforma, outros não se dão bem com os familiares e a existência de instituições e serviços é uma boa alternativa.” (D.<sup>a</sup> Natália)</p> <p>“Acho que são muito importantes, sobretudo quando se ouve nas notícias que as pessoas idosas são cada vez mais... E tem que haver coisas assim para nos ajudar (...) A vida dos filhos anda muito agitada e por que razão havíamos de dificultar-lhes ainda mais a vida? Se não houvesse estas ajudas e instituições, até se percebia... E eu falo pela vida das minhas filhas, ambas médicas e passam pouco tempo em casa devido aos horários... Mas se existem estas respostas, claro que são importantes.” (D.<sup>a</sup> Júlia)</p> <p>“Acho importante pois a idade avança e nem todos têm a sorte de ter familiares ou filhos disponíveis para tratar de nós, em casa por exemplo... Mas no meu caso não quis nem casar nem ter filhos por</p>

	<p>opção própria... Criei os meus sobrinhos e como ambos trabalham fora de Lisboa, chegámos à conclusão que eu não podia andar a reboque com eles sempre de um lado para o outro e ficar sozinha em casa... Com as minhas falhas de memória nem me podiam deixar em casa sozinha, seria impossível e eu também não queria estranhos a cuidar de mim (...) Por isso, como vê, devido a estas e outras razões, acho cada vez mais importante haverem instituições que apoiem as pessoas mais velhas.” (D.<sup>a</sup> Beatriz)</p> <p>“Acho muito importante, fazem muita falta... Já que não podemos contar com alguns filhos e familiares, ao menos que hajam instituições que prestem bons serviços e disponibilizem respostas tanto para mim como para pessoas com mais idade (...) Os tempos mudaram... Aliás, assim que as pessoas se reformam não podem estar paradas, devem continuar activas enquanto puderem, e enquanto houver respostas assim, é bom para o futuro.” (D.<sup>a</sup> Laura)</p>
<p>Papel da sociedade civil para com as pessoas idosas</p>	<p>“Mas hoje em dia é diferente, dantes havia mais respeito e consideração... A educação era outra.... Mas ainda assim existem bastantes instituições e serviços para apoiar os idosos... É pena as atitudes de alguns filhos ou outros familiares (...) E também é uma pena alguns lares serem tão caros.” (Sr. Manuel)</p> <p>“Mais ou menos (...) A menina sabe que os tempos são outros! Não se valorizam certas coisas hoje em dia como dantes, acho eu, por exemplo, a velhice, a sabedoria, a experiência da vida... Mas graças a Deus ainda há pessoas boas... Acho que ainda podemos ter esperança nessas pessoas.” (D.<sup>a</sup> Natália)</p>

	<p>“Parece-me que sim, a mim tratam-me bem, talvez os mais jovens estejam um pouco mais deseducados (...) Mas por exemplo, em termos de respostas para os velhotes nem está mau de todo, é pena é cortarem sempre nas reformas... Mas pronto, ou as nossas famílias têm possibilidades para nos manter em casa ou então se ficamos doentes e eles mal têm tempo para parar em casa, o que se há-de fazer? E eu também não queria ser um incómodo para o resto da família, é sempre chato porque gostamos de ter a nossa privacidade... Mas sim, creio que ainda há uma certa preocupação, mas não tanto como dantes.” (D.<sup>a</sup> Júlia)</p> <p>“Creio que sim, todos envelhecemos (...) E como vemos na televisão, se o número de idosos está a aumentar, é claro que aumenta a preocupação de todos, sobretudo dos governantes... Mas estamos a viver uma crise dos diabos.” (D.<sup>a</sup> Beatriz)</p> <p>“Alguma, ainda podemos ter esperança acho (...) Creio que talvez haja menos boa educação hoje em dia, mas em termos de respostas de apoio aos idosos, há muita coisa... Há bons lares para quem pode... E há aqueles pronto, para quem menos pode... Mas o essencial é a relação humana entre a pessoa, nós os idosos, e os funcionários que tratam de nós... E eu sou muito bem tratada cá.” (D.<sup>a</sup> Laura)</p>
Percepção sobre os lares de idosos	<p>“A minha opinião vai ser como residente neste lar já há 16 anos... E são bastantes anos... Mas se eu não tivesse vindo para aqui, não tinha mais para onde ir, não sou casado nem tenho filhos... Os meus pais já morreram e nunca tiveram grandes possibilidades financeiras, e não quero ser pesado aos meus restantes irmãos... De vez em quando vêm-me visitar e trazem-me roupa e comida... Aqui sinto-me bem, mas</p>

	<p>claro o lar seria a última das alternativas.” (Sr. Manuel)</p> <p>“Os meus irmãos decidiram que seria o melhor para mim, e eu em parte concordei, porque nem me dava muito bem com eles e eles não têm possibilidades financeiras para me ter com eles... Além de que tenho alguns problemas psicológicos, mas pronto...” (Sr. Manuel)</p> <p>“À partida quando alguém escolhe uma instituição, lar neste caso, ou outro serviço qualquer, toma conhecimento das regras da casa... E é sempre complicado porque somos seres humanos (...) e gostamos um pouco das coisas à nossa maneira, dos nossos horários, de certo tipo de comida (...) Mas se forem respeitadores e atenciosos conosco como com qualquer um, a relação e adaptação tornam-se um pouco mais fáceis, menos penosas.” (Sr. Manuel)</p> <p>“Olhe, já cá estou há 12 anos e se não estivesse aqui, estava no hospital. Por isso, não desgosto de cá estar, tenho boas relações com as pessoas e os lares são necessários em último caso, e infelizmente é o que se vê mais...” (D.<sup>a</sup> Natália)</p> <p>“A minha filha falou comigo e ambas concordámos. Tenho uma boa relação com ela, mas visto ela passar pouco tempo em casa devido ao trabalho e não ter grandes possibilidades financeiras, se eu não estivesse aqui no lar, estava no hospital...” (D.<sup>a</sup> Natália)</p> <p>“(...) Dou-me bem com todos. O lar é uma segunda casa, mas com regras e princípios... Quem gosta, muito bem (...) Quem não tem outra hipótese, tem que se conformar... Mas é triste...” (D.<sup>a</sup> Natália)</p> <p>“Bem, eu gosto de cá estar, já passaram 9 anos... Como estive muito</p>
--	--

	<p>tempo em Santa Maria e mal consigo andar, as minhas filhas falaram comigo sobre a possibilidade de eu vir para aqui, e como conheci pessoas amigas que estiveram aqui e não falaram mal, olhe aqui estou eu (...) Mas ninguém gosta de sair de ao pé dos seus nem do conforto da sua casinha, não é? Mas a vida tem destas coisas...” (D.<sup>a</sup> Júlia)</p> <p>“Foram as minhas filhas, e eu percebo a difícil decisão que elas tomaram... Estive muito tempo internada em Santa Maria por causa da falta de forças nas pernas e ainda mal consigo andar, as dores são muitas... E devido ao emprego delas, era complicado... E também estar em casa com uma pessoa a cuidar de mim, durante o dia inteiro, não sei se iria gostar... Aqui sinto-me bem...” (D.<sup>a</sup> Júlia)</p> <p>“As pessoas escolhem um determinado local e têm conhecimento das regras da casa e até podem visitar o espaço... Pode agradecer-lhes ou não... Mas às vezes por uma questão de proximidade até lhes dá jeito... Outras vezes é o tratamento das funcionárias que é bastante bom, e valorizo bastante esse aspecto... A privacidade não é a mesma como nas nossas casinhas, mas se formos alimentados e bem tratados, com afecto e respeito, não há razões de queixa... Mas graças a Deus, ainda há boas instituições hoje em dia (...)” (D.<sup>a</sup> Júlia)</p> <p>“Duas palavras: que remédio! Confesso que já estive noutra lar e não gostei... Mas foi como lhe disse há bocado, há quem tenha boas famílias, há quem tenha más famílias, e há quem esteja sozinho... Infelizmente, os lares são precisos, vê-se realmente muita miséria, muitos idosos a morrer sozinhos em casa... Mãe Santíssima!” (D.<sup>a</sup> Beatriz)</p> <p>“Eu e os meus sobrinhos decidimos... Veja, tenho pouca saúde (...) E</p>
--	---

	<p>quando ainda era autônoma e tinha a minha casinha lá em Viseu, ainda me metia no carro e fazia tenção de ir visitar os meus sobrinhos, mas morar com eles? Nem pensar! Não há nada melhor como estarmos na nossa casinha, estar à vontade, sair da cama às horas que quisermos, há momentos em que as dores são mais intensas e descansamos mais um bocadinho... E portanto, aqui mesmo assim ainda me sinto bem e tratam-me bem, e os meus sobrinhos telefonam-me (...)” (D.<sup>a</sup> Beatriz)</p> <p>“(...) Assim como o idoso procura a instituição e espera o melhor dela, também a instituição deve ser respeitadora de cada pessoa... Já vi muita coisa que não gostei, mas por exemplo agora sinto-me bem... Respeitam-me como sou e eu respeito os princípios da instituição... Mas há muitas situações que não são assim...” (D.<sup>a</sup> Beatriz)</p> <p>“Eu queria estar na minha casinha, claro... Mas são um mal necessário, como se costuma dizer... Há muitos idosos que estão nos hospitais e ninguém vai lá visitá-los... Não somos coisas para sermos esquecidas, somos pessoas! Visitei outros lares e vi coisas que não gostei, mas ao menos, aqui sou bem tratada e isso é que me interessa.” (D.<sup>a</sup> Laura)</p> <p>“Foi a minha filha que me pôs cá... Ela trabalha muito, tem um horário ingrato e não tem tempo para me ter em casa, nem espaço... A casa é pequena (...) Prefiro estar aqui e continuar a falar com ela, do que estar a dar-lhe mais trabalho lá em casa e estarmos zangadas...” (D.<sup>a</sup> Laura)</p> <p>“Se vamos ao encontro de uma determinada instituição ou procuramos um determinado serviço, sabemos que há princípios a serem cumpridos, mas também temos voz... Não há nada melhor como as instituições da igreja, temos o cariz religioso aliado ao cariz humano... De todos os lares que visitei foi isso que vi, uma profunda relação</p>
--	---



	<p>religiosa e de dedicação, uns melhores que outros... Mas o meu estado de saúde não me permitiu ficar mais longe, e aqui sempre tenho algumas visitas da minha filha... Apesar de tudo, é minha filha...” (D.<sup>a</sup> Laura)</p>
--	--